

CAPELA SÃO JOÃO



SALVAGUARDA E
RESSIGNIFICAÇÃO DAS
RUÍNAS EM UM PROJETO
DE TURISMO RURAL.



*Àqueles que a memória é
o bem que mais importa.*

S237c

Santos, Ana Beatriz Nabas dos

Capela São João : Salvaguarda e ressignificação das ruínas em um projeto de turismo rural. / Ana Beatriz Nabas dos Santos. -- Bauru, 2024

128 p.

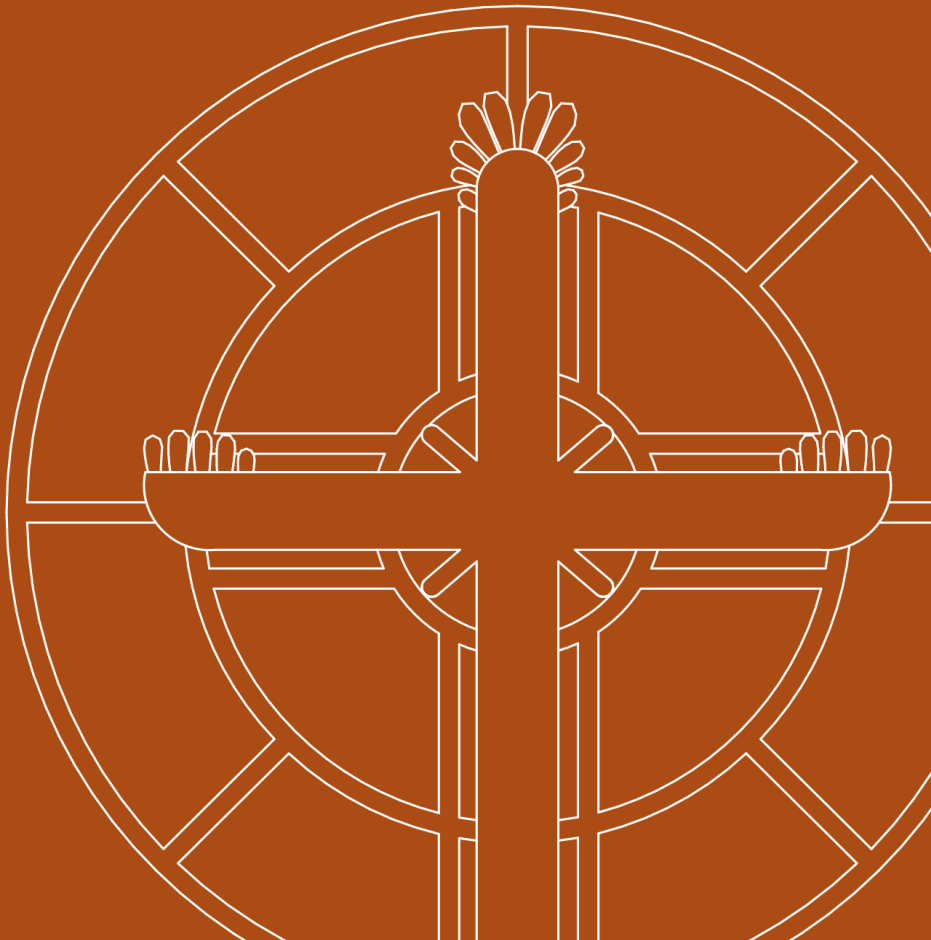
Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientador: Vladimir Benincasa

1. Capela São João. 2. Patrimônio rural. 3. Preservação. 4. Turismo rural. 5. Gália (SP). I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

CAPELA SÃO JOÃO:

SALVAGUARDA E RESSIGNIFICAÇÃO DAS RUÍNAS

EM UM PROJETO DE TURISMO RURAL.

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Departamento de Ar-
quitetura, Urbanismo e Paisagismo da Faculdade de Arquitetura, Artes,
Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” – UNESP, câmpus de Bauru, como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Discente: Ana Beatriz Nabas dos Santos.

Orientador: Prof. Dr. Vladimir Benincasa.

BAURU

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, Sônia e Donizete, e à minha irmã, Letícia, por me permitirem sonhar em estudar em uma faculdade pública, que se dobraram e desdobraram nos meus cinco anos de arquitetura e que aguentaram muitas vezes meus maus-humores com projetos. Especialmente este.

Aos meus avós, Dona Ana Isméria, que me deu o nome, e Seu Antônio, que não me deu a paciência, por serem os quais eu tento sempre o meu melhor e que nunca sairão da minha memória.

Às minhas companheiras de Unesp Bauru: Bianca Corvetto, Gabrielli Budart, Júlia Theodósio e Sabrina Meira, que passaram por muitos trabalhos, noites viradas e apenas dias comuns ao meu lado, me dando o prazer de poder chamá-las de amigas para o resto da vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Vladimir Benincasa por me guiar nessa jornada e em todo meu período como aluna.

E aos ex-moradores da Companhia Inglesa, que inspiraram esse trabalho: as memórias de vocês permanecem vivas.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo e de intervenção a Capela São João, que, originalmente, fazia parte do conjunto de edificações de uma importante fazenda cafeeira, a Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, fundada na década de 1920. A propriedade ficou conhecida como Companhia Inglesa, pois foi gerida por uma grande empresa agrícola de capital inglês. Situa-se na cidade de Gália (SP), no noroeste paulista. Atualmente, a maior parte das edificações criadas pelos ingleses já não existem mais. Uma das remanescentes é a capela, que se encontra em situação de degradação e abandono, mas, mesmo assim, tornou-se ponto de interesse de turismo cultural rural na região. Através de levantamentos métrico, fotográfico, busca por referenciais e documentos sobre a edificação, propõe-se uma intervenção projetual, considerando seu aspecto histórico e seus usos e significados atuais para a região.

Palavras-chave: Capela São João, Patrimônio rural, Preservação, Turismo rural, Gália (SP).

ABSTRACT

This work has as its object of study and intervention the Capela São João, which was originally part of the set of buildings of an important coffee farm, Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, founded in the 1920s. The property became known as Companhia Inglesa, as it was managed by a large agricultural company with English capital. It is located in the city of Gália (SP), in the northwest of São Paulo. Currently, most of the buildings created by the English no longer exist. One of the remains is the chapel, which is in a state of degradation and abandonment, but even so, it has become a point of interest for rural cultural tourism in the region. Through metric and photographic surveys, a search for references and documents about the building, a design intervention is proposed, considering its historical aspect and its current uses and meanings for the region.

Key-words: Chapel São João, Rural heritage, Preservation, Rural tourism, Gália (SP).

INTRODUÇÃO

“Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (Brasil, 1937).

A Capela São João, localizada em Gália-SP, foi tombada no ano de 2020 em âmbito municipal após despertar, por anos, o carinho e admiração da população local e de turistas por sua magnitude atemporal, além de ter sido local de grandes eventos que marcaram a história dos colonos que viveram no que um dia foi sede de um conjunto influente na região durante o ciclo do café: a Companhia Agrícola do

Rio Tibiriçá, ou Companhia Inglesa, como ficou conhecida.

Admirada pela sua arquitetura em estilo gótico inglês, atualmente, o edifício está abandonado e bastante degradado, mas se mantém como símbolo do que foi a Companhia Inglesa. Mesmo localizada no meio rural, distante das cidades vizinhas Garça e Gália, a capela atrai visitantes periodicamente. A região do município de Gália é local de circuitos de ciclismo e trilhas, além de também proporcionar alguns tipos de ecoturismo e turismo rural. A própria Capela São João é ponto de parada e de encontro de ciclistas da região, além de ponto turístico por si só, pela sua magnitude arquitetônica em meio a paisagem rural.

O presente trabalho tem como

objetivo a ressignificação e salvaguarda da Capela São João, em relação ao local em que está inserido, em estado de deterioração e abandono. Dessa forma, busca-se a compreensão de seu caráter arquitetônico e importância cultural para conceituar o projeto de restauração, além do estudo de sua funcionalidade como patrimônio de turismo rural.

Metodologicamente, foram usados os meios de pesquisa bibliográfico, documental, pesquisa de levantamento e estudo do local.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e trabalhos científicos (Gil, 2002, pág. 44).

Para o presente trabalho, foram consul-

tados materiais que abrangiam o tema de patrimônio cultural e arquitetônico bem como trabalhos temáticos sobre as fazendas paulistas, como o livro Fazendas Paulistas (Benincasa, 2008) e Ruínas da fazenda São João do Tibiriçá: inventariação e ressignificação de um patrimônio paulista (Silva Filho, 2020). Também, estudos de casos foram realizados para trazer maior referência sobre restauração e o uso de ruínas em projetos

Na pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa e que as fontes são muito mais diversificadas e dispersas em comparação com a pesquisa bibliográfica (Gil, 2002,

pág. 45). Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, capelas, bibliotecas, entre outros (Gil, 2002, pág. 46).

Também se utilizou de um formulário de perguntas. Basicamente, procede-se à solicitação de informações às pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados (Gil, 2002, pág. 50). Neste trabalho foram realizadas perguntas aos grupos de ciclismo, que utilizam o local como ponto de parada, para a obtenção de informações relevantes para a requalificação da Capela São João e de seu entorno.

Por fim, foi feito o estudo do local

onde está implantada a Capela São João, levando em consideração a análise do entorno e do próprio edifício para a restauração do objeto de estudo e também a criação de novos meios de entretenimento e equipamentos para o amparo aos ciclistas que frequentam a região.

Esse TFG, então, estrutura-se por:

O **Capítulo 1** “Patrimônio e Restauração” expõe a abordagem teórica onde se busca ter o embasamento sobre temas como patrimônio arquitetônico e conservação, as teorias do restauro, o conceito de ruínas e sua restauração, patrimônio rural e turismo rural, além de estudos de caso.

O **Capítulo 2** “A Companhia Agrícola Inglesa no contexto da expansão cafeeira no noroeste paulista” abrange brevemente

a situação do interior paulista, no desenvolvimento da agricultura do café e no prolongamento das estradas ferroviárias e na criação da Companhia Agrícola no período abordado.

O **Capítulo 3** “A Capela São João” trata, então, do objeto de estudo. Apresenta-se a história e significado cultural da Capela São João, o seu inventário e tombamento. Ademais, a prospecção arqueológica analisa seus materiais e estrutura, com enfoque nas tipologias de tijolos usados e os tipos de aparelho (assentamento) dos tijolos usados nas paredes durante a construção.

O **Capítulo 4** “Proposta Projetual” mostra a proposta de projeto criada para a área da Capela São João, a ser usada como memorial da antiga Companhia Inglesa, além do projeto arquitetônico adjacente de

um Centro de Apoio aos ciclistas e Cafeteria, além de informações como layout e materialidade.

Por fim, as Considerações Finais ponderam as reflexões acerca do desenvolvimento do trabalho e a finalização do mesmo.



um PATRIMÔNIO E RESTAURAÇÃO

1.1 Patrimônio arquitetônico e conservação

Segundo o Artigo 216, da Constituição Federal de 1988, o patrimônio cultural brasileiro constitui “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

O monumento é inseparável da história de que é testemunho e do meio em que se situa. Ele compreende toda criação isolada, em sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, acontecimento histórico ou evolução significativa. Entende-se como monumento não só às grandes criações, mas também as

obras modestas que tenham adquirido, com o tempo, significação cultural e postam, ao futuro, mensagens do passado de um povo e permanecem como testemunho de sua existência e tradições (Carta de Veneza, 1964).

Entretanto, é constatado que há uma tendência geral de abandono dos edifícios, sem tomadas de ações para prevenção de riscos ou manutenções regulares apropriadas para assegurar a conservação dos bens. Assim, há casos onde é imprescindível o ato da restauração (Carta de Atenas, 1931).

A conservação e a restauração dos monumentos visam a salvaguardar tanto a obra de arte quanto o testemunho histórico e por isso sua destinação é sempre para o favorecimento à sociedade, porém, é sempre uma operação de caráter excepcional (Carta



Figura 1: A Capela São João em dia de casamento, década de 1980. Fonte: Página “Juntos pela igreja da Companhia Inglesa Gália/SP” no Facebook. Fotos do Arquivo Pessoal de Suely Pinheiro e José Emídio.

de Veneza, 1964).

É preciso compreender que a arquitetura, quando perde seu uso social, transforma-se em arqueologia. Por isso, a conservação do monumento depende, primordialmente, da função. Os monumentos da Antiguidade que chegaram até nós íntegros foram aqueles que mantiveram uma função social continuada [...]. Portanto, um dos atributos principais da restauração arquitetônica, em qualquer época, é a reintegração do monumento na vida sociocultural. (AZEVEDO, 2008, p. 20).

A conservação se baseia no respeito à substância e não deve deturpar o testemunho nela presente e deve-se valer do conjunto de técnicas que, se não as tradicionais, que garantam eficácia e possuam bases científicas. Quaisquer intervenções na obra ou em seu entorno devem ser realizadas visando que, no futuro, não impeçam outra intervenção ou restauração (Carta

de Burra, 1980; Carta do Restauro, 1972). A conservação deve ser, portanto, considerada não como um problema marginal, mas como objetivo maior do planejamento urbano e territorial das cidades (Declaração de Amsterdã, 1975).

O patrimônio arquitetônico tem valor educativo determinante e importa, portanto, conservar os testemunhos de todas as épocas e experimentações. No entanto, o patrimônio é ameaçado pela ignorância, pela antiguidade, abandono e degradação sob diversas formas, e sua segurança e proteção só será assegurada quando houver tal compreensão pela população, especialmente das novas gerações (Manifesto de Amsterdã, 1975).

A educação patrimonial é ferramen-

ta necessária para se tratar da conservação pois, só com o apreço, principalmente das novas gerações, é que o patrimônio arquitetônico poderá sobreviver. Programas de educação em todos os níveis devem ser aplicados e encorajados por todos os tipos de organizações, abrindo espaço para pesquisas e programas de educação e desenvolvimento cultural (Declaração de Amsterdã, 1975).

1.2 Teorias do Restauro

Acontecimentos do final do século XVIII, como a Revolução Francesa, o Iluminismo e a Revolução Industrial, marcaram uma época de destruição com atos de vandalismo e saques às obras de arte e arquitetura como simbologia da destruição da

classe dominante. Essas ações alteraram a forma de relação de uma dada cultura com seu passado e acabou por despertar um sentimento de proteção aos monumentos históricos pela Europa. Com isso, vários estados, principalmente o francês, começaram a promover o interesse público pelos monumentos, visando sua preservação e salvaguarda (Salcedo, 2007; Kuhl, 2000).

Anteriormente, no entanto, houve reformas voltadas apenas a adaptação dos edifícios em virtude das necessidades da época, mas apenas no contexto dos séculos XIX e XX é que começaram a surgir as primeiras abordagens teóricas sobre a conservação e restauração de monumentos (Salcedo, 2013).

Em Roma, surge, no começo do

século XIX, o chamado “restauro arqueológico”, que teve como base o texto do papa Leão XII sobre a reconstrução da Basílica de São Pedro, onde é descrito que “nenhuma inovação deve ser introduzida nem nas formas, nem nas proporções, nem nos ornamentos do edifício, a não ser para excluir aqueles elementos que foram acrescentados após sua construção, por capricho da época seguinte” (Blanco, 2008, p.130 apud Salcedo, 2013, p. 27). Assim, segundo Salcedo (2013), entende-se que os monumentos são obras já concebidas de formas completas e imutáveis e que a intervenção se destina somente à conservação do edifício, sendo que, quaisquer elementos acrescentados em épocas posteriores, devem ser retirados.

Um dos primeiros nomes a serem lembrados na história da teoria do restauro é de Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879). O francês é uma personalidade no tema pois atuou numa época em que a restauração se estava firmando como ciência e foi autor de várias controvérsias (Kuhl, 2000).

Segundo ele, “restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento” (Viollet-le-Duc, 2000, p. 29).

Portanto, a restauração para Viollet-le-Duc era uma reprodução quase que fantasiosa de um edifício na época de sua construção e o restaurador encarregado deveria se colocar como “arquiteto primitivo”, procu-

rando sempre tentar entender ao máximo a obra a partir de pesquisas e documentações agindo como “o cirurgião habilidoso e experimentado, que somente intervém em um órgão após ter adquirido o conhecimento completo de sua função e ter previsto as consequências imediatas ou futuras da sua operação” (Viollet-le-Duc, 2000, p. 68).

Ao arquiteto também cabe complementar a obra, mas sempre levando em consideração a unidade estilística do período que o edifício foi construído.

Antes de mais nada, antes de ser arqueólogo, o arquiteto encarregado de uma restauração deve ser um construtor hábil e experimentado, não somente do ponto de vista geral, mas do ponto de vista particular; isto é, deve conhecer os procedimentos de construção admitidos nas diferentes épocas de nossa arte e nas diversas escolas. (Viollet-le-Duc, 2000, p. 49).

Seus princípios também iam em direção à manutenção constante dos monumentos, que o restauro não deve ser apenas da aparência, mas também da função do edifício, a importância dos levantamentos pormenorizados, do registro, da reutilização e que restauração é manter também o espírito da matéria. Princípios estes que são hoje levados em consideração durante a restauração (Kuhl, 2000).

Entretanto, segundo Kuhl (2000), a forma incisiva como Viollet-le-Duc atuava sob um monumento acabou condenando sua teoria. Como não se contentava em apenas fazer uma reconstituição hipotética do estado de origem, mas, sim, do que se deveria ter feito, buscando uma pureza de estilo, acabou impondo um modelo ideali-

zado que não respeitava as transformações do tempo e as modificações posteriores. E naquele momento, a ideia de uma cópia fielmente adquirida tinha o mesmo valor conceitual de um original (Salcedo, 2013).

A teorias de Viollet-le-Duc seguiam o oposto das que o inglês John Ruskin (1819 - 1900) propôs em sua obra *The Seven Lamps of Architecture*, em 1849. Ruskin pregava o respeito pelo que é original e a manutenção constante para evitar futuros restauros; também era contra a substituição dos materiais antigos por novos e a adulteração dos desenhos originais.

Camillo Boito (1836 - 1941) tem posição intermediária entre Viollet-le-Duc e Ruskin, pois sintetiza e elabora princípios que baseiam a teoria contemporânea de res-

tauração. Era defensor da manutenção da memória histórica do edifício e sua restauração, mas sem o extremismo de Viollet-le-Duc, além de acreditar que os acréscimos de épocas posteriores também faziam parte da história do edifício.

Ademais, diferente de Ruskin, era contra a ideia de deixar o monumento chegar ao estado de ruína, mas pontuava que era necessária a manutenção regrada e progressiva para evitar maiores restaurações futuras (Kuhl, 2000; Salcedo, 2013).

Em 1883, Boito apresentou, ao III Conselho dos Engenheiros e Arquitetos Italianos, os critérios de intervenção que foram adotados pelo Ministério da Educação. Estes são:

[...] a diferença de estilo entre o novo e o velho; diferença dos materiais de construção; supressão de linhas ou ornatos; exposição das velhas partes removidas, nas vizinhanças do monumento; incisão, em cada uma das partes renovadas, da data da restauração ou de um sinal convencionado; epígrafe descritiva gravada sobre o monumento; descrição e fotografia dos diversos períodos das obras, expostas no edifício ou em local próximo a ele, ou ainda descrições em publicações; notoriedade (Boito, 2000, p. 26).

A teoria de Boito foi bastante difundida e foi modificada e reformulada por alguns de seus alunos como Luca Beltrami e Gustavo Giovannoni. Beltrami (1854 - 1933) se distanciou de Boito ao admitir reconstruções e intervenções que seguissem o estilo original da obra, baseadas em estudos aprofundados de documentos e da própria obra (Salcedo, 2013). Segundo Blanco (2008, apud Salcedo, 2013) o

método que Beltrami seguia tratava de realizar uma cópia exata sem se preocupar com os valores históricos e culturais que a obra contém, mas apenas que fosse o mais próximo possível do original.

Giovannoni (1873-1947) foi um dos principais redatores da Carta de Atenas de 1931 e da Carta de Restauro Italiano de 1931. Seu método abarca o chamado “restauro científico”, que defende a conservação do monumento como documento histórico e obra de arte. Giovannoni apresenta o princípio da mínima intervenção e mínimo acréscimo e estabelece cinco modelos de ação: consolidar o edifício a partir de uma intervenção que seja técnica e não visível para garantir a permanência do mesmo; recomposição a partir de es-

cavações de restos do edifício; a liberação de acréscimo somente se necessário, desde que não destoe do original; e o não uso de inovações, a não ser que seja inevitável e, posteriormente, sejam identificadas como tal. Giovannoni também acrescenta o valor do urbanismo sobre o edifício, pois a arquitetura se expressa não somente em seu terreno, mas, também, no contexto onde está inserido, e isto lhe confere caráter e identidade (Salcedo, 2013).

Na década de 60, Cesare Brandi (1906 - 1988) formula seu conceito de restauro, onde expõe a ideia do edifício como obra de arte, com duas instâncias principais: a artisticidade e a histórica. Segundo Brandi, o “restauro constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte,

em sua consistência física e em sua dupla polaridade estética e histórica, com vistas a sua transmissão ao futuro” (Brandi, 1963: 34-36, apud Azevedo, 2008, p. 28). Brandi determina que apenas se restaura a matéria da obra de arte, pois seu valor cultural, significativo e histórico, está intrinsecamente presente e se for perdida sobrarão apenas destroços.

Também afirma que só se deve restabelecer a obra de arte de forma que não seja possível cometer qualquer tipo de falsificação artística ou histórica e sem apagar nenhum vestígio da passagem do tempo sobre ela (Azevedo, 2008). Tais propostas são diretamente contrárias às de Viollet-le-Duc, que propunha a complementação por analogia de estilos e o apagamento de

vestígios das épocas passadas.

Brandi define também três princípios na restauração que foram levados em consideração para a escritura da Carta de Veneza de 1964. Primeiro, toda integração deve ser reconhecível, mas sem causar qualquer infração à unidade do edifício original, ou seja, invisível à distância, mas perceptível de perto; segundo, toda matéria é insubstituível a não ser quando se trata do que é estrutural e pode ser modificado quando colaborar para a permanência da obra de arte; e, por fim, toda intervenção deve ser feita de modo que facilite novas intervenções futuras (Salcedo, 2013).

Com o avanço de diversos pensamentos teóricos sobre o restauro, começa a surgir, também, encontros e congressos

para se discutir a salvaguarda do patrimônio. São então desenvolvidas as cartas patrimoniais, sob grande influência dos pensadores, para uma regularização das ideias.

A Carta de Veneza é a primeira de muitas, surge no ano de 1964, elaborada pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Históricos, quando se realiza o II Congresso de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos - ICOMOS. A Carta propõe a conservação e restauração dos monumentos a partir da pesquisa histórica do mesmo, devendo ter caráter excepcional, sem possibilitar a adição de elementos novos ou parecidos, sem serem absolutamente necessárias e que sejam claramente diferenciáveis do original (Carta de Veneza, 1964), conceitos que vão de

encontro às ideias de Giovannoni.

Já em 1972, o Ministério de Instrução Pública, do governo da Itália, publica a Carta do Restauro, que considera a diferença entre a salvaguarda e a restauração, sendo, a primeira, uma medida que não implique intervenção direta na obra e, a segunda, como medida que se destina a manter a obra em funcionamento e que facilite a transmissão da mesma para o futuro. A Carta do Restauro, assim como a de Veneza, proíbe a adição ou remoção de elementos que possam resultar em qualquer tipo de apagamento da história do edifício, além de dar foco na importância da documentação de todo o processo de intervenção (Carta do Restauro, 1972).

Por fim, no ano de 1980, o Conselho

Internacional de Monumentos e Sítios Históricos - ICOMOS, publica a Carta de Burra, que traz definições importantes de termos e, principalmente, diferencia a restauração da reconstrução. Segundo a Carta, a restauração se dá para o restabelecimento da obra em um estado anterior da essência do bem e se limita à conservação do mesmo, enquanto reconstrução é o restabelecimento exato da condição anterior, quando o bem estiver comprometido com desgastes. A Carta permanece afirmando a necessidade de qualquer tipo de intervenção ser realizada de modo que as técnicas e materiais assegurem futuras intervenções no bem, mas que sejam apenas de carácter necessário (Carta de Burra, 1980).

1.3 O conceito de ruínas e a questão da restauração

As ruínas são vestígios materiais de culturas e civilizações. Elas evocam a passagem do tempo, permitem a conexão com o passado e simbolizam o testemunho das atividades do homem durante os anos. São registros da arquitetura de um local que já perderam suas características estéticas originais, mas que ainda carregam valor histórico, e é por meio de seus elementos tipológicos e estruturais que é possível o conhecimento de uma data ou período de sua construção (Diniz, 2014; Souza Júnior, 2017).

As ruínas são objetos em movimento, que trazem ao homem moderno o confronto

entre passado e presente. Ela desperta a reflexão da relação da matéria com a fragilidade da vida humana. Elas são símbolos do recordar, mas também convidam a refletir sobre o futuro (Almeida, 2020).

Durante o século XVIII, o romantismo tratou de ruínas como locais que compunham cenários de histórias pitorescas que produziam imagens com intenções intimistas e melancólicas no meio do ambiente natural. A ruína transmitia o pensamento de que tudo era perecível e teria fim trágico; até mesmo a arquitetura, feita para durar, poderia se findar com o tempo (Baeta; Nery, 2017).

Segundo Souza Júnior (2017), o conceito de ruína é formulado a partir de dois conceitos que se relacionam e se con-

trapõem ao mesmo tempo:

O conceito do construído e destruído, o vertical e horizontal, constituindo assim momentos que pertencem às ruínas em seu ciclo de nascimento, esplendor, decadência, morte, esquecimento e renascimento. Por outro lado, temos também as ideias de razão e sentimento que levam à contemplação do belo e do sublime evocando assim o juízo crítico pela valorização da experiência estética, uma ideia de um sistema direcionado ao processo de ordem e entropia e, por consequência de quietude e exaltação até o ponto de chegar à melancolia (Souza Júnior, 2017, p. 137).

Portanto, as ruínas têm dois momentos em sua história, seu início e seu fim, até o momento em que se trarão métodos para que ela renasça no mundo contemporâneo. De outro modo, teremos a ideia da contraposição de razão e sentimento, que leva em consideração a contemplação da arquitetura, mas também pode gerar sentimento

profundo pelo estado em que se apresenta.

Em consideração à questão do debate sobre ruínas, a Carta de Atenas (1931) foi um dos primeiros documentos que tratou sobre a restauração dos monumentos em ruínas, ao se basear no Parthenon ateniense, e comentar sobre métodos de restauro. Comenta-se:

Quando se trata de ruínas, uma conservação escrupulosa se impõe, com a recolocação em seus lugares dos elementos originais encontrados (anastilose), cada vez que o caso o permita; os materiais novos necessários a esse trabalho deverão sempre ser reconhecíveis. Quando for impossível a conservação de ruínas descobertas durante uma escavação, é aconselhável sepultá-las de novo depois de haver sido feito um estudo minucioso. (Carta de Atenas, 1931).

O cuidado minucioso que se deve ter com as ruínas tem de ser destacado e as decisões projetuais devem ser precisas,

pois o bem está em situação fragilizada com lacunas e partes inexistentes, assim, toda modificação proposta pode gerar uma perda de significações, que são importantes historicamente, mas, principalmente, para a relação afetiva da comunidade em que ela se insere (Almeida, 2020).

Segundo Huyssen (2014 apud Baeta; Nery, 2017), em seu texto A nostalgia das ruínas, o interesse pelas ruínas no mundo contemporâneo está voltado para a criação de commodities pelo capitalismo e que as “ruínas autênticas”, como pão, não são mais valorizadas, pois não há o interesse pelo antigo, e a relação humana com o envelhecimento é conturbada. Também, a restauração e intervenções interferem no que é o original da obra, anulando a autenticidade

da mesma.

[...] As “ruínas autênticas”, tais como ainda existiam nos Séculos XVIII e XIX, parecem não ter lugar na cultura de mercadoria e memória do capitalismo avançado. Na condição de commodities, as coisas em geral não lidam bem com o envelhecimento. Tornam-se obsoletas e são descartadas ou recicladas. Construções são demolidas ou restauradas (HUYSEN, 2014, p.94 apud Baeta. R; Nery. J., 2017, p. 219).

Entretanto, limitar ruínas apenas a objetos materiais de um passado histórico que não devem passar por restaurações tende a fadar o monumento ao esquecimento e, como já foi mostrado, segundo apontamentos da Carta de Veneza (1964) e Azevedo (2008), é necessário que o bem seja restabelecido dentro do mundo moderno para que seja possível a sua permanência futura dentro da sociedade. Também, como diz Souza Júnior, a obra “só estará viva sempre

e quando se mantenha acessível de alguma maneira, preservando sua potencialidade para a experiência emocional” (Souza Júnior, 2017, p. 155).

Segundo o professor Nivaldo Vieira Andrade Júnior (2008 apud Baeta; Nery, 2017), as ruínas são pontos de partida para novas construções arquitetônicas, que irão se complementar e dar-lhes um novo valor.

Parece-nos importante alertar para a possibilidade de, em determinadas situações, preservar as ruínas enquanto tal e, ao mesmo tempo, incorporá-las em novas construções que possam lhes agregar um valor instrumental (utilitário), desde que respeitando os valores históricos e de antiguidade inerentes ao seu estado de ruína. É necessário chamar a atenção para o fato de que, nestes casos, não estamos mais no campo do restauro dos monumentos, que prevê apenas a conservação das ruínas, mas sim no da composição arquitetônica. Estamos nos referindo àqueles casos de criação de híbridos arquitetôni-

cos, nos quais a ruína — “resíduo de um monumento histórico ou artístico”, nas palavras de Brandi — aparece como peça construtiva, como elemento arquitetônico (Andrade Júnior, 2008, p.11 Baeta; Nery, 2017, p. 231).

Portanto, a preservação das ruínas deve ser feita de forma dinâmica que possa ser integrada com as construções arquitetônicas propostas. Essa abordagem busca a valorização do seu potencial instrumental ao respeitar seus valores históricos, além de seu objetivo principal de conservar resquícios. Assim, as ruínas podem ser peças construtivas que enriquecem a composição arquitetônica entre o novo e velho e que trazem autenticidade ao local.

Figuta 2: Capela São João em 2019. Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.



1.4 Patrimônio e turismo rural

Refere-se a patrimônio rural todo o conjunto de elementos culturais, históricos e arquitetônicos, naturais e imateriais em áreas rurais. A relação do patrimônio rural e a restauração está intrinsecamente ligada à preservação e à valorização destas áreas, promovendo a preservação da identidade cultural e histórica da região, além de proporcionar desenvolvimento ao local.

Segundo Ferrão, podemos compreender patrimônio rural como:

Os antigos casarões e senzalas, colônias e casario disperso, monumentos construídos com técnicas tradicionais da arquitetura rural ou com materiais e técnicas alternativas de construção; toda a arquitetura vernacular que possa estar presente no espaço rural, antigas capelas rurais, antigos engenhos e casas de

máquinas, o próprio maquinário desativado, antigos equipamentos de produção de energia (monjolo, rodas d'água, etc.), estruturas desativadas (como pontes, diques e barragens), o espaço físico destinado às manifestações culturais locais (praças, terreiros, largos, vilarejos, etc.), enfim, todo o ambiente construído que conforma o imenso patrimônio cultural rural (Ferrão, 2004, p.136 apud Silva Filho, 2020).

Segundo Alves (2004), em meio a uma sociedade onde o modo de vida urbano comanda a realidade da maior parte da população, o patrimônio rural assume papel relevante ao ser objeto que carrega simbologia e cultura intrínsecos. O turismo rural, portanto, se utiliza destes bens como forma de ser mediador na aproximação do homem à natureza.

O patrimônio como recurso do turismo rural contribui para o desenvolvi-

mento econômico do local, entretanto, não se deve tratar a atividade como método de salvação do mundo rural, pois apenas com planejamento e estratégias corretas a valorização do patrimônio acontecerá. Ao tratar o turismo rural como atividade econômica é necessário a compreensão que este pode trazer o estímulo de novas atividades na região, como também contribuir para a revitalização econômica de cidades e vilas vizinhas (Alves, 2004). Assim, “a variedade e o carácter genuíno do património rural traduzem-se em riqueza económica e cultural, constituindo-se por isso num pólo de interesse turístico” (Alves, 2004, p. 49).

O Ministério do Turismo, nos documentos Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural (2003), estabelece o

turismo rural “como o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (Brasil, 2003, p. 11).

De acordo com Alves (2004), para que o turismo rural possa ser estratégia de desenvolvimento local é necessário considerar três pontos: o primeiro, que o turismo cultural deve ser adaptável ao lugar e a clientela de onde será implantado; segundo, que as atividades turísticas devem gerar riqueza e bem-estar para a comunidade, e por fim, deve garantir conforto aos habitantes do local. O turismo, portanto, pode e deve ser ato de transformações qualitati-

vas no meio rural, e os bens culturais não devem ser restringidos apenas a um papel de atração turística (Lopes, 1999).

O papel do turismo cultural deve ser o de encorajar o desenvolvimento local de modo que possibilite a revalorização e promoção do bem patrimonial, sempre com o intuito de fornecer maior bem-estar para as gerações atuais e futuras, buscando estabelecer a conexão entre passado e presente e assim transmitir valores (Alves, 2004).

1.5 Intervenções em patrimônios: estudos de caso referenciais

1.5.1 Palacete das Artes, Museu Rodin - Salvador, BA

O Palacete das Artes foi inaugurado no ano de 2002, após uma restau-

ração para que pudesse abrigar a filial do Museu Rodin, em Salvador. Chamado “Palacete Catharino”, pertenceu ao Comendador Bernardo Martins Catharino, sendo concluído em 1912. O tombamento do Palacete aconteceu em 09 de junho de 1986 e foi aprovado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), sendo o primeiro imóvel de estilo eclético a ser tombado pelo instituto. Após o tombamento, foi sede da Secretaria Estadual da Educação e Cultura até ser destinado a virar o Palacete das Artes.

A escolha do Palacete para ser a sede da filial brasileira do Museu Rodin se deu pois atendia a várias exigências, como lugar que pudesse acolher peças originais de gesso e bronze e que tivesse significado

Figura 3: Museu Rodin. Fonte: Nelson Kon, 2020



cultural para a cidade. Entretanto, como a edificação não possuía espaço o suficiente, foi proposto um novo prédio para incluir maior acervo e lugares de lazer.

As edificações trazem uma linguagem de coexistência complementar, uma vez que o Palacete é protagonista, reservado para a exibição das peças francesas, a administração do Museu e áreas de atividades educativas. O novo espaço é destinado a reserva técnica, exposições temporárias e um café-restaurante. A conexão dos prédios é feita a partir de uma passarela de concreto protendido de 3 metros de altura, sem quaisquer pilares de apoio.

O jardim centenário também é peça importante para que a conversa entre os dois edifícios seja harmoniosa. É um apelo à

convivência pois é ponto central e atravessa todo o terreno com caminhos de pedra portuguesa e obras de Rodin posicionadas.

Mesmo com a inserção de um novo volume a ideia de não interferir significativamente no terreno, nas árvores centenárias do jardim e ainda deixar que o Palacete fosse a peça dominante se fez presente e hoje o Palacete das Artes trás, não somente a ideia de um Museu, mas o restauro e intervenção arquitetônica como uma soma ao existente para a criação de um conjunto articulado estrategicamente.

1.5.2 La Capilla de Brihuega - Guadalajara, Espanha

Desenvolvido em 2012 pelo arquiteto Adam Bresnick, o projeto de restauro da

Capela de Brihuega, que estava em situação de abandono desde 1969, previu “resolver patologias complexas” (Architectures, 2014) sofridas pelos anos de descuido.

Com objetivo de recuperar a estrutura e poder trazer usos variados para a construção, foi estudada a fundo a arquitetura existente. Assim, foram refeitos detalhes das fachadas e beirais de telhas, mas ainda permitindo que falhas fossem apontadas, para que a noção de passagem do tempo fosse respeitada.

Visando a experiência única de cada visitante, o projeto conta com espaços multiuso para diversos eventos, desde um casamento formal, até espaço para uma aula de ioga (Architectures, 2014). Para isso dispõe e distingue três áreas distintas, arti-

culadas entre si: a cúpula, a entrada da nave e uma nova construção suspensa.

As primeiras áreas transparecem a sobreposição entre antigo e novo, enquanto a última se destaca como ponto distinto, abrigando os novos usos, como banheiros e cozinha. Além disso, a materialidade também contribuiu de forma harmônica e de unificação do projeto atual com o antigo, usando mármore e ripas de pinho.



Figura 4: Intervenção na La Capilla de Brihuega. Fonte: Eugeni Pons, 2012.

dois

A COMPANHIA AGRÍCOLA INGLESA NO CONTEXTO DA EXPANSÃO CAFEEIRA NO NOROESTE PAULISTA

O capítulo aborda o ciclo cafeeiro na região nordeste do estado de São Paulo, dando ênfase na expansão ferroviária da companhia chamada Alta Paulista, que desbravou os sertões do estado e trouxe o reconhecimento da potencialidade agrícola da região. Também é apresentado a história da Companhia Agrícola Inglesa, complexo de produção cafeeira que ficou em atividade entre as décadas de 1920 a 1960. A tese de doutorado do Prof. Dr. Vladimir Benincasa foi obra essencial para a compreensão sobre o ciclo cafeeiro, junto do Trabalho Final de Graduação de Adenir Gomes da Silva Filho que explora vastamente a Companhia Inglesa.

2.1 O Oeste Paulista e as fazendas de café

De acordo com Benincasa (2007, p. 247) “o café, na segunda metade do século XIX, tornava-se um produto cada vez mais importante no comércio mundial”. O ciclo cafeeiro passou por algumas fases, antes de se consolidar como um dos maiores cenários econômicos, não só brasileiro, como também mundial. A produção do café foi a que obteve maior atenção durante o final do século XVIII até meados do século XX no estado de São Paulo e que tornou a região uma das principais do país na época.

O desenvolvimento da agricultura no estado de São Paulo foi pouco dinâmico até metade do século XVIII, quando a produção de cana-de-açúcar passou a ter

destaque, principalmente nas regiões das cidades de Moji-Guaçu, Jundiaí, Sorocaba e Piracicaba e o desempenho econômico da região começa a atrair imigrantes (Benincasa, 2007). Inicialmente, o café não tinha destaque entre os cafeicultores, pois detém certas desvantagens, como o tempo entre plantio e colheita, que podia chegar a vários anos, além, do desconhecimento das tecnologias de beneficiamento dos grãos que, em comparação com países produtores da época, era de baixa qualidade. A produção cafeeira brasileira alavancou com a devastação de cafezais cubanos na década de 1830 e com o aumento da demanda dos comércios da América e Europa (Lunna & Klein, 2005 apud Silva Filho, 2020).

A chegada da cafeicultura para a

região do Vale do Paraíba no fim do século XVIII, segundo Monbeig (1984 apud Silva Filho), não foi brusca, mas progressiva, pois a atividade cafeeira já acontecia nas terras fluminenses. A produção dos grãos ainda era papel secundário nas fazendas da região, porém a partir da década de 50, o mercado cafeeiro começa a se tornar promissor (Silva Filho, 2020). A cafeicultura avança para o Centro-Oeste Paulista e, em 1830, já se encontrava na região de Campinas, e continuou em direção de Limeira e Rio Claro até atingir Araraquara e Ribeirão Preto. A partir de então toma rumo ao oeste e sudoeste do estado (Benincasa, 2007).

De acordo com Benincasa (2007) a atividade cafeeira tinha permanecido cen-

tralizada no Vale do Paraíba em razão da facilidade de mobilidade das safras até os portos no litoral e, para além de Rio Claro, não era economicamente vantajoso para atividade devido o transporte ser encarecido e da possibilidade de perda ou roubo da carga. Inicia-se, então, a partir da segunda metade do século XIX, a construção de linhas férreas pelo interior do estado para o escoamento da produção cafeeira. Segundo Matos (1974 apud Silva Filho, 2020), a rede ferroviária foi construída em função da cultura cafeeira onde, ao invés de guiar a expansão territorial, era guiada pela mesma. Inauguram-se então, a partir da década de 1870, grandes companhias férreas que foram importantes por possibilitar o avanço interiorano do café e da população, como:

Mogiana, Sorocabana, Paulista, Ituana, entre outras.

A partir das primeiras décadas do século XX, com abalos da crise econômica, o preço do café oscila e sua produção começa a ser deixada de lado para a abertura da diversificação da produção. A ferrovia, no entanto, continua a ser foco. Assim, a primeira parte do século XX marca a conquista e povoamento do sertão do estado de São Paulo e a criação de novas linhas ferroviárias (Benincasa, 2007).

Enquanto a Sorocabana avançava pelo sul, a Paulista abria caminhos pelo norte e abria linhas que conectavam o interior paulista ao porto de Santos. Até 1920, a ocupação se dava em trechos do Planalto Ocidental paulista, entretanto, a

produção se reduz pela curta duração do pé de café e a escassez que este gera no solo. Assim, surge o interesse pelas novas terras na nova zona que ia se abrindo no noroeste paulista (Benincasa, 2007).

Abria-se assim, para o cafeicultor, uma vasta região já servida pela ferrovia, embora com solos não tão bons quanto à terra roxa, que dera fama mundial a São Paulo. Apesar de menos férteis, essas terras davam colheitas que, à época, se mostravam vantajosas (Benincasa, 2007, p. 467).

Segundo Benincasa (2007), a negociação das terras passou a ser extremamente rentável e o prolongamento das linhas férreas continuava. A divisão do terreno e loteamento das terras começam a ser racionalizadas, com glebas retangulares, com acesso à cursos d’água e em pontos altos de serras, evitando a excessiva valorização de

lotes. A Companhia Paulista estende seus trilhos além de Piratininga e várias cidades como Gália, Garça e Marília, são fundadas no final da década de 20. A criação desses novos municípios desperta o interesse de capital estrangeiro e grandes Companhias, como a Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, são construídas.

[...] a Companhia Paulista e da Sorocabana iniciaram seu avanço para essas regiões, onde o início do cultivo do café se deu entre fins do século XIX e início do século XX, e, ao contrário das zonas Mojiana e Paulista, foi acompanhado pela estrada de ferro, quase nunca a precedendo. Nessas regiões, a cafeicultura atinge seu maior pico de produção entre 1934 e 1935, em plena crise dessa lavoura. Essa altíssima produção fora incentivada pelos altos preços de 1928, às vésperas da quebra da economia mundial (Benincasa, 2007, p. 465).

Mesmo com a crise de 1929, o Noroeste Paulista continua a se desenvol-

ver extraordinariamente, a população migra cada vez mais para a região e a urbanização se faz mais presente. A produção cafeeira continua mesmo com preços baixos, mas a rotatividade da plantação torna-se imprescindível e, a partir da década de 1940, o café, produto que, até então, era símbolo do apogeu do estado de São Paulo, perde força.

2.2 A Companhia Agrícola Inglesa Rio Tibiriçá

Já é quinta hora da manhã de um mês de Junho na Companhia Inglesa da década de 1930. Os galos ainda sonolentos, são despertados pelo barulho agudo e choroso dos muitos tratores na garagem da fazenda. A beira do imenso terreiro de secagem do café os sinos tocam, contribuindo para o fim do tom solene do silêncio noturno. Toda fazenda desperta para mais um intenso dia de trabalho. É a colheita do café! (Uzai, 1996, p. 8).



Figura 7: Time de futebol da fazenda.
Fonte: Grupo Piramba MTB.



Figura 8: Casamento na década 1980. Fonte: Página “Juntos pela igreja da Companhia Inglesa Gália/SP” no Facebook. Fotos do Arquivo Pessoal de Suely Pinheiro e José Emídio.

havia preocupação dos ingleses com a legislação trabalhista vigente, pois foram encontradas documentações dos anos de 1949 a 1951 sobre o pagamento de férias aos trabalhadores, benefício este que não era garantido no regime de colonato, sistema difundido nas fazendas paulistas.

Ademais, o núcleo sociocultural que foi criado na Companhia se tornou ponto importante na memória dos antigos moradores. Filmes que chegavam no mesmo ano ao cinema local, peças teatrais, shows de músicas, circos e apresentações eram eventos recorrentes no complexo, mas que sempre vinham acompanhados da maximização do ritmo do trabalho (Uzai, 1997). Podemos ver como essa dualidade era presente no relato da ex-colona D.

Maria dado à Uzai em 1996:

Olha, sinceramente naquela época não se via tanta atração num só lugar. Bom, também não era só festa, nós trabalhávamos bastante. Trabalhar, todos tem que trabalhar... Divertir, nem sempre! Lá na Companhia, divertir era sempre. Só que era assim: trabalho é trabalho, diversão é diversão! Nunca ninguém ficava vadiando! O sol era o trabalho e a lua era a festa. Sem sol não há lua! Tinha gente que até reclamava que estava trabalhando demais, mas valia a pena, porque nas outras fazendas não tinha tanto divertimento como na Companhia. Nem em Gália era tão bom como lá!

Todas as atividades de lazer não eram apenas para manter o glamour dos ingleses, mas também estratégias de estímulo para os empregados, que garantiam a satisfação do pertencer, de trabalhar em um local diferenciado e com tantos “privilégios”. A construção da imagem de “bons patrões” dos ingleses serviu inclusive como maneira de

maior passividade dos trabalhadores.

Então né! Os ingleses eram bons mesmo! De vez em quando eles iam nas casas do povo para ver se estavam necessitando de alguma coisa, Eles foram duas ou três vezes em casa e nem se importam em sentar no chão duro da sala. Tinha vez que até comiam com a gente, Que gente boa! Os inglês mais velho é padrinho de batizado do meu irmão caçula. Só que era assim: eles eram bons, mas se não fizessem as coisas como eles mandavam aí era melhor arrumar as trouxas e ir embora, Eles eram amigos, mas eram patrões! (Relato de D. Ana apud Uzai, 1997, p. 40).

Portanto, as relações pessoais eram amistosas, mas dependiam estritamente da eficiência de trabalho dos moradores e, como salienta Uzai (1996, p. 41), a relação de “hibridismo entre as relações pessoais diretas e de amizade entrelaçadas às relações de obediência e servidão” separam o patrão e o empregado.

Assim, outra segmentação social também caracterizava as relações dentro da Companhia e estavam implícitas nos costumes, como relata Hamilton Carvalho (2016), ex-colono. Elas aconteciam de formas variadas, como na separação das áreas residenciais e nos padrões das casas

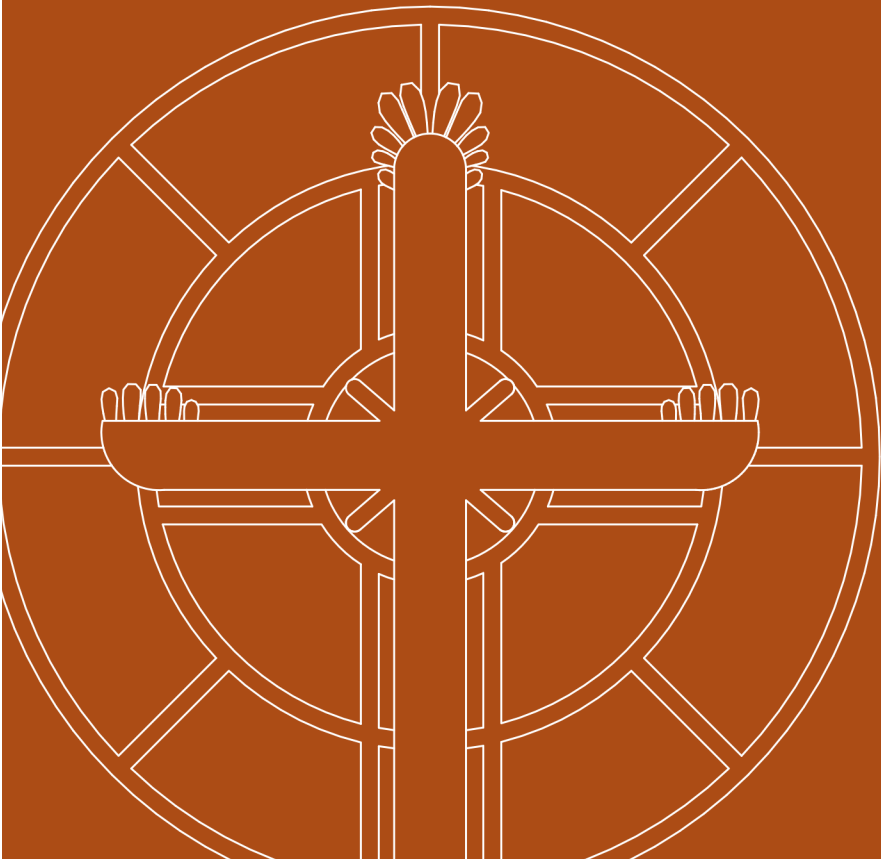
Os ingleses moravam em casas soberbas, em área relativamente afastada, com enormes jardins de desenho e padrão inglês. Todas as casas dos ingleses tinham lareiras, ainda que estivéssemos em um país de clima tropical e, ao invés de chuveiros, tinham banheiras. [...] A casa do gerente geral lembrava uma casa de campo como se vê nas fotografias inglesas com um jardim onde havia um lago para peixes, luxo impensável em qualquer residência nos anos de 1940. Havia uma piscina privativa e uma quadra de tênis onde só eles jogavam. As famílias inglesas se reuniam entre si nos fins de semana para nadar, jogar tênis e beber whiskey. Não havia interação com as demais famílias brasileiras. Além disso, eram os únicos que

tinham carros particulares quando todo mundo andava a pé. A segunda classe social era o pessoal do escritório, administração, farmacêutico e professores da escola primária. Moravam em casas confortáveis com jardim e grandes quintais. Dispunham de água encanada e energia elétrica grátis, mas ninguém tinha telefone ou carro. Seriam talvez umas dez ou quinze famílias que também só se reuniam entre si em aniversários e reuniões. Não interagiam socialmente com os ingleses, nem com os demais residentes da fazenda. A terceira classe eram os trabalhadores rurais, mecânicos, carpinteiros e operadores das fábricas. Moravam em conjunto de casas, algumas de alvenaria e outras de madeira, conhecidas como “colônias”, sem jardins, mas com água encanada e energia elétrica gratuita. A vida social desta classe girava em torno do bar, do cinema, do clube de futebol e da capela (Carvalho, 2016).

A Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, durante seu período de atividade, chegou a ser conhecida como o “sonho dourado dos ingleses” até o ano de 1956

quando foi vendida à Companhia Agrícola, Imobiliária e Colonizadora (CAIC). O motivo pode ser a queda dos preços internacionais do café ou descontentamento com o governo vigente na época, mas era fato que a permanência de suas atividades econômicas e recreativas não podiam mais ser sustentadas. Assim, surgiram novas propriedades a partir da criação de loteamentos das terras que compreendiam a Companhia (Benincasa, 2007; Uzai, 1997).

Por anos as construções foram conservadas pelas famílias que permaneciam no local, entretanto, atualmente, restam apenas ruínas, como a da Capela São João que será analisada a seguir.



três
A CAPELA SÃO JOÃO

Os ingleses conversam sobre o interessante filme visto ontem à noite em seu cinema. Estão ansiosos à espera da visita do senhor bispo. Neste momento, um luxuoso automóvel é estacionado em frente a imponente capela. É que trouxe o esperado bispo para a celebração da missa em louvor a São João. Todos entram naquele templo sagrado. Lá está o delicado sacristão lustrando os castiçais, turíbulos e candelabros em ouro e prata trazidos da Inglaterra. Percebem-se também, uma pequena multidão à espera da confissão de seus pecados. São as senhoras beatas, pecadoras convictas, que não perdem a oportunidade para admirar os maravilhosos afrescos pintados nas paredes laterais, Altar-mor e na nave da capela (Uzai, 1996, p. 10).

A Capela São João é uma das únicas edificações que restam do que um dia foi o complexo da Companhia Agrícola Inglesa. Segundo Benincasa (2007) o motivo da permanência do prédio é por pertencer à Paróquia de Gália.

De acordo com Gomes (1997 apud Silva Filho, 2020), foi apenas com a chegada do engenheiro Humberto Celi que se começou a idealizar a construção de um edifício religioso. Foi escolhido o ponto mais alto da seção São João do Tibiriçá e, com a instrução do chefe geral de construção José Zachello, em pouco mais de trinta dias, a capela já estava pronta. Segundo Pontes e Barnezi (2001 apud Silva Filho, 2020), a inauguração se deu no ano 1935, pelo Cardeal de São Paulo.

A construção em estilo neogótico inglês em tijolos vermelhos aparentes não era uma simples capela, mas uma igreja destinada a atender moradores rurais de uma ampla área (Benincasa, 2007, p. 527) e possuía um programa completo. Possuía nave ampla e livre, com o altar em mármore sob a abside e a sacristia e o santíssimo nas laterais. Também possui batistério e coro. A beleza da construção ainda permanece no seu exterior com a torre sineira em agulha ao centro e as aberturas em arcos com vitrais coloridos (Benincasa, 2007).

Nossa! A Igreja da Companhia era tão bonita! Eu não perdia uma missa! Conta o povo que, quando inauguraram a Igreja, veio até Cardeal de São Paulo rezar missa! Cada pintura, de dar gosto a qualquer um, que tinha naquela igreja! Lá eu fiz a minha primeira comunhão e me crismei. Vi tanto casamento! Cada noiva linda!

De vez em quando os ingleses davam até vestido de noiva! Que gostoso que era a Companhia! (Relato de D. Luzia apud Uzai, 1996, p. 40).

Hamilton Carvalho, ex-morador, lembra que a Capela era ponto de grandes eventos da fazenda. Carvalho (2016), conta que a visita de padres acontecia quando havia datas comemorativas, e chegou-se a passar pela fazenda uma missão evangelizadora de frades capuchinhos, que contou com várias cerimônias como batizados, primeira comunhões, crismas e procissões.

A verdadeira festa religiosa e popular era o dia de São João, padroeiro da Fazenda. Na noite de São João, os vizinhos se reuniam em torno de uma fogueira preparada de antemão e se comia pipoca, amendoim, cocada e era um tal de soltar rojões que iluminavam o céu da Fazenda continuamente. Era uma festa caipira, dos caipiras mesmo – não se usava roupa

de caipira, pois todos sendo caipiras usavam a própria roupa do dia a dia (Carvalho, 2016).

A Capela, que um dia foi local de diversas celebrações e encontros, se encontra, atualmente, em condição lastimável.

O edifício permanece com suas características quase inalteradas, mas a conservação é precária. As paredes externas se encontram com pelo menos uma fissura vertical na alvenaria, os vitrais coloridos estão depredados, com poucas peças ainda inteiras. A cobertura da Capela está em péssimo estado, com grandes partes faltantes de telhas, ocasionando a infiltração presente nas paredes e forro, além da decomposição da estrutura do telhado que



Figura 9: Capela São João.
Fonte: Biblioteca Municipal de Gália.



Figura 10: Capela São João em 2023.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

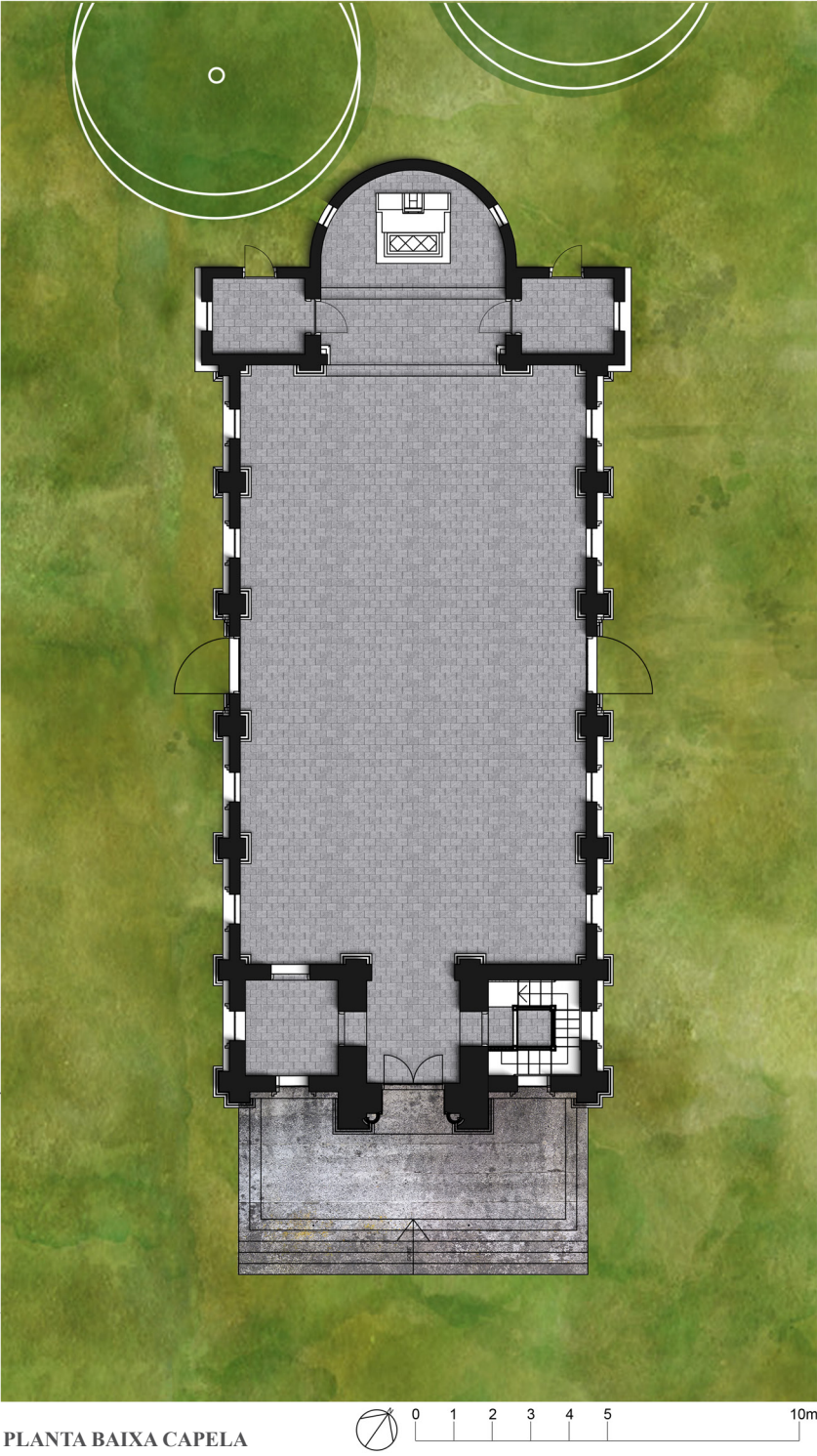


Figura 11: Planta da Capela São João.
Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho.
Adaptado pela autora.

Figura 12: Cobertura da Capela São João.
Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho.
Adaptado pela autora.

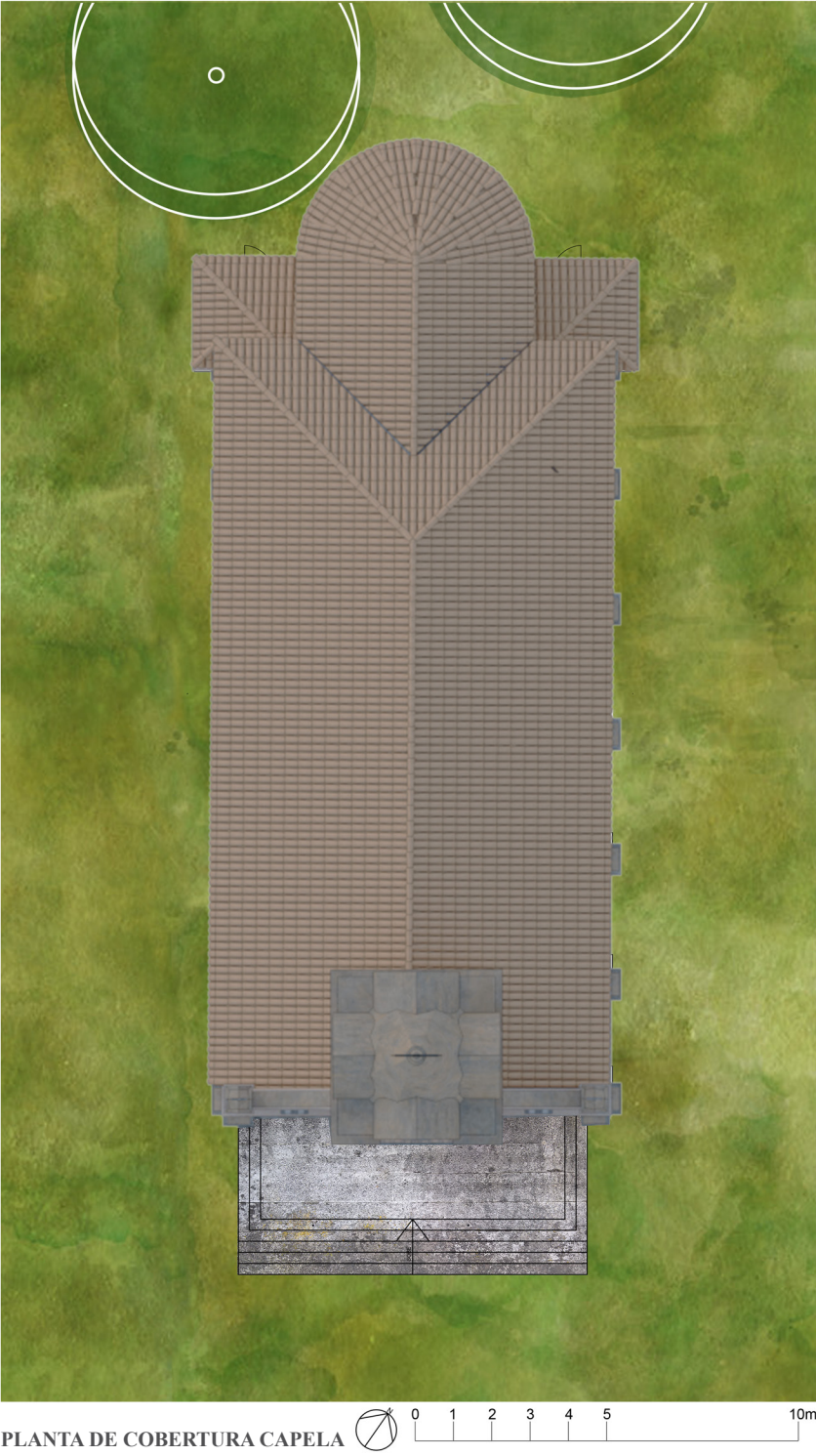




Figura 13: Elevação da Capela São João.
Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho. Adaptado pela autora.



Figura 14: Elevação lateral da Capela São João.
Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho. Adaptado pela autora.

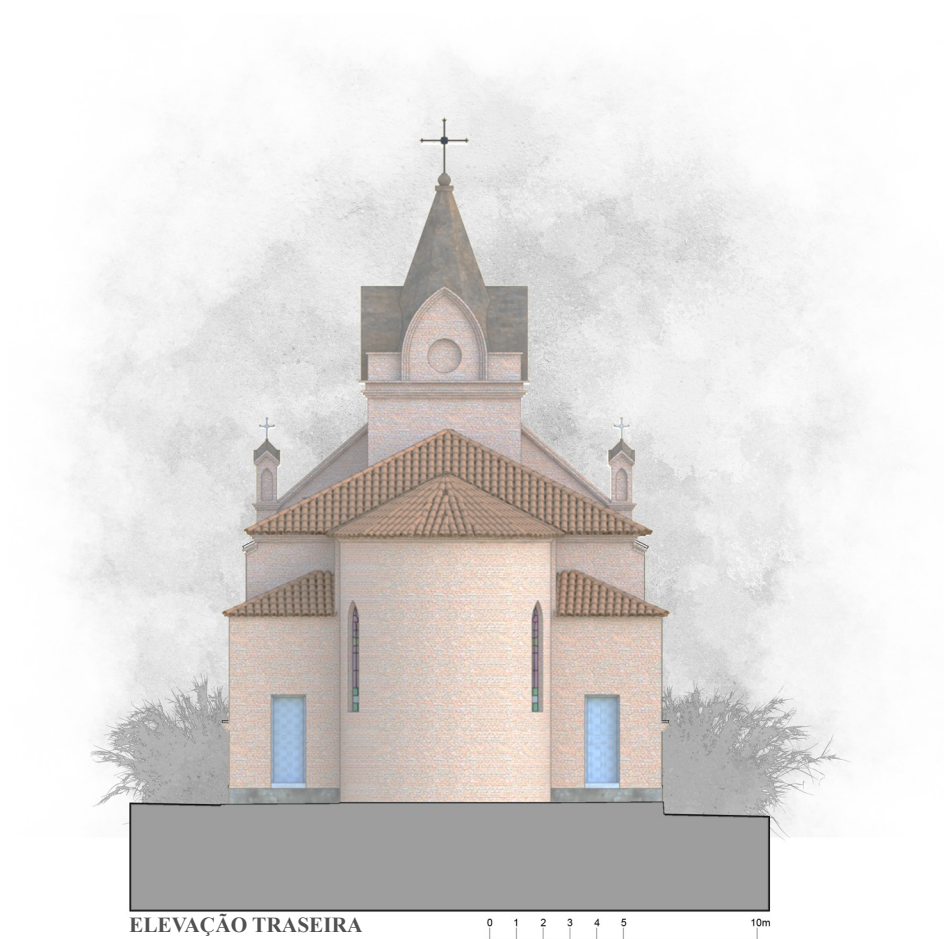


Figura 15: Elevação traseira da Capela São João.
Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho. Adaptado pela autora.

gênicos. O santíssimo e a sacristia são os locais mais degradados com a deterioração da cobertura, os mobiliários internos foram depredados e a escadaria do coro apresenta muitas deformações. O altar-mor em mármore é um dos poucos elementos que se mantiveram em bom estado de conservação.¹

A Capela, hoje, é ponto de turismo pela sua grandiosidade e beleza, além de ser ponto de encontro de ciclistas que fazem trilha pela região.

3.1 Inventário e tombamento do patrimônio

O inventário de um bem patrimonial é instrumento técnico que auxilia a manutenção das caraterísticas do edifício

e regulamenta as possíveis intervenções de salvaguarda a serem feitas nele, sendo considerado o primeiro ato no processo de tombamento. Esse documento surge como material para “ações de proteção, conservação, preservação, restauração, reabilitação, valorização e gestão do patrimônio” (Salcedo, 2020, p. 106).

Os inventários são fichas que identificam informações básicas dos bens como sua importância histórica e cultural, suas características físicas, estado de conservação, preservação e se baseiam em pesquisas realizadas em diversos meios, com o intuito de abranger a maior quantidade de informações, aprofundadas o suficiente, do edifício, para que não haja equívocos durante projetos de intervenções (Salcedo, 2020). Com a

obtenção destes dados, é interessante que também haja a análise de forma analítica e crítica, preferencialmente com ilustrações e fotografias para maior veracidade, e caberia às instituições federal, estadual e municipal a elaboração e publicação deste material (Carta de Veneza, 1964; Carta de Atenas, 1931).

A edificação da capela encontra-se suscetível às ações da natureza que podem causar danos às características físicas da mesma, e a elaboração de seu inventário é essencial para a garantia da manutenção das qualidades do edifício (Salcedo, 2020). Portanto, é relevante que haja o levantamento de dados minucioso e que a atualização do documento de inventário seja recorrente (UNESCO, 1968).

Ademais, a Carta do Restauro (1972) indica que os levantamentos de documentação de um edifício devem ser exaustivos e serem elaborados a partir de diversos meios como pesquisas bibliográficas, iconográficas e arquivísticas, pois irão ajudar na restauração da obra. A Declaração de Amsterdã (1975) ressalta que a organização do inventário é indispensável, pois fornecerá a base para que a conservação não fuja do caráter legítimo da obra, e que é necessário a difusão destas fichas para que maior atenção seja dada à proteção das construções.

O inventário da Capela São João foi proposto pelo arquiteto Adenir Gomes da Silva Filho a partir do Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG), instru-

mento desenvolvido pelo IPHAN. O foco dessa ferramenta é coletar dados sobre patrimônios culturais, a fim de produzir uma base de dados única sobre todos os tipos de bens materiais arquitetônicos e arqueológicos da nação (IPHAN, 2009 apud Silva Filho, 2020).

O SICG organiza a coleta de dados conforme três módulos: Conhecimento, Gestão e Cadastro. O utilizado por Silva Filho foi o modo de cadastro, que compõem fichas relativas a bens individuais que abrangem informações sobre o bem cultural que permitem sua identificação. Silva Filho produziu cinco fichas ao todo, sendo elas: a M304 que caracteriza construções típicas do patrimônio rural brasileiro a partir de aspectos morfológicos e atividades desen-

volidas, e as fichas M301, M302 e M303 direcionadas a Capela São João em diferentes aspectos como identificações gerais de localidade e caracterização externa e interna. Por fim, a M206 destina-se a acompanhar e orientar vistorias nos imóveis com intuito de planejamento para revisões e intervenções futuras (Silva Filho, 2020). Todas as fichas produzidas pelo arquiteto se encontram no Anexo A deste trabalho.

Junto do inventário, o tombamento de um patrimônio é um método de proteção a este bem. O Decreto-Lei Nº 25 de 1937 coloca o tombamento como instrumento jurídico e afirma que, se reconhecido como portador de valores ou memórias, o bem pode ser protegido pela União, os Estados ou pelos Municípios. O processo de tom-

¹ Para maiores detalhes da condição de conservação da Capela consultar as tabelas M301, M302, M303 e M206 inseridas no Anexo A.

bamento de um bem, sendo considerado uma ação de interesse público, não depende de interesse individual, assim, podendo ser manifestado pela comunidade. Os proprietários têm direito de se contrapor ao tombamento, porém o avanço do processo só irá rescindir com justificativas plausíveis. A inscrição do bem no Livro do Tombo acontece, então, depois da conclusão do levantamento de dados e da justificativa da necessidade de proteção do patrimônio (Brasil, 1937).

Em outubro de 2020, com o Decreto Nº 1696/2020, a capela se tornou patrimônio municipal de Gália “pela sua história e beleza, despertou na população a vontade de preservar referida construção” (Tombamento Provisório Nº 1/2020)². Entretanto,

seu estado de conservação permaneceu o mesmo desde então.

3.2 Prospecção arqueológica das ruínas

Tendo em vista a Capela de São João como objeto de estudo deste TFG, surgiu a necessidade de uma maior investigação sobre sua materialidade e técnicas construtivas. Segundo Villela (2015, pág. 12), a Arqueologia da Arquitetura surge para a aplicação de métodos não destrutivos que visam o “registro e interpretação objetivos de transformações físicas e materiais de superfícies arquitetônicas para auxiliar a realização de diagnósticos de conservação” em construções arquitetônicas.

Tendo como premissa que cada período histórico contribui de certa forma para a constituição da matéria

e da forma configurada de uma arquitetura que chega até nós, na contemporaneidade, a verificação das muitas transformações decorridas ao longo do tempo demanda o estabelecimento de parâmetros de análise que implicam no reconhecimento objetivo dessas mudanças materiais (Villela, 2015).

Portanto, para a análise de tal, foram feitas duas visitas in loco ao objeto de estudo: uma no dia 13 de agosto de 2023 e a segunda no dia 10 de março de 2024. A primeira visita se deu pelo interior da Capela com o auxílio de um funcionário da prefeitura de Gália, que permitiu a entrada. Na segunda, realizou-se o registro e a análise da área externa da Capela, visto o impedimento da entrada no edifício por risco de desabamento (Figura 16).

A análise e o levantamento foram

feitos a partir de registros fotográficos e medições de elementos da edificação a fim de se ter maior abrangência da construção da Capela, que possui poucos registros. Os registros foram realizados, primeiramente, para contemplar a escala macro do edifício, e ser possível compreender sua grandeza em meio natural e abandonado.

Em seguida, foram feitos registros tanto de detalhes da edificação, como de técnicas construtivas, adornos e reconhecimento de fissuras na estrutura, para uma melhor análise do estado atual da edificação em perigo de desabamento.



Figura 16: Placas na frente da Capela. Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

3.2.1 Materiais e estrutura

Dentre os materiais usados, o que ganha destaque é o tijolo cerâmico, que é usado por toda a construção (paredes e pilares estruturais). São tijolos de coloração avermelhada de medidas variadas e que possibilitam grande variedade de texturas, ao edifício neogótico inglês, ao serem ass

entados em diversas formas de aparelhamento.

Também é possível notar a presença de concreto nos alicerces e escadaria da capela, como um grande e único bloco de base para o prédio, e da argamassa armada, em de elementos decorativos na fachada da

2 Os levantamentos deste processo se encontram no Anexo A.

capela, como nas cruzes (Figura 16 e 17).

Também é possível notar a presença de concreto nos alicerces e escadaria da capela, como um grande e único bloco de base para o prédio, e da argamassa armada, em de elementos decorativos na fachada da capela, como nas cruzes (Figura 16 e 17).

O uso da madeira foi extenso, principalmente nas treliças, mas também está presente nas portas internas e externas, na escadaria que dá acesso ao coro, nos forros internos da sacristia, santíssimo, batistério e altar e no piso e estrutura do coro (Figuras 18, 19, 20 e 21).



Figura 16: Argamassa armada presente em elementos da fachada.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Figura 17: Cimento presente no alicerce da igreja.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Figura 18: Forro do altar.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Figura 19: Forro do batistério.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Figura 20: Piso e estrutura do coro.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Figura 21: Coro e treliças.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Por fim, outros materiais usados foram o ferro e vidro, presentes nos vitrais ogivais em todas as fachadas da capela. O ferro está, também, na caixilharia das aberturas, protegido por fina camada de tinta preta. Os vidros dos vitrais possuem quatro cores diferentes: verde, amarelo, roxo e branco e possuem textura similar ao que conhecemos como ártico. Atualmente, as peças estão depredadas, com vidros faltantes ou quebrados (Figuras 22, 23 e 24).



Figura 22: Pedaco de vidro do vitral.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Figura 23: Visão interna de um vitral.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Figura 24: Visão externa de um vitral.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Em relação ao estado de conservação da estrutura foi possível observar que há, pelo menos, uma trinca em cada fachada da Capela. A provável causa destas se deve ao movimento do solo, visto que a construção está perto de um pequeno declive, juntamente com o abandono de anos (Figuras 25, 26 e 27).

Figura 25 : Trincas na fachada da Capela.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Figura 26: Trinca na fachada da Capela.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Figura 27: Trinca na fachada da Capela.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



3.2.2 Tipologias de tijolos e técnicas de assentamento de paredes

Ao se observar a construção como um todo foi possível verificar diferentes tipos de tipologias de tijolos cerâmicos empregados em sua construção. Segundo Costa (1955), os dois tipos principais de tijolos são os maciços, ou tijolos burros, e os furados que possuem, geralmente,

dimensões de 23cm x 11cm x 7,5cm. Na Capela foram encontrados três tipos de tijolos de dimensões diferentes, como é mostrado no Quadro 1. Na Figura 28 é possível observar os vários tipos de tijolos e seus usos na construção.

Tipo/nome do tijolo	Dimensões classificadas por Costa (1955)	Dimensões verificadas in loco
Tijolo tipo 1	23cm x 11cm x 7,5cm	26cm x 13cm x 7 cm
Tijolo tipo 2		26cm x 5cm x 7cm
Tijolo tipo 3		20cm x 10cm x 7cm

Quadro 1: Especificações dos tijolos encontrados in loco.
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.



Figura 28: Parede da fachada frontal da Capela.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Os tijolos maciços Tipo 1 foram encontrados por todas as paredes da capela, sendo os mais usados, tanto nas paredes, quanto nos pilares de sustentação. Suas medidas se diferem do padrão que Costa (1955) apresenta, por variar em alguns centímetros em todas as suas dimensões, como

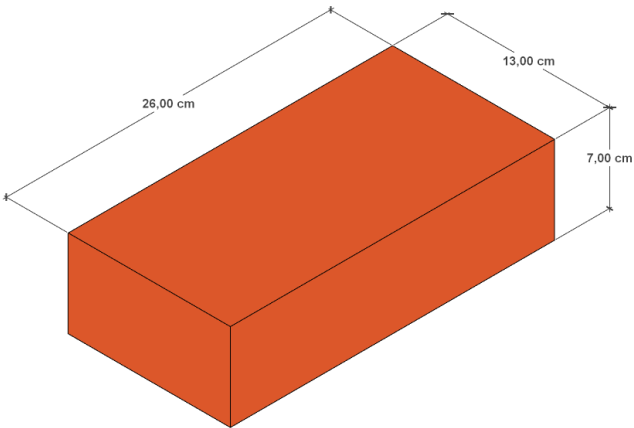


Figura 29: Tijolo maciço tipo 1.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

pode ser observado nas figuras 32, 33 e 34. O tijolo maciço Tipo 2 foi encontrado apenas nos pilares de sustentação da Capela. Essa tipologia apresenta mesma altura e comprimento que a tipologia 1, porém se difere na largura, como mostra a figura 35.

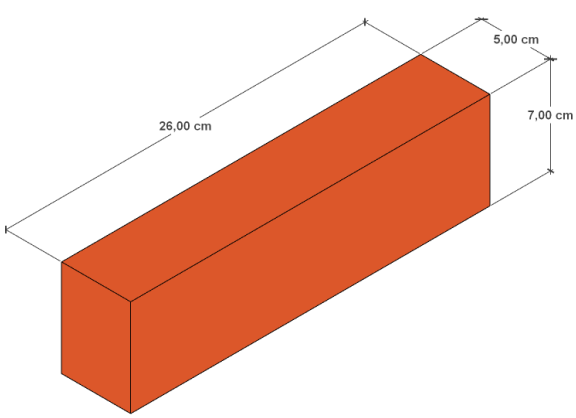


Figura 30: Tijolo maciço tipo 2.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Por último, a tipologia 3 foi usada apenas em detalhes ornamentais da Capela, como em cornijas e molduras das janelas. Suas dimensões são menores que as outras duas, acompanhando apenas a altura de 7 centímetros.³

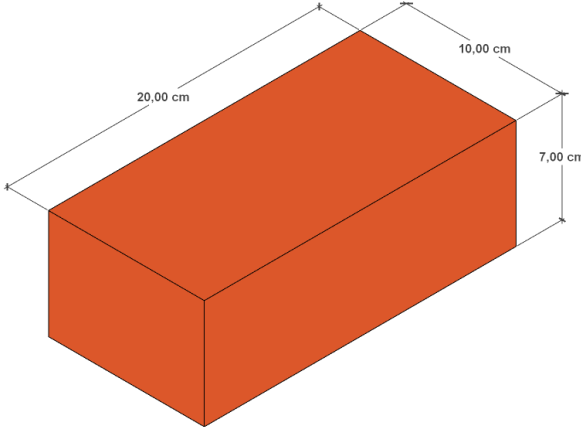


Figura 30: Tijolo maciço tipo 3.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

3 Não há fotos com fita métrica pela impossibilidade de chegar tão perto do material no local, portanto, as medidas são aproximadas.

Figura 32: Medidas do tijolo maciço tipo 1.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Figura 33: Medidas do tijolo maciço tipo 1.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Figura 34: Medidas do tijolo maciço tipo 1.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Figura 35: Medidas do tijolo maciço tipo 2.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Assim, ao analisar a Enciclopédia Prática da Construção Civil de Francisco Costa (1955), juntamente com o cruzamento de informações entre o arquivo digital CAD, fornecido por Adenir Gomes da Silva Filho, e as medições realizadas in loco dos tijolos, foi possível a criação de sistemas esquemáticos dentro do software SketchUp para a identificação das medidas das paredes da Capela, visto que a medição in loco foi impossibilitada pelo risco de entrada no edifício durante a segunda visita.

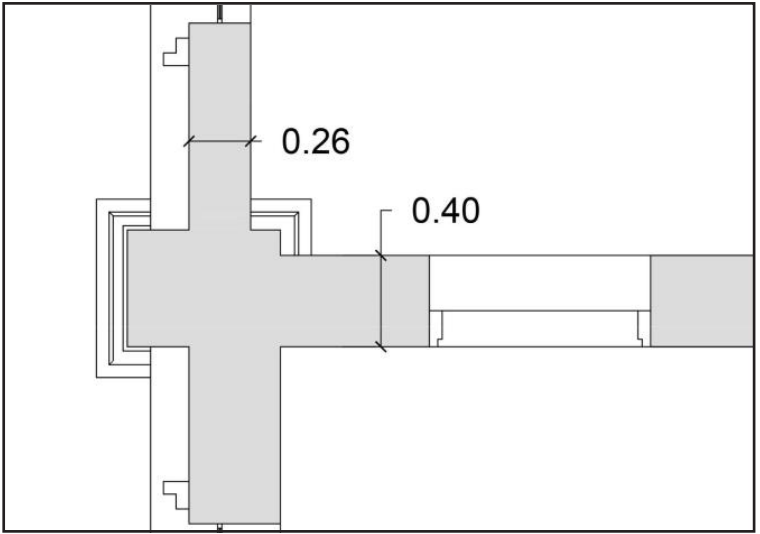


Figura 36: Planta baixa da Capela São João. Detalhe do dimensionamento das paredes.
Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho. Adaptado pela autora.

Figura 37: Modelo esquemático de parede mestre de tijolos a 1 vez, a partir das tipologias encontradas na investigação in loco.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

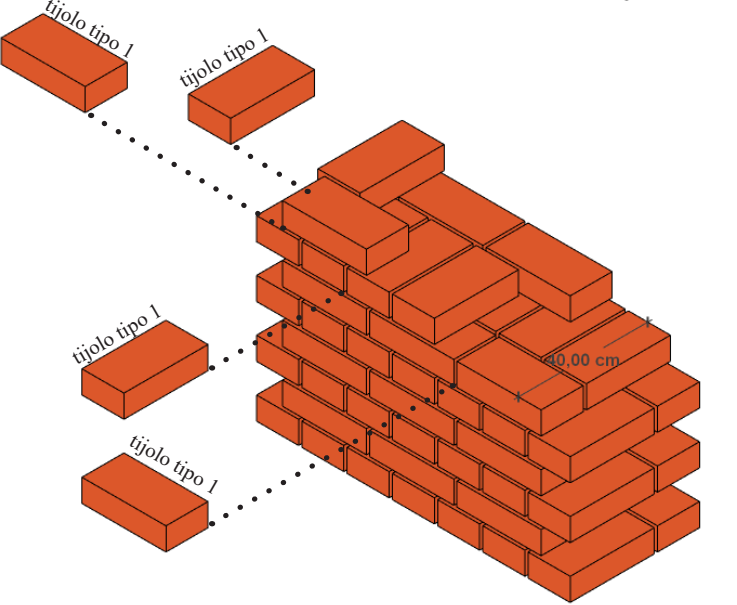
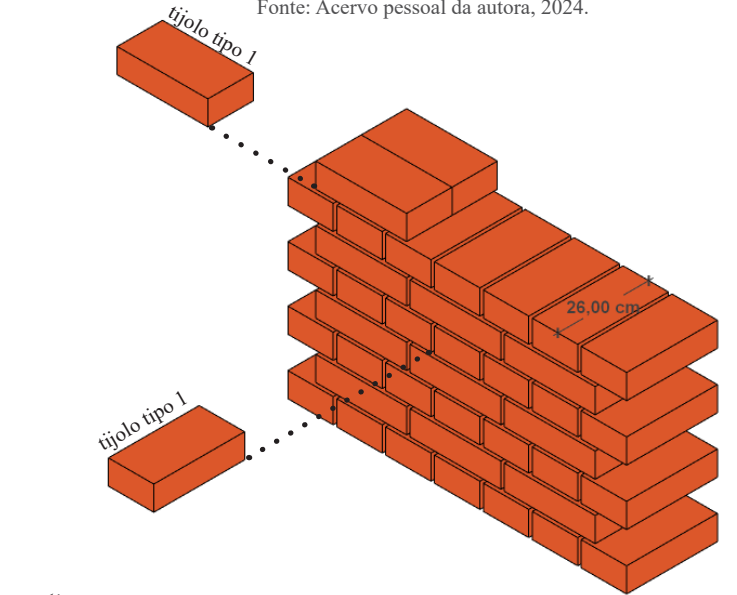


Figura 38: Modelo esquemático de parede mestre de tijolos a 1 vez e 1/2, a partir das tipologias encontradas na investigação in loco.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Portanto, averiguou-se que, durante a construção da Capela, provavelmente foi usado o método de assentamento de paredes a 1 vez e a 1 vez e ½ aparelhamento inglês, ou Opus Pseudisodomum (Costa, 1955).

Segundo Costa (1955, pág. 13), os pilares de uma construção são “geralmente destacados da obra principal e quase sempre de seção quadrada e destinados a suportarem partes superiores e balanceadas”. Levando em consideração os pilares da Capela, foi possível observar que há uma maneira de assentamento de tijolos diferente em relação às paredes. Vista a utilização dos tijolos de Tipo 2 dá-se o nome, portanto, de paredes de tijolo misto.

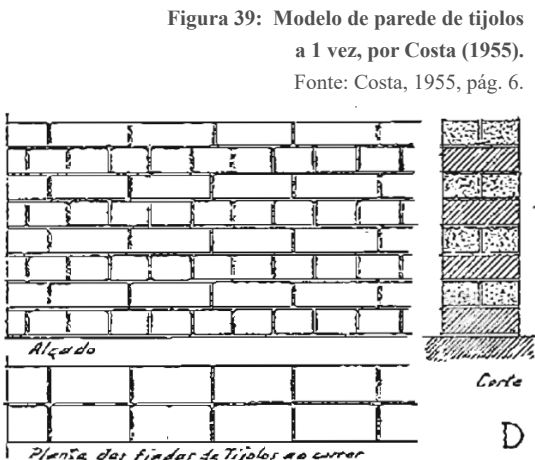


Fig. 11 — PAREDES DE TIJOLO A 1 VEZ
Aparelho de Sistema Inglês



Figura 41: Parede da Capela em assentamento inglês em tijolo maciço.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

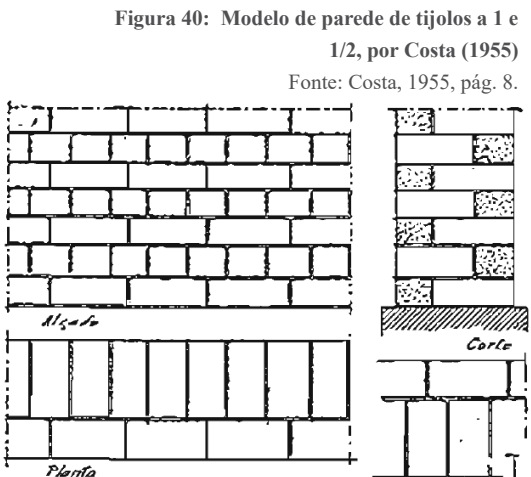


Fig. 14 — PAREDES DE TIJOLO A 1 ½ VEZES
1) — Aparelho de Sistema Holandês; 2) — Aparelho de Sistema Inglês

Foi analisado que, como as paredes, os pilares da Capela possuem duas dimensões diferentes, em relação ao local em que se posicionam.

Deste modo, Costa (1955) demonstra que as dimensões das paredes estão diretamente ligadas ao posicionamento dos tijolos durante a construção da fiada.

Afirma também que o assentamento de paredes de 1 vez de tijolo é consistente e mais econômico que no método de paredes de 1 e 1/2 vez.

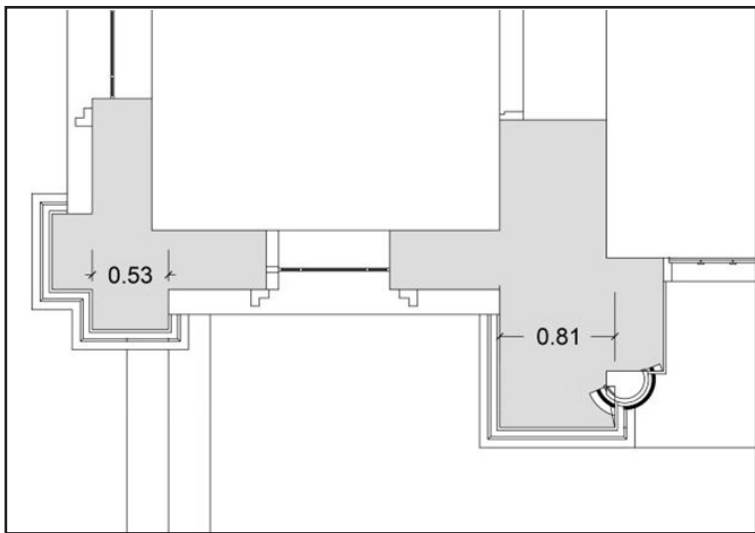


Figura 42: Planta baixa da Capela São João. Detalhe do dimensionamento dos pilares.
Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho.
Adaptado pela autora.

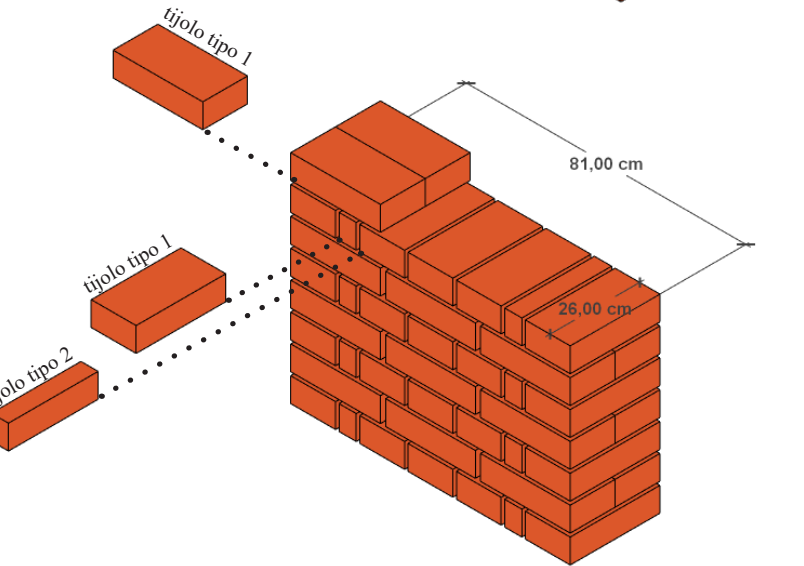
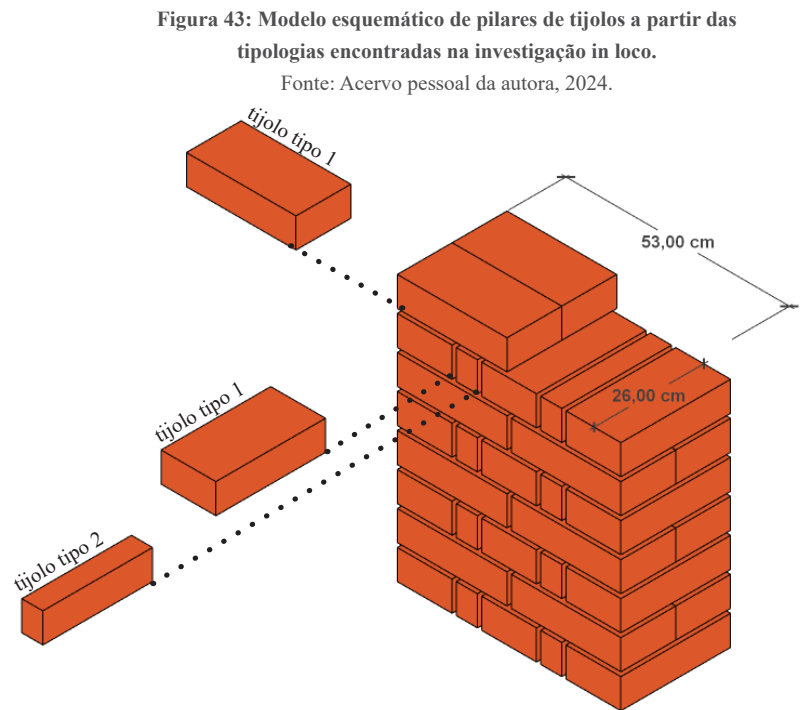


Figura 44: Modelo esquemático de pilares de tijolos a partir das tipologias encontradas na investigação in loco.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Figura 45 e 46: Pilares da Capela em assentamento inglês em tijolo misto.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ao analisar a Capela São João percebe-se que o uso da parede em 1 e 1/2 vez de tijolo se deu unicamente na fachada do edifício, bem como os pilares de espessura de 81 centímetros, devido ao aumento do peso naquele local pela presença da torre, que exige uma estrutura mais robusta. As paredes em apenas 1 vez de tijolo constituem o restante das paredes da Capela, juntamente com os pilares de 53 centímetros. Dessa forma, pode-se concluir que houve a ideia de uma economia durante a construção, mas sem perder a grandiosidade da fachada principal da Capela.

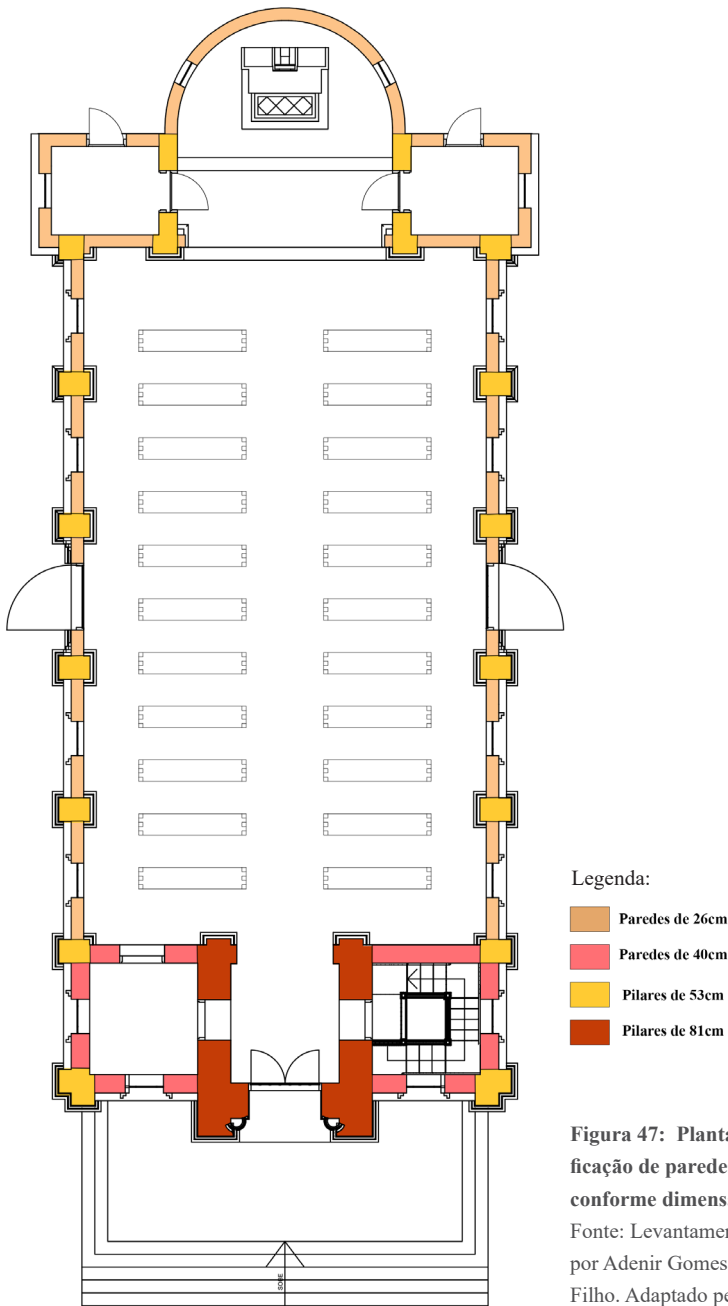
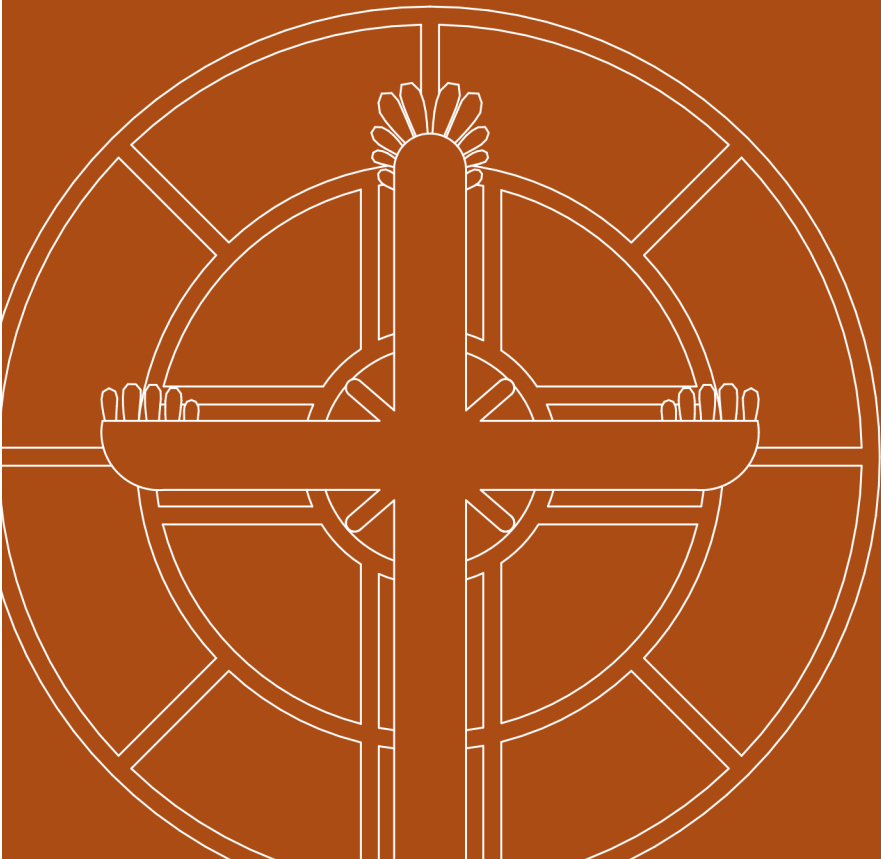


Figura 47: Planta de especificação de paredes e pilares conforme dimensão.
Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho. Adaptado pela autora.



quatro
PROPOSTA
PROJETUAL

4.1 Contexto

O município de Gália faz parte, junto de Marília, Garça e Ocaçu, da Região Turística do Alto Cafezal, pela sua história com o desenvolvimento econômico cafeeiro no estado de São Paulo durante o século XX (Gália, 2023). A cidade está localizada a 405 km da capital paulista e conta com cerca de 7 mil habitantes, sendo 4 mil apenas na área rural, segundo a estimativa de 2021 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística).

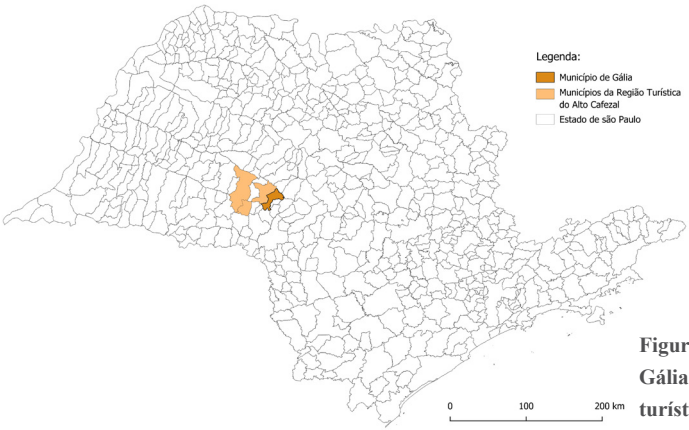


Figura 48: Localização de Gália e cidade da Região Turística do Alto Cafezal.
Fonte: Base cartográfico do IBGE. Elaborado pela autora.

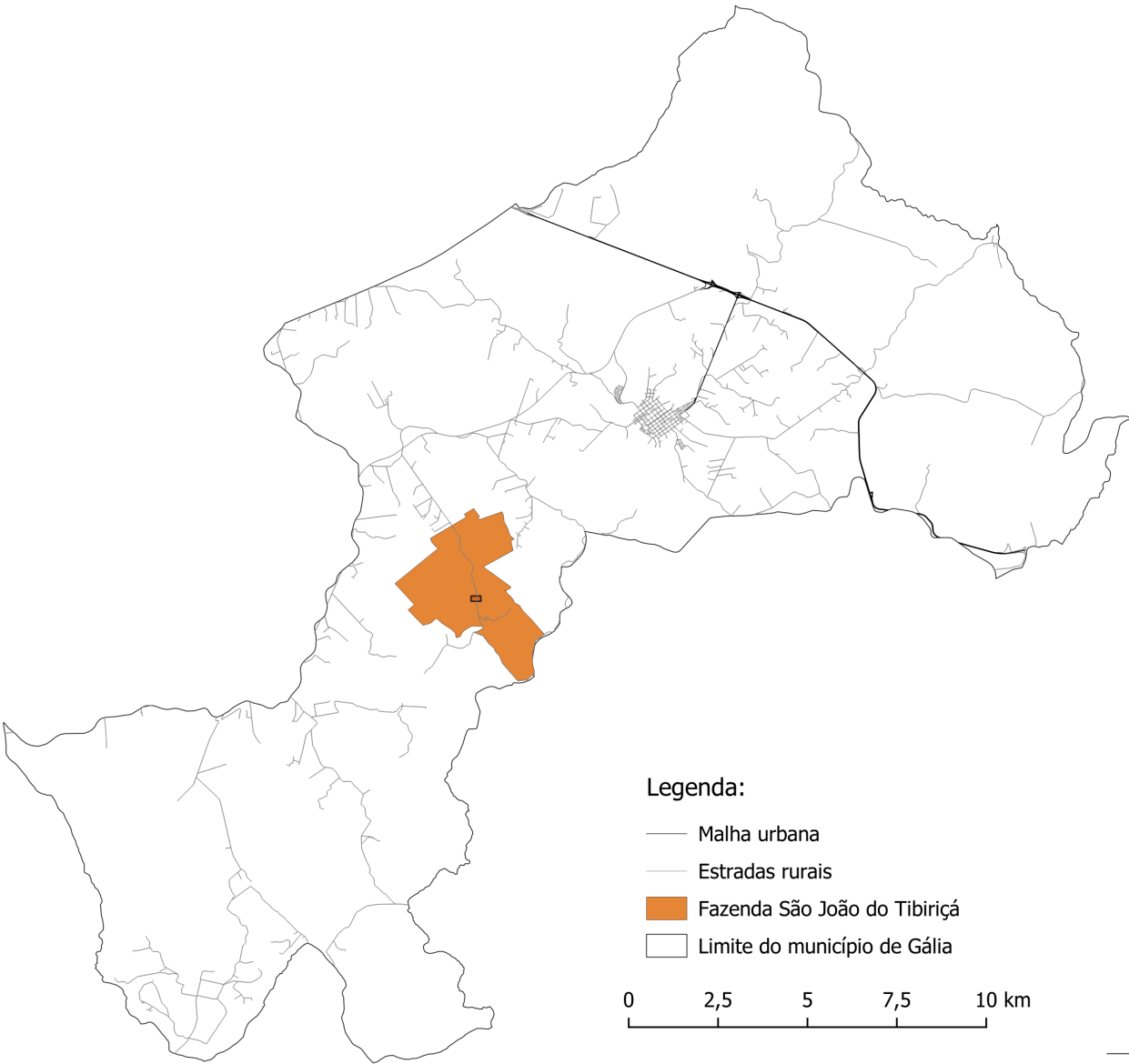


Figura 49: Cidade de Gália e localização da Fazenda São João.
Fonte: Base cartográfico do IBGE. Elaborado pela autora.

A cidade continua com sua produção agrícola presente e durante os anos adquiriu outros meios de turismo. Segundo o Relatório de Atividades Turísticas (2021) realizado pelo Ministério do Turismo, o principal segmento turístico do município é “aventura, ecoturismo, rural e cultural”. Os atrativos registrados são: a Fazenda São Ramiro que incentiva a realização de eventos gastronômicos, pesca e visitas a cachoeiras; a Fazenda Dona Irani que favorece a visita à fazenda de café e comércio de mercadorias locais; a Estação Ecológica Caetetus que promove atividades de educação ambiental com trilhas de observação e a Igreja Matriz de São José que possui murais artísticos religiosos do pintor plástico ítalo-brasileiro Bruno di Giusti, além de chamar atenção

pela arquitetura neoclássica e neogótica.

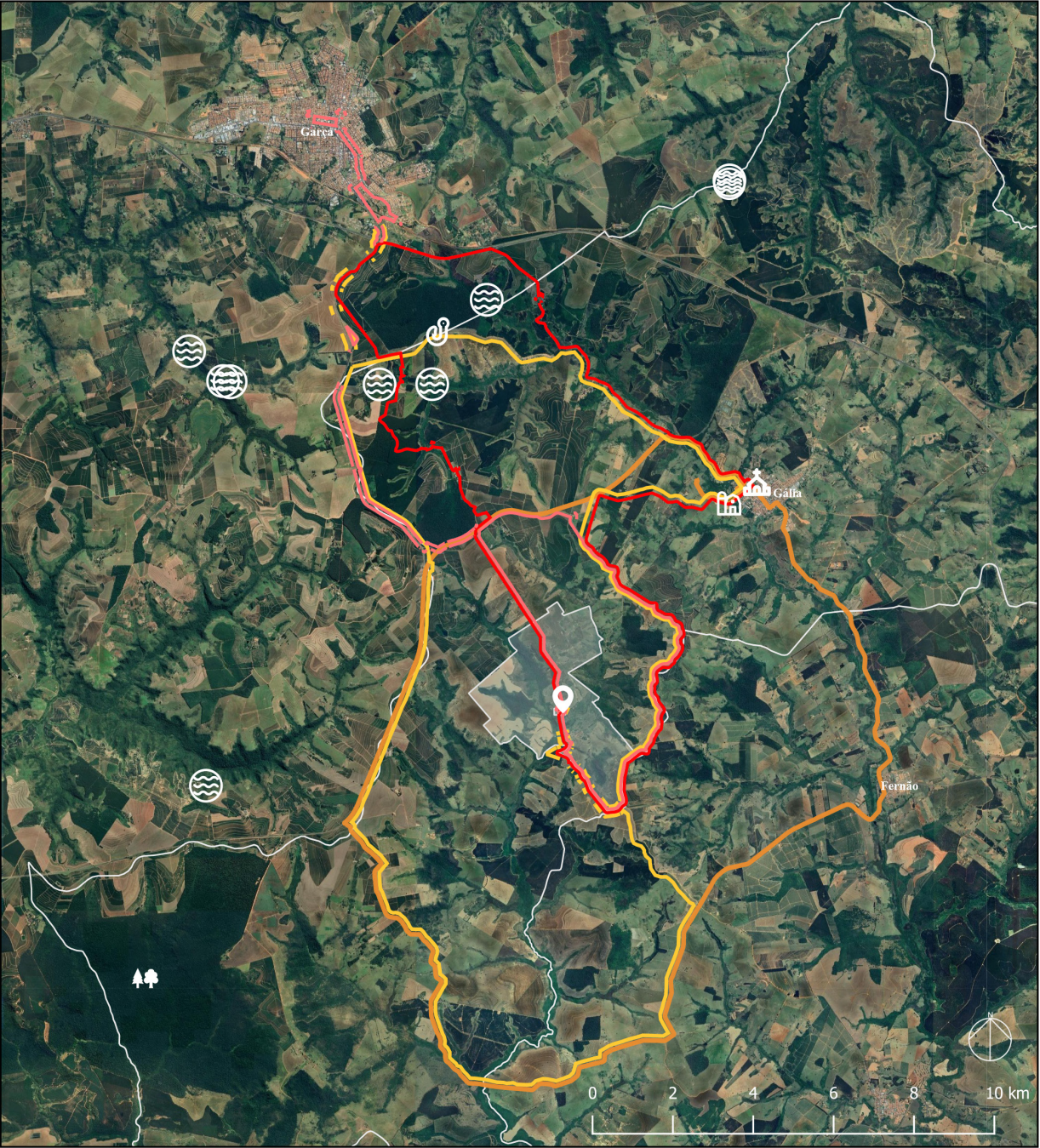
Ademais, a presença da atividade do ciclismo na zona rural de Gália vem se tornando cada vez mais expressiva. Grupos de ciclistas criam rotas próprias, que exploram as paisagens naturais da região da cidade, como cachoeiras, e que passam por localidades como a própria Capela São João.

A Capela São João tornou-se ponto de parada e de encontro nas trilhas que passam pela fazenda São João do Tibiriçá pela sua arquitetura marcante em meio rural. Ciclistas saem tanto da cidade de Gália quanto de cidades próximas, produzindo trajetos que seguem as estradas rurais entre as propriedades privadas.

Logo, o projeto de restauro da

Capela São João deu-se pela criação de um novo uso para o edifício que chamasse a atenção dos visitantes que já passam pelo local periodicamente, além de trazer um maior conforto e propósito em ficar no local por mais tempo. Assim, foi criado o projeto de Memorial da Companhia Inglesa que será situado dentro da Capela e um novo edifício, onde era a antiga escola da Companhia, que possuirá uma cafeteria para atender os visitantes e um Ponto de Apoio aos ciclistas que passarem pelo local.

Figura 50: Ciclismo rural e turismo na região de Gália-SP.
Fontes: Base cartográfica: Google Earth, 2020; Trilhas via Wikiloc.
Elaborado pela autora.



4.2 Memorial da Companhia Inglesa

A proposta de tornar o edifício em Memorial surgiu como principal ideia para uso da Capela visto a grande quantidade de relatos dos ex-moradores sobre a antiga Companhia Inglesa e a importância dela durante seus anos de atividade que deixou marcas pela cidade de Gália e região, como já foi mostrado em capítulos anteriores.

Primeiramente, em função de reabilitar a Capela São João para uso, há necessidade de regularizar sua estrutura de fundação, visto o risco de desabamento da construção. Dessa forma, sugere-se que o plano de restauro seria responsável pela estabilização do prédio junto com atividades que tornassem a Capela utilizavam

novamente, como o restauro das fachadas, esquadrias depredadas e das treliças e a colocação de novas telhas. Este projeto então levaria em consideração estudos minuciosos e os valores e princípios de Boito (2000), que prezava pela diferenciação do velho e do novo e do que foi inserido com o restauro; de Giovanoni (2013) que propunha a inserção de apenas o necessário nas intervenções; e por fim de Brandi que propõe a intervenção com fácil distinção de materiais e com fácil remoção.

Assim, para a estruturação do plano do Memorial, foram criados painéis de vidro e madeira com dimensões de 2,00m x 1,90m x 0,05m, que pudessem ser suspensos por roldanas nas treliças da Capela.

A criação dos painéis se concei-

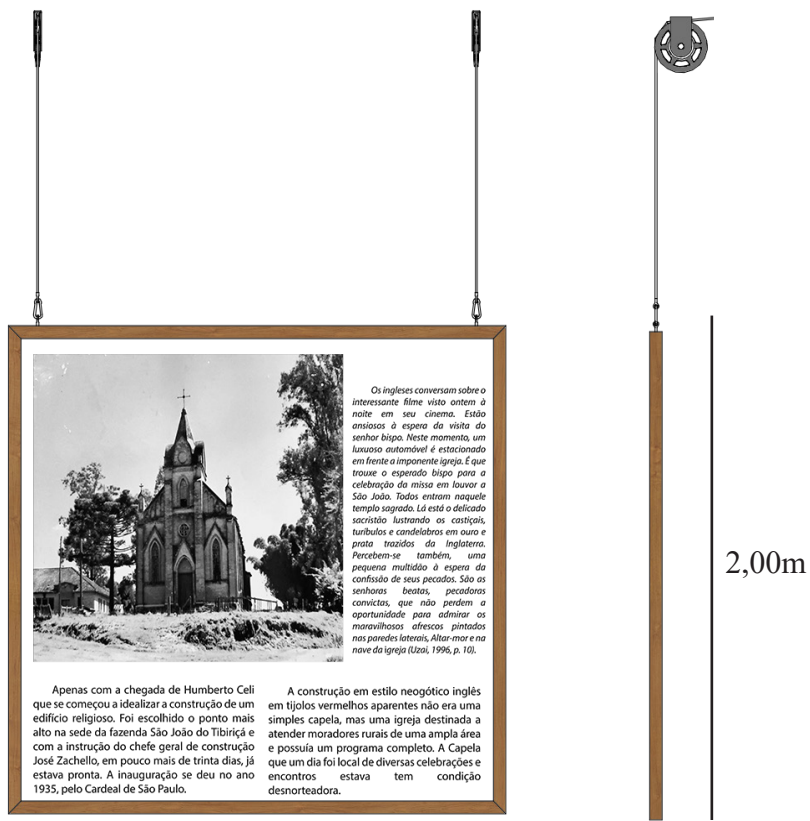
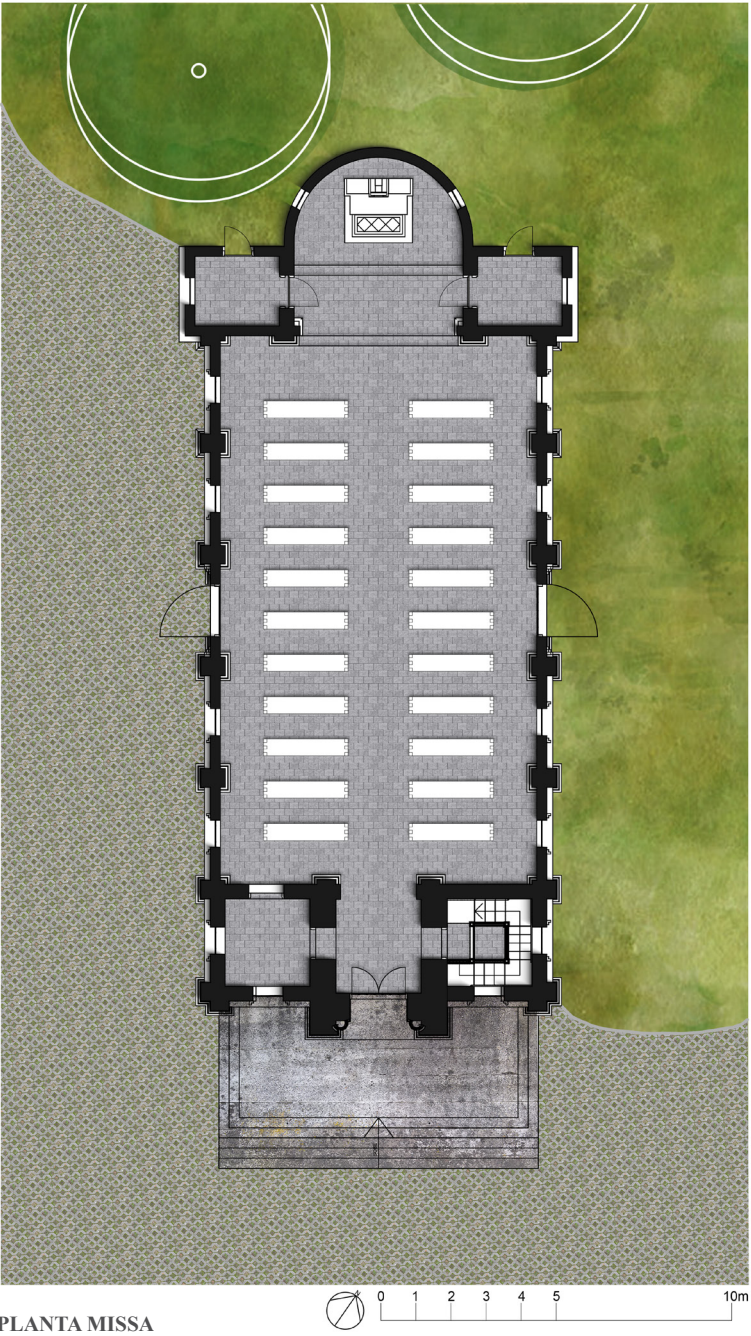
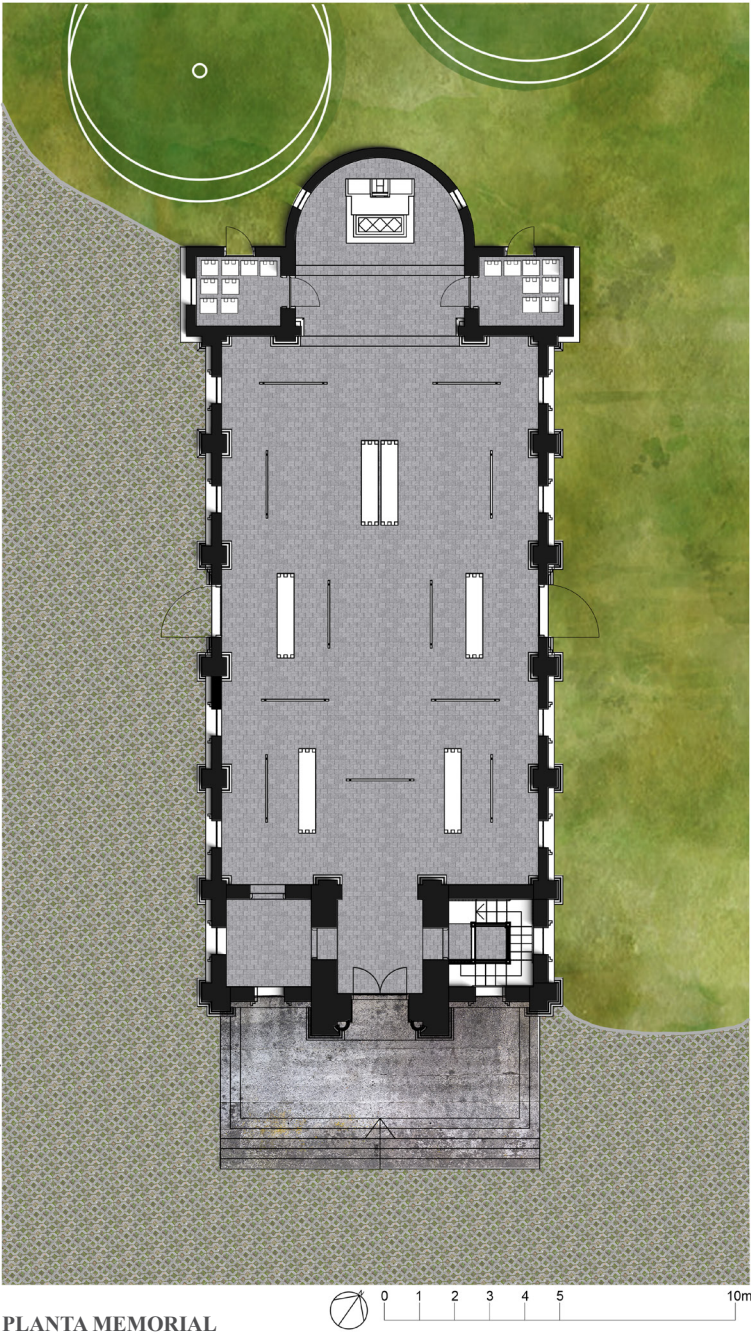


Figura 51: Dimensões dos painéis.
Fontes: Elaborado pela autora.

Figura 52: Planta da Capela São João em layout de memorial. Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho. Adaptado pela autora.

Figura 53: Planta da Capela São João em layout de missa. Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho. Adaptado pela autora.



tuou pela ideia de que não houvesse muitos impedimentos visuais dentro da Capela, podendo assim ainda manter-se o vislumbre da grandiosidade interior do edifício. A disposição destes, além de ter se dado pela localização das treliças, levou em consideração as entradas e a concepção de um fluxo pelo local. O acesso principal do Memorial acontece, então, pela porta frontal da Capela e dirige os visitantes com os painéis até o altar.

Figura 54: Visão do memorial. Fonte: Elaborado pela autora.



O Memorial, então, contaria com fotos antigas da Companhia Inglesa e relatos de ex-moradores, o que inspirou este TFG.

A suspensão dos painéis por roldanas foi elaborada para que houvesse a possibilidade da Capela ainda ser usada para missas, portanto, era necessário que os painéis pudessem ser deslocados para desobstruir a visão e permitissem o layout dos bancos para a celebração religiosa.

Também, pensando na permanência da instalação e do restauro da Capela, foi sugerido a inserção de um forro amadeirado entre as treliças e as telhas para que houvesse a proteção interna mas que permanecesse o visual da estrutura.

As plantas e cortes da Capela com layout do Memorial e de missa com informações adicionais podem ser encontradas no apêndice.

Figura 55: Visão do memorial. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 55: Visão do memorial pelo coro. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 56: Visão do memorial no coro. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 57: Corte longitudinal da Capela.
 Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho.
 Adaptado pela autora.

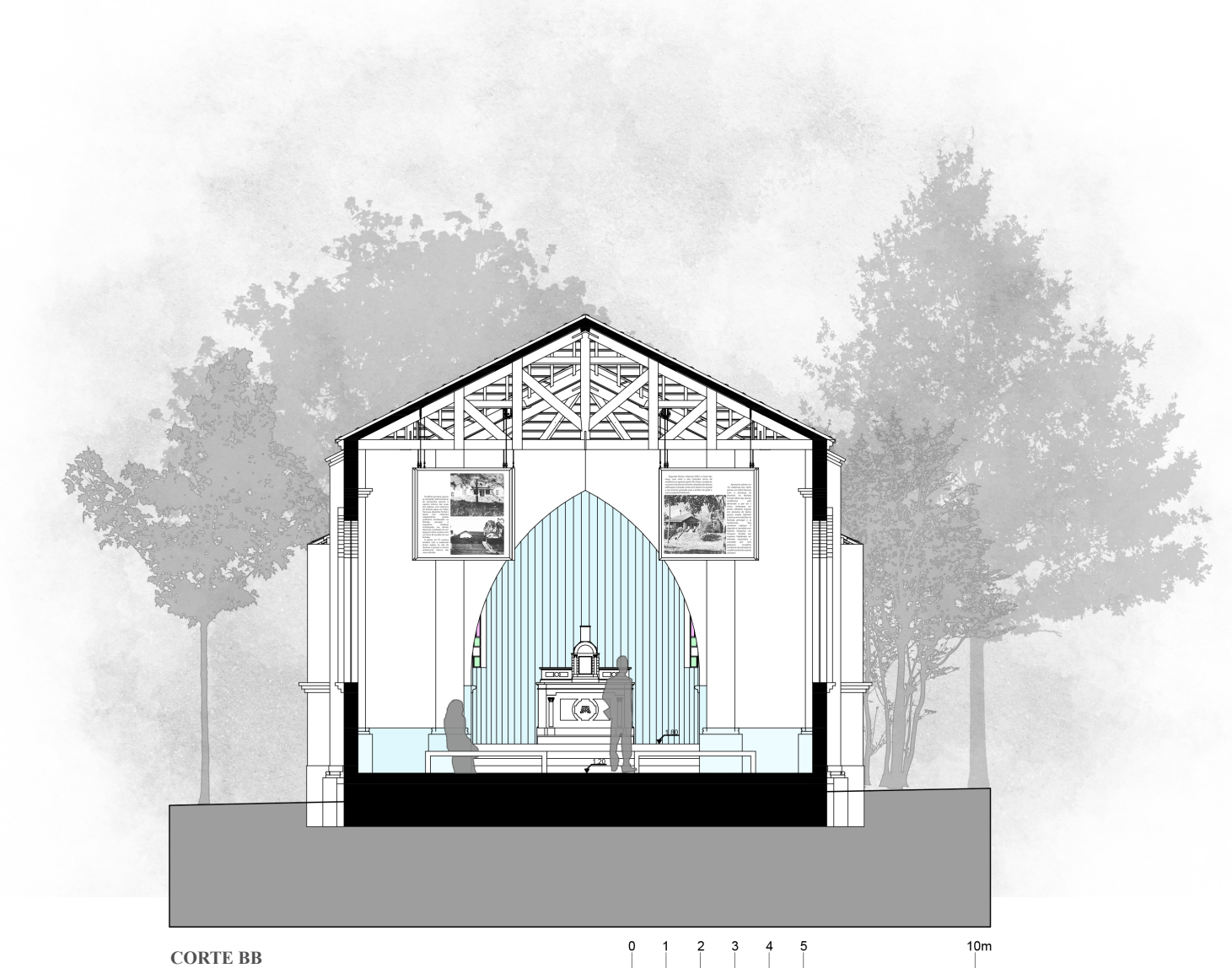


Figura 58: Corte transversal da Capela. Fonte: Levantamento métrico por Adenir Gomes da Silva Filho.
 Adaptado pela autora.

Ao analisar a distância em que a Capela se encontra do meio urbano, foi perceptível que o uso dela enquanto templo religioso se daria de grande dificuldade, portanto, a ideia de trazer cultos religiosos partiu do princípio que ocorressem apenas em datas importantes durante o ano. Assim, não haveria conflito de interesses de visitantes ao local e ainda seria possível que a Capela tivesse seu uso original esporadicamente.

Tendo em vista, então, da possibilidade desses dois usos para o edifício, foram criados bancos de madeira que pudessem ser flexíveis diante da atividade sendo realizada. Deste modo, os novos bancos usados tanto no layout do Memorial quanto no layout das missas, tem medidas de

2,50m x 0,50m x 0,45m. Os bancos foram elaborados visando uma estética mais limpa e regular para que pudessem complementar a estética dos painéis. Os mesmos, quando não estão sendo utilizados, serão guardados no Santíssimo e Sacristia da Capela.

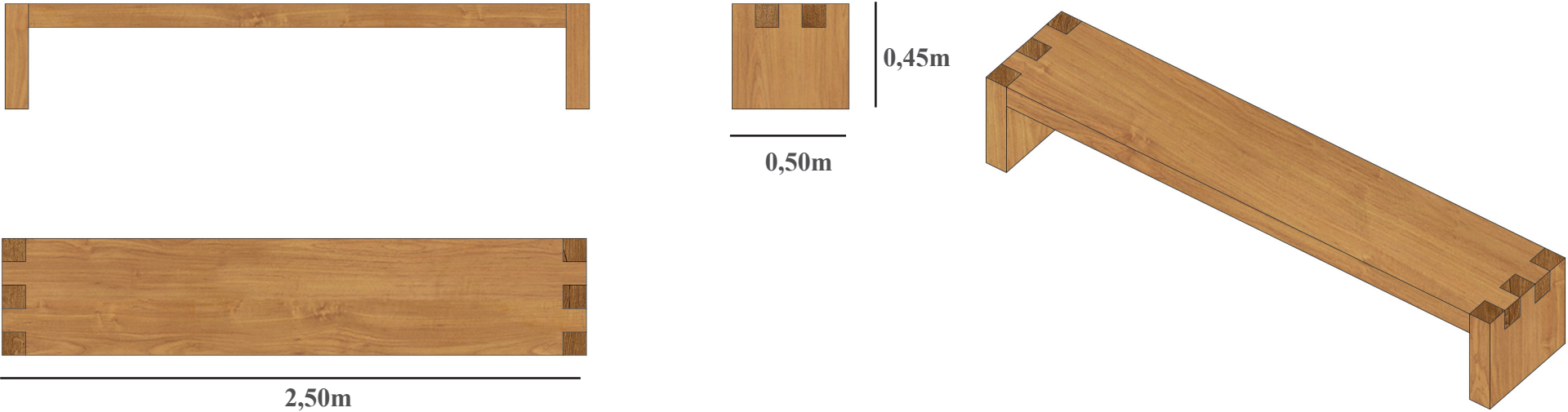


Figura 59: Dimensão dos bancos. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 60: Visão da missa. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 61: Visão da missa. Fonte: Elaborado pela autora.

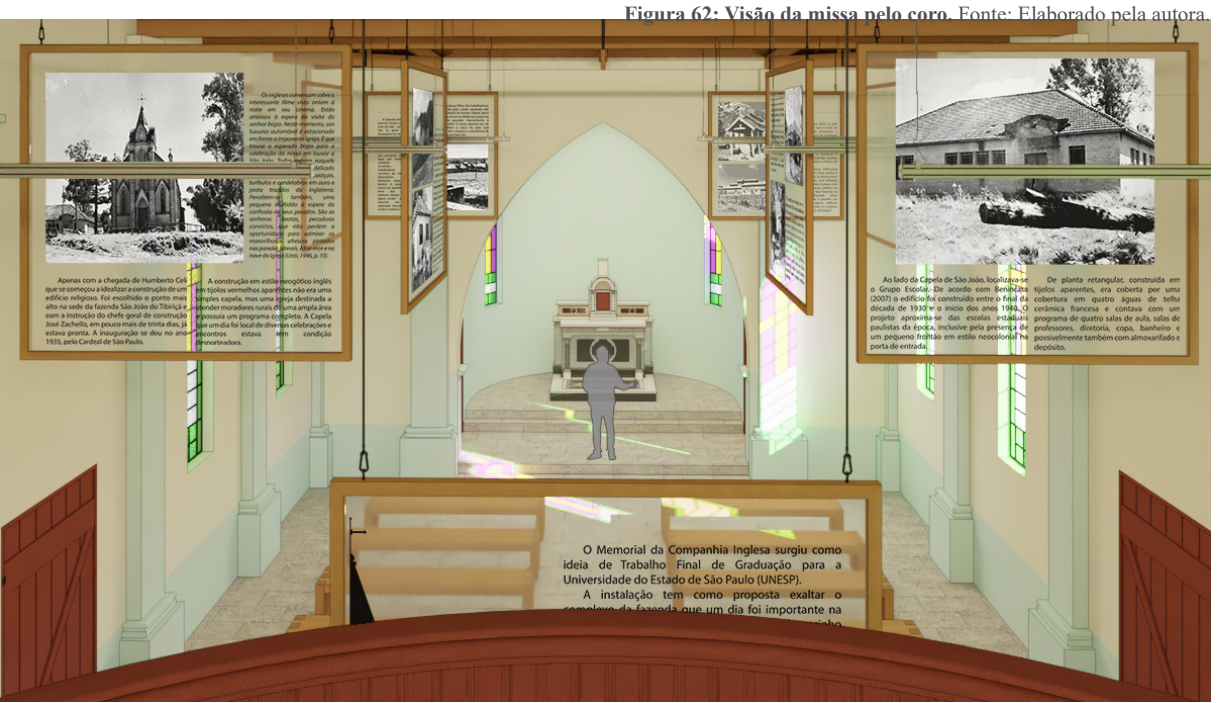


Figura 62: Visão da missa pelo coro. Fonte: Elaborado pela autora.

4.3 Ponto de Apoio aos Ciclistas e cafeteria

O projeto de Ponto de Apoio aos ciclistas e cafeteria se deu primeiramente pela informação da passagem dos mesmos pela Capela e se estruturou depois de uma conversa com responsáveis por grupos de ciclismo da região. Dois grupos foram solicitados: PirambaMTB e Quadra Bikers Cicloturismo que informaram que as necessidades de um ponto de apoio se daria pela disponibilização de materiais de conserto de bicicletas e local de abastecimento de alimentos.⁴

Juntamente dessa ideia, surgiu a necessidade de um espaço que pudesse também trazer maior conforto para quem apenas quer passar e visitar o Memorial.

Assim, idealizou-se a criação de um local que pudesse abranger os dois públicos.

Após análise maior do local, foi possível notar que, durante os anos de atividade da Companhia Inglesa, a escola que atendia aos moradores se localizava ao lado da Capela. Sendo assim, surgiu a ideia de posicionar o novo prédio onde era o antigo, que foi demolido entre os anos de 2002 e 2010, para aludir ao volume que acontecia no lugar.

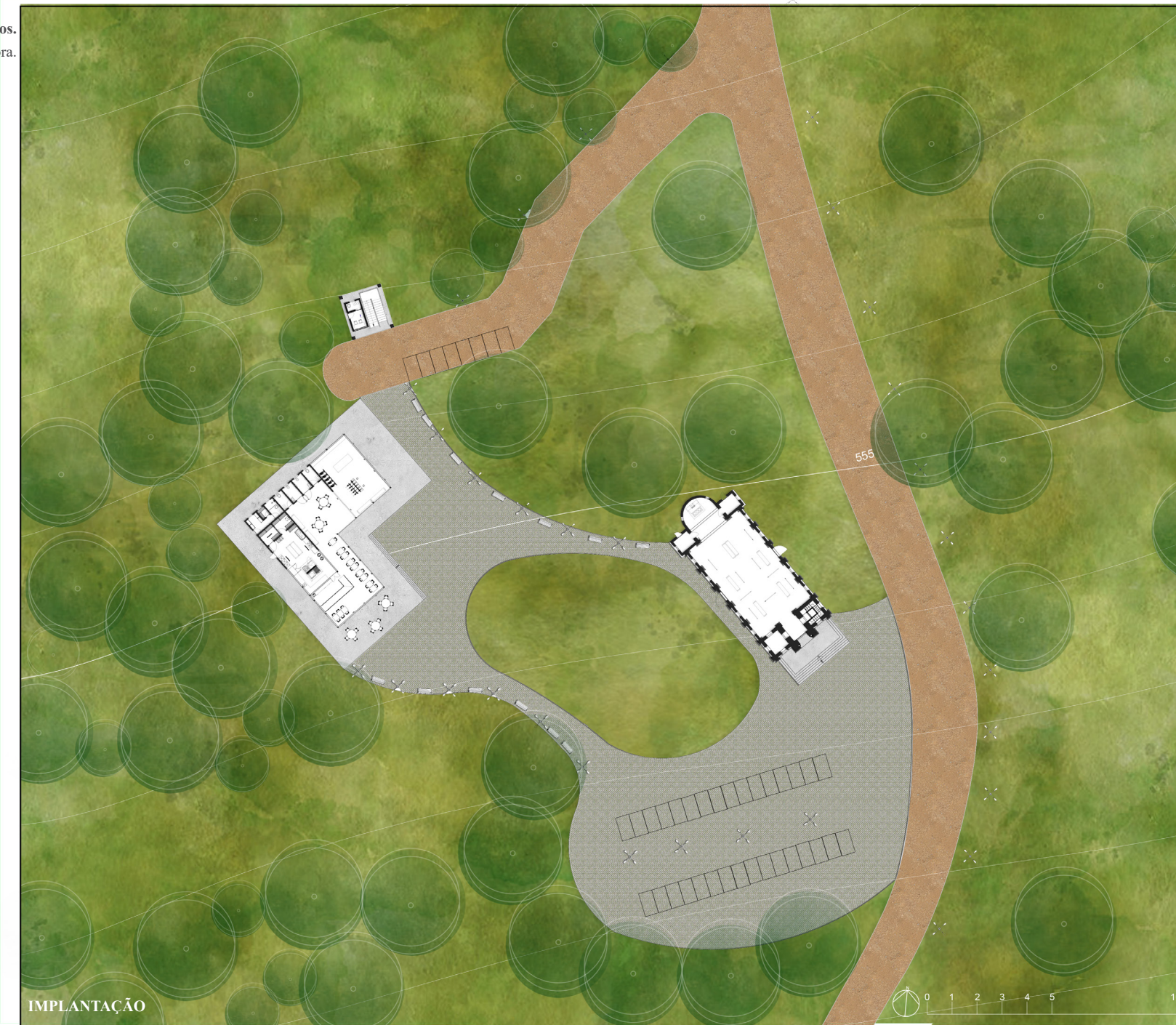
A circulação externa entre os edifícios conta com a pavimentação do terreno com piso intertravado seguindo sua declividade padrão, visto a pouca diferença de elevação que existe no local e aspirando

a permeabilidade do solo. Foi criado um desenho orgânico que gerasse um grande canteiro entre a Capela e o Ponto de Apoio, além da disposição de bancos para incentivar a ocupação dos visitantes também na área externa do lugar.

Figura 63: Capela e escola. Fonte: Biblioteca Municipal de Gália.



Figura 64: Implantação dos edifícios e novos caminhos. Fonte: Elaborado pela autora.



⁴ O questionário e respostas onde se encontram estas informações estão no Apêndice.



Figura 65: Planta do Ponto de apoio e cafeteria.
Fonte: Elaborado pela autora.

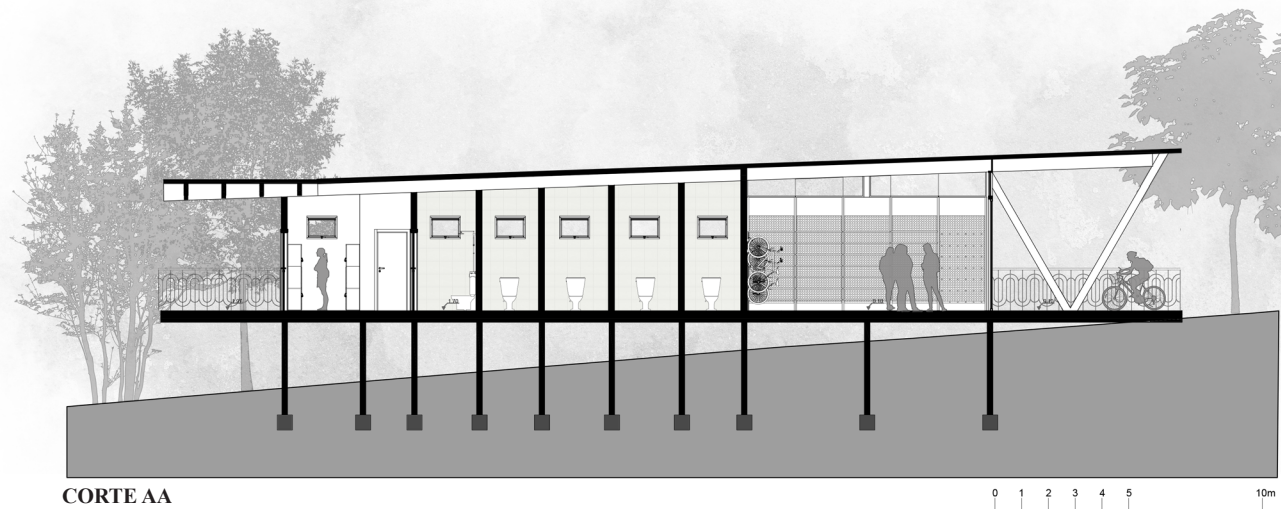


Figura 66: Corte AA do Ponto de apoio e cafeteria. Fonte: Elaborado pela autora.

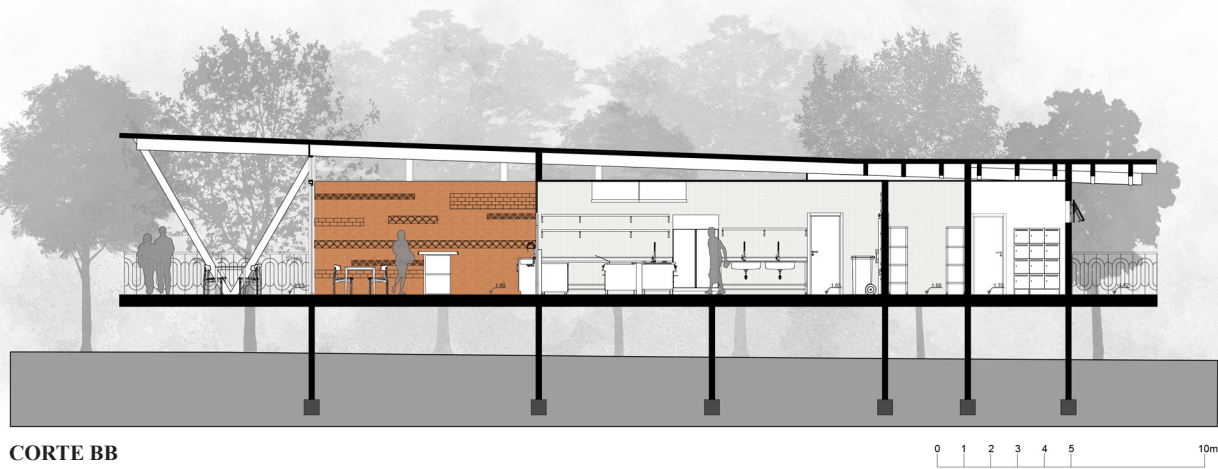


Figura 67: Corte BB do Ponto de apoio e cafeteria. Fonte: Elaborado pela autora.

Partindo do conceito de ser um edifício que não competisse visualmente com a Capela e se diferencie completamente em estilo arquitetônico, o Ponto de Apoio e Cafeteria tem apenas um pavimento, que chega a uma altura de no máximo 4,25 metros. Grandes painéis de vidros nas portas e janelas foram criados para trazer leveza ao prédio, que contrasta com o peso visual que a Capela possui e também auxiliam na visualização de todos os ambientes à ela. Para permitir ainda mais a sensação

Ponto de Apoio aos Ciclistas e Cafeteria	Ambiente	Função	Área (UN)	Àrea (Total)
	Ponto de Apoio	Diversos	63,00 m²	63,00 m²
	Cafeteria	Alimentação/Convivência	114,00 m²	114,00 m²
	Cozinha	Técnico	45,00 m²	45,00 m²
	Armazém de secos	Armazenamento	5,00 m²	5,00 m²
	Câmara de Refrigeração	Armazenamento	4,95 m²	4,95 m²
	Lockers	Armazenamento	6,00 m²	6,00 m²
	D.M.L.	Limpeza	1,75 m²	1,75 m²
	W.C. Funcionários	Sanitários	3,95 m²	7,90 ,m²
	W.C.	Sanitários	3,60 m²	7,20 m²
	W.C. PCD	Sanitários	4,25 m²	8,50 m²

Quadro 2: Quadro de áreas do Ponto de apoio e cafeteria.
Fonte: Elaborado pela autora.

necessário apenas pequenas modificações na topografia existente, proporcionando uma maior preservação do ambiente rural. O acesso para a construção se dá pela frente do Ponto de Apoio que está em nível com o terreno e pela escadaria lateral que chega até a frente da cafeteria.

O Ponto de Apoio conta com uma área de 63,00 metros quadrados e dispõe de equipamentos de reparo de bicicletas e de auxílio na atividade física dos ciclistas.

Figura 68: Vista do Ponto de apoio. Fonte: Elaborado pela autora.



O intuito é abranger quaisquer necessidades de quem pratica a atividade física que passe pelo local ou esteja próximo.

As plantas e cortes do Ponto de Apoio e cafeteria com informações adicionais podem ser encontradas no apêndice.

Figura 70: Vista do Ponto de apoio para a Capela. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 69: Vista do Ponto de apoio para a cafeteria. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 71: Elevação 1 do Ponto de apoio e cafeteria. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 72: Elevação 2 do Ponto de apoio e cafeteria. Fonte: Elaborado pela autora.

O salão de atendimento é o local de encontro entre a cozinha e o Ponto de Apoio. Com acesso principal pela lateral esquerda, a Cafeteria possui uma extensão de 114,00 metros quadrados e pode atender até 45 pessoas acomodadas em mesas de dois ou quatro lugares, que também são flexíveis à mudança de layout quando necessário. O mobiliário em madeira e estofado branco foi escolhido buscando a otimização do espaço e a harmonia com a estética. O balcão para atendimento e pagamento se encontra posicionado estrategicamente ao lado da cozinha para que o fluxo de pratos não interfira no acesso dos visitantes e também determina a entrada principal da Cafeteria.

Figura 73: Vista da cafeteria e cozinha. Fonte: Elaborado pela autora.



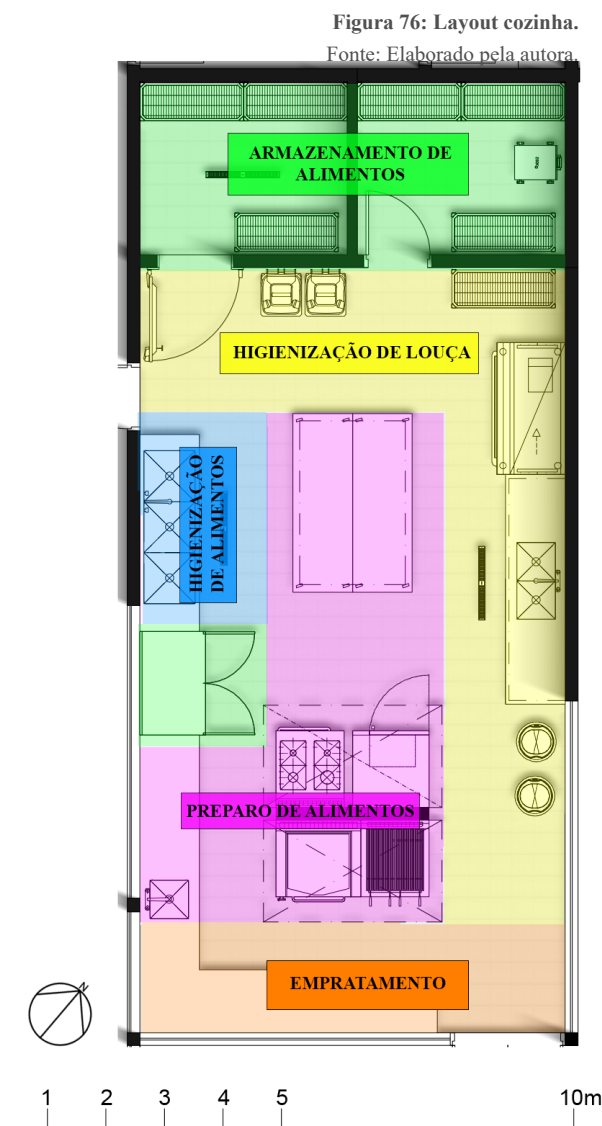
Figura 74: Vista da cafeteria para a Capela. Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 75: Vista da cozinha para a cafeteria e Capela. Fonte: Elaborado pela autora.



Para o auxílio completo da atividade em meio rural, a Cafeteria possui cozinha completa, com armazém de secos e câmara de refrigeração, visando o menor número possível de transportes para o local que é de longe acesso. A cozinha se localiza de forma centralizada no edifício e tem acesso pelo corredor lateral. O fluxo da cozinha

tem foco em otimizar o trabalho e a cocção de comidas de preparo rápido. A saída e entrada de alimentos limpos e sujos se dão de maneira estratégica para que não haja contaminação cruzada. Assim, o ciclo limpo, que contém as partes de higienização, preparo e empratamento, acontecem de formas complementares e que evitem trocas existentes em cada etapa. O ciclo sujo, que se dá na volta dos pratos do salão, a higienização e descarte do lixo, ocorre de forma que seja possível a mínima intervenção nas outras etapas e com fácil acesso à parte externa para descarte. Complementando o ambiente, há armários e banheiro completo para funcionários com acesso pelo corredor lateral, tentando contemplar o máximo possível as necessidades dos mesmos.



As cores e materiais selecionados para o novo edifício foram inspiradas pela própria Capela São João, com intenção de complementar a construção já existente, ainda que em um estilo arquitetônico totalmente diferente. Desta maneira foram escolhidos tons terrosos para os revestimentos da parte social da Cafeteria que aludem aos tijolos tão característicos usados nas paredes da Capela. O branco das paredes, a madeira nos pilares e vigas e o concreto na plataforma, ainda que também referência à Capela, são usados à modo de transmitir a modernidade do prédio, bem como as grandes esquadrias de vidro com perfis preto. Ademais, as formas circulares que aparecem em detalhes como nas decorações das paredes e nos perfis do guarda-corpo são referências diretas à abside da Capela.

Figura 77: Vista dos azulejos na cafeteria. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 78: Vista do detalhe da parede na cafeteria. Fonte: Elaborado pela autora.



Por fim, uma vez que o novo edifício se conceitua levando em consideração a leveza e na não competição hierárquica com a Capela, a inserção de uma caixa d'água no prédio se fez com dificuldade,

pois resultaria em um volume muito forte na cobertura. Também, a necessidade de um ponto de vigia, visto a quantidade de bens materiais e a proteção do patrimônio contra depredações, surgiu a ideia de um um

novo volume vertical, que se inserisse no local sem que tirasse a atenção do Ponto de Apoio e principalmente da Capela. Assim, o novo volume posicionou-se perto do estacionamento de funcionários e, visualmen-



Figura 79: Vista do detalhe da parede na cafeteria. Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 80: Planta vigia/mirante. Fonte: Elaborado pela autora.

te, entre os dois edifícios já vistos, e, com sua altura total de 12 metros, tornou-se um ponto médio na perspectiva de quando se olha da Capela para o Ponto de Apoio.

Uma vez criado o espaço, procurou-se inseri-lo na dinâmica do local. Para isso,

aproveitando-se da altura de 4 metros dos patamares e a inclinação da topografia, o segundo andar se tornou um mirante para os visitantes apreciarem a atividade no local e a paisagem rural.



Figura 81 e 82: Corte AA e BB, respectivamente, da vigia/mirante. Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 83: Vista geral do projeto. Fonte: Elaborado pela autora.



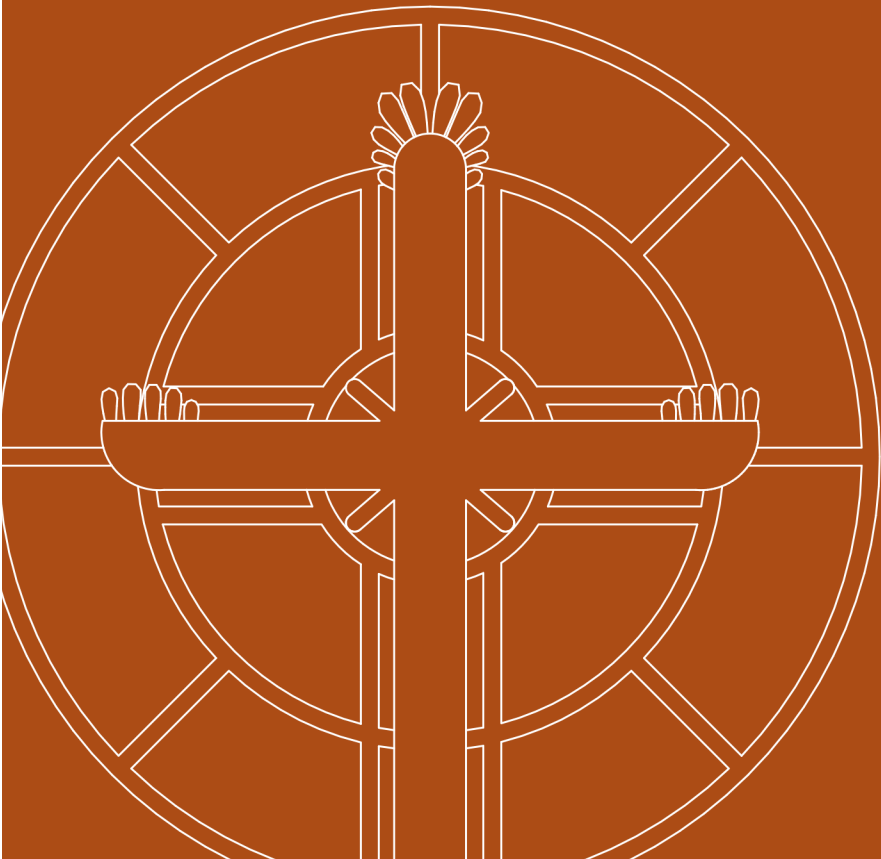
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para este trabalho foram os vários relatos carinhosos de ex-moradores sobre a antiga Companhia Inglesa e a beleza em destruição em meio rural que a Capela São João possui.

O presente trabalho tenta inserir um patrimônio esquecido pelas autoridades na vida social que hoje ocorre no local onde está inserido, procurando não só a sua permanência como memória do que um dia foi, mas tentando construir novas para quem tem interesse. Ademais, procurou promover a conscientização da salvaguarda de monu-

mentos através de projetos de restauração e a importância da prospecção minuciosa para preservar o máximo possível da autenticidade do edifício.

O patrimônio cultural é detentor de história principalmente quando em estado de deterioração e seu valor sentimental só cresce, a Capela São João é símbolo disso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.; LOURENÇO, P; LUSO, E. **Breve história da teoria da conservação e do restauro.** Disponível em: <<http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/2554/1/Pag%2031-44.pdf>>. Acesso em:

ALMEIDA, T. C. L. de. **Intervenções em ruínas patrimoniais: o caso da cidade de Laranjeiras - Sergipe.** In: Anais do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil. Anais...Belo Horizonte(MG) Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/simposioicomos2020/250471-INTERVENCOES-EM-RUINAS-PATRIMONIAIS--O-CASO-DA-CIDADE-DE-LARANJEIRAS---SERGIPE>>. Acesso em: 08/06/2023

ALVES, J. E. **Sobre o “património rural”: contributos para a clarificação de um conceito. Cidades - Comunidades e Territórios.** 2004, N. 8, pp. 35-52. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/cct/issue/view/586>>. Acesso em: 08 Jun. 2023.

ARCHITECTURES, L.T. **Museu Rodin Bahia / Brasil Arquitetura**”. 17 Ago 2020.ArchDaily Brasil. Acessado 26 Mai 2023. <<https://www.archdaily.com.br/910445/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura>> ISSN 0719-8906

ARCHITECTURES, L.T. **Restauração e adaptação de uma capela do século XVI em Brihuega / Adam Bresnick**” [Restoration and adaptation of a 16th century Chapel in Brihuega / Adam Bresnick] 04 Mai 2014. ArchDaily Brasil. Acessado 10

Mai 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/601390/restauracao-e-adaptacao-de-uma-capela-do-seculo-xvi-em-brihuega-slash-adam-bresnick>> ISSN 0719-8906

AZEVEDO, P. O. de. (2008). **A Restauração Arquitetônica entre o passado e o presente.** Rua: Revista De Urbanismo E Arquitetura, 6(1). Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3226>. Acesso em: 24 Abr. 2023

BAETA, R. E., NERY, J. C. (2017). **Reflexões sobre intervenções arquitetônicas contemporâneas em ruínas.** Oculum Ensaios, 14(2), 217–240. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v-14n2a3871>. Acesso em: 22 Abr. 2023.

BENINCASA, V. **Fazendas Paulistas: arquitetura rural no ciclo cafeeiro.** Vol. II. 2007. 667f. Tese (Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

BOITO, C. **Os restauradores.** Trad. Paulo Mugayar Kühl e Beatriz Mugayar Kühl.Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDI, C. **Teoria da restauração.** Tradução Beatriz Mugayar Kühl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa**

do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Decreto-lei nº 25/37, de 30 de novembro de 1937.** Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/del0025.htm. Acesso em: 11 Jun. 2023.

CARVALHO, H. **Companhia Inglesa - Memórias da Fazenda São João (1944/1954).** Piramba-MTB, 2016. Disponível em: <<https://pirambamtb.com/2016/06/05/companhia-inglesa-memorias-da-fazenda-sao-joao-19441954-por-hamilton-carvalho/>>. Acesso em: 03 Jun. 2023.

CIAM. Congresso Internacional de Arquitetura. **Carta de Atenas, 1933**. In: CURY, Isabelle (Org.). Cartas Patrimoniais. 3a ed. rev. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. p. 21-68.

CONSELHO DA EUROPA. **Declaração de Amsterdã**. Congresso do Patrimônio Arquitetônico Europeu, 1975. Cartas Patrimoniais. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20de%20Amsterda%CC%83%201975.pdf>. Acesso em: 30 Abr. 2023

CONSELHO DA EUROPA. **Manifesto de Amsterdã**. Carta europeia do patrimônio arquitetônico, 1975. In: CURY,

Isabelle (Org.). Cartas Patrimoniais. 3a ed. rev. aum. Rio de Janeiro:IPHAN, 2004. p. 210-216.

COSTA, F. **Enciclopédia Prática da Construção Civil: Obras de alvenaria**. Lisboa: Edição do Autor, Portugália Editora, 1955.

DINIZ, L. N. **Projetos contemporâneos em ruínas: o passado compartilhado no presente**. In: Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-e-nanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-PCI-007-4>.

pdf. Acesso em: 05 Mai. 2023

GÁLIA. **Decreto Municipal Nº1696, de 23 de outubro de 2020**. Prefeitura Municipal de Gália. Disponível em: <https://galia.sp.gov.br/portal/normas/get/53761>. Acesso em: 20 de Jun. 2023.

GÁLIA. **Informações Turísticas. 2024**. Prefeitura Municipal de Gália. Disponível em: <https://galia.sp.gov.br/portal/informacoes-turisticas> Acesso em: 02 de Maio de 2024.

GÁLIA. **Tombamento Provisório Nº1/2020, de 03 de setembro de 2020**. Prefeitura Municipal de Gália. Disponível em: <https://galia.sp.gov.br/portal/normas/>

[get/53761](https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf). Acesso em: 20 de Jun. 2023.

GIL, A C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

ICOMOS. Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Históricos. **Carta de Burra**. 1980. Cartas Patrimoniais. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.p> df. Acesso em: 30 Abr. 2023.

ICOMOS. Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Históricos. **Carta de Veneza**. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, 1964. Cartas Patrimoniais.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 30 Abr. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

IPHAN. **Carta de Veneza**. Brasília, 2014c. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>. Acesso em: 05 Abr. 2023.

SALCEDO, R. F. B. **Teoria e métodos na restauração arquitetônica**.

In: MAGAGNIN, R. C.; SALCEDO, R. F. B.; CONSTANTINO, N. R. T. C. Arquitetura, urbanismo e paisagismo: contexto contemporâneo e desafios. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 25-44. ISBN: 978-85-7983-443-1.

SALCEDO, R. F. B. **Modelo de ficha de inventário do patrimônio ferroviário necessários para o tombamento e projetos de intervenção**. In: SALCEDO, R. F. B.; GOMES, S. H. T.BENINCASA, V. Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo: Novos Contextos e Desafios. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, p. 103-126.

SILVA FILHO, A. G. **Ruínas da Fazenda São João do Tibiriçá: inventa-**

riação e ressignificação de um patrimônio rural paulista. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado - Arquitetura e Urbanismo) Universidade Paulista (Unesp) Presidente Prudente.

SOUZA JÚNIOR, M. de. (2017). **O conceito de ruína e o dilema da conservação em arte contemporânea.** Revista ARA, (2), 133-157. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8354.v0i2p133-157>

UZAI, M. N. **O Fascínio de um Sonho Inglês nos Trópicos: memórias sobre a Companhia Agrícola Rio Tibiriçá. Gália-SP (1930-1960).** Marília: FFC-UNESP (monografia de bacharelado em Ciências Sociais), 1996.

VILLELA, A. T. C. **Arqueologia da Arquitetura (AA): a estratificação tridimensional do tempo.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2015.



APÊNDICE

Consulta feita aos responsáveis por grupos de ciclismo que passam pela Capela São João na Fazenda São João do Tibiriçá - Gália, SP.

- 1. O que vocês acham sobre um ponto de parada/auxílio naquele local?
- 2. Vocês fazem trilhas que passam pela Capela? Se sim, tem como mostrar?
- 3. O que tem na região perto que seria interessante de ver?
- 4. O que seria interessante ter nesse ponto que auxiliasse os ciclistas experientes?
- 5. O que ter para auxiliar ciclistas que estão começando?
- 6. Como escolher trilhas?
- 7. Tem algo a mais que você gostaria de ver naquela região e/ou para Capela? Algum tipo de atividade sendo feita com a Capela, etc?

PirambaMTB - Responsável: Rudi Arena.

Respondido em: 26 de janeiro de 2024.

- 1. Seria muito importante e bastante oportuno, uma vez que já é um ponto natural de parada para os ciclistas que param na capela para tirar fotos e aproveita também para tomar água, descansar e até se alimentar.
- 2. Sim existem trilhas que passam pela Cia Inglesa e podemos enviar o trajeto registrado no aplicativo Strava que permite o monitoramento de atividades como ciclismo, entre outras. Saindo de Garça/SP existe uma trilha que passa pela CIA Inglesa que é clássica, mas também pode ser um ponto de passagem de trilhas para outros municípios da região como Ubrajara/SP, Lucianópolis/SP e Fernão/SP.
- 3. Existem plantações de girassóis

depe dendo da época do ano que vira uma atração turísticas e muitos procuram o lugar para tirar fotos e apreciar o colorido dessa cultura agrícola, também existem cachoeiras que não propriamente no caminho da trilha de bicicleta, mas se quiser mudar um pouco o rumo não fica distante.

4. Seria interessante que houvesse no local a disponibilização de água potável, se fosse gelada melhor ainda. Também seria um ótimo lugar para a fixação de um “bike station”, trata-se de um equipamento voltado para os ciclistas em que é possível fazer pequenos reparos na bicicleta, e que conta com bomba de ar e jogo de chaves allen.

- 5. Acredito que as mesmas coisas

servem tanto para os ciclistas mais experientes como para os iniciantes.

- 6. É possível sair da capela e percorrer toda a estrada de terra, dar uma volta e chegar na capela novamente, a única ressalva é que é preciso percorrer um pequeno trecho de asfalto de menos de 1 km.

- 7. O lugar poderia ser também um museu, ou um lugar para ter mais informações sobre a história da Capela e também da antiga Fazenda São João. Também seria interessante se tivesse um ponto para venda de alguns artigos alimentícios ou até alguma espécie de souvenir para quem quiser alguma recordação do local.

T

Respondido em: 16 de janeiro de 2024.

1. Seria algo espetacular, já que a igreja se tornou algo histórico e popular para visitas, vem pessoas de longe visitar as ruínas da mesma, já encontrei muitas pessoas de outras cidades em minhas passagens por lá e oferecer um apoio seria algo realmente bem feito!!!!

2. Sim fazemos trilhas que passam pela capela, basicamente o caminho sempre é o mesmo, o que muda é origem e final

destino, esse por exemplo começa e termina na cidade de Garça.

3. Na região da igreja não há nada de interessante, no caminho tem plantação de girassol, mas é temporada que dura somente 15 dias, no resto não há nada atrativo.

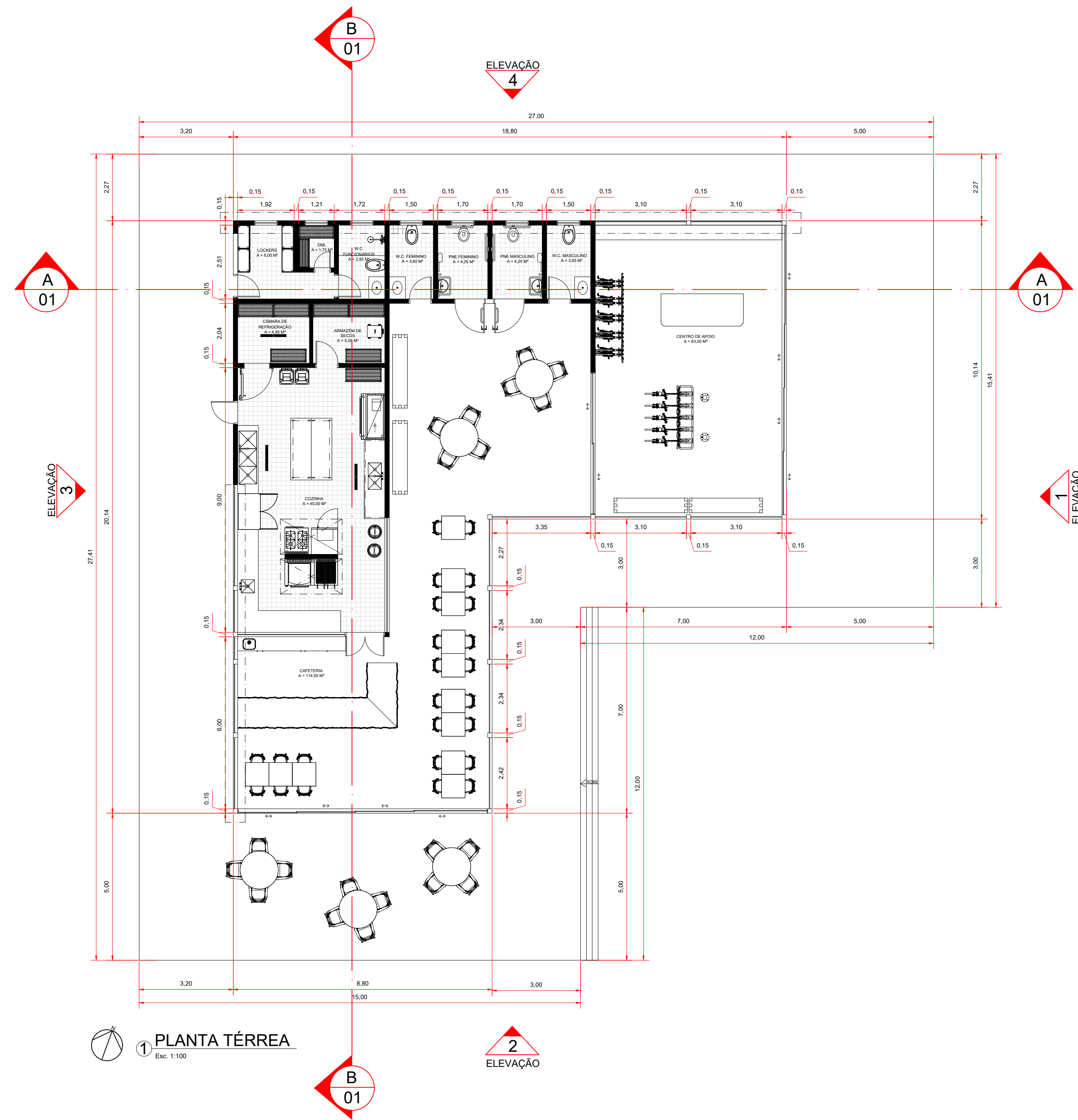
4. Seria interessante colocar ponto de Hidratação, água basicamente, área de descanso, sinal telefônico, e alguém que possa atender os pedidos de socorro se ne-

cessário.

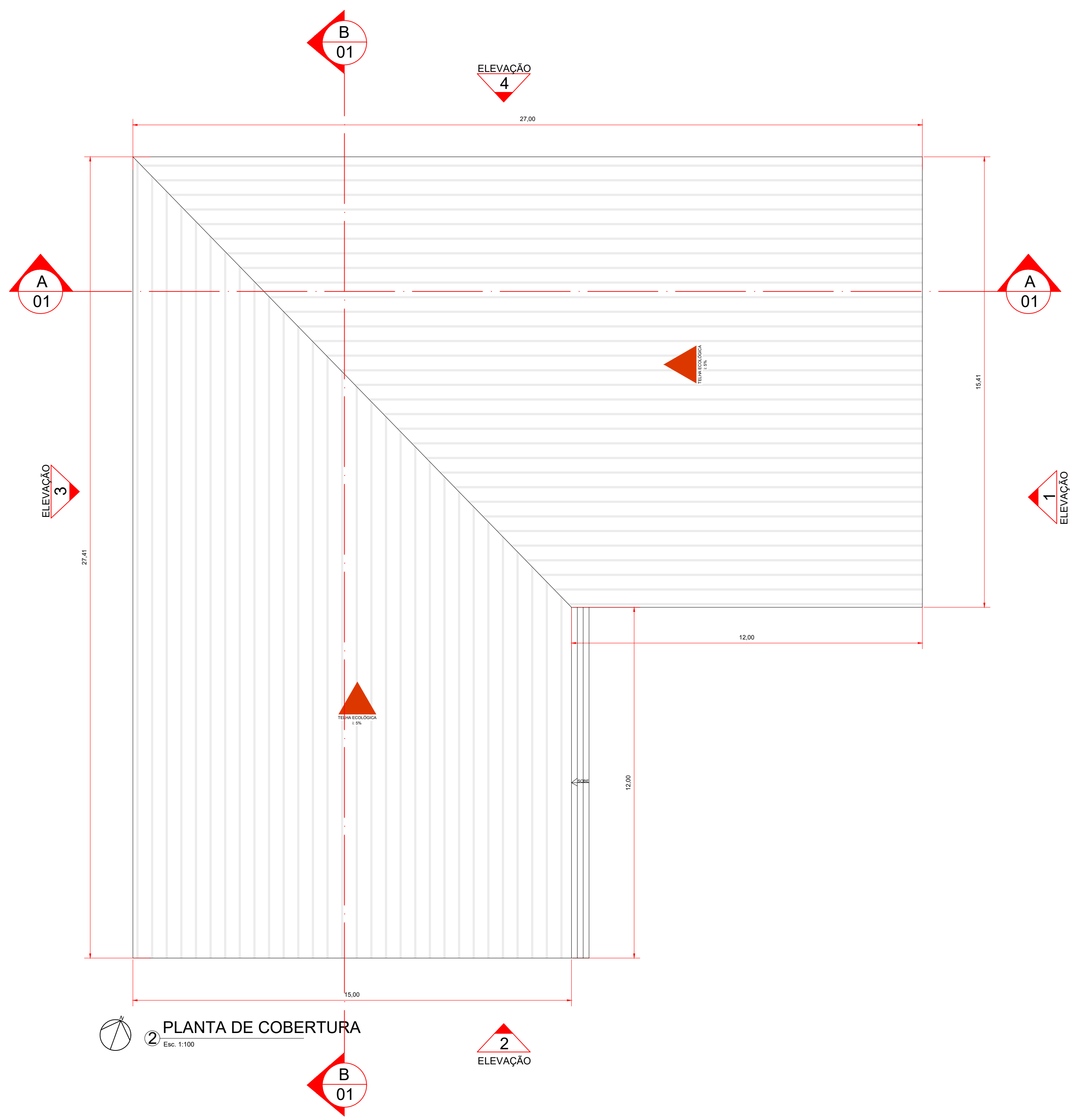
5. Classifico as mesmas necessidades do item anterior.

6. As trilhas para a Igreja acabam sendo limitadas por ser somente uma única estrada para circulação, ao redor tem propriedades particulares onde não temos autorização para andar. Neste caso a diferença fica entre a origem e destino que cada ciclista escolheu ou onde vive.

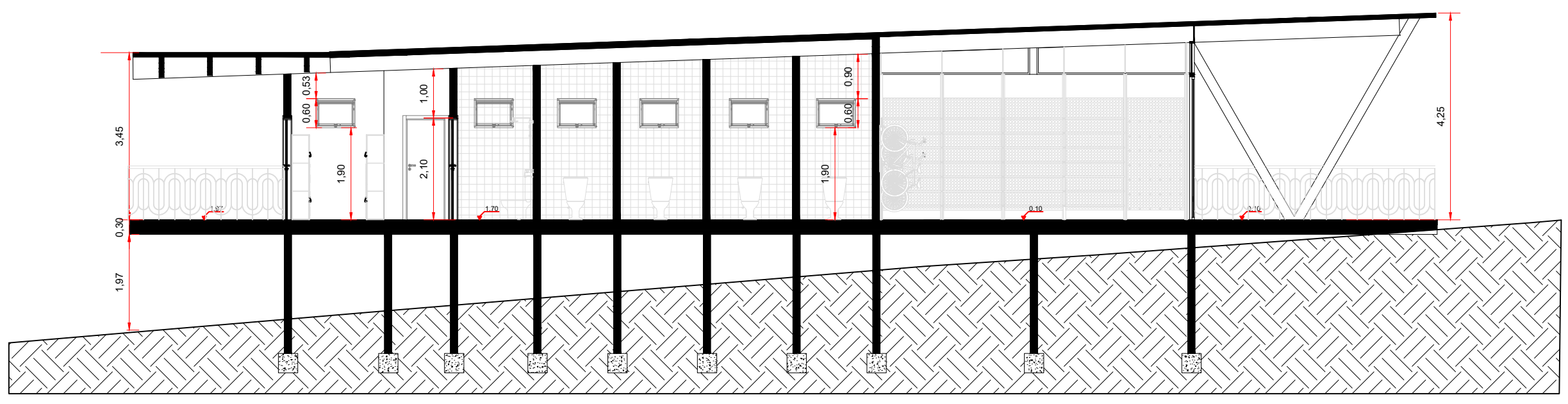




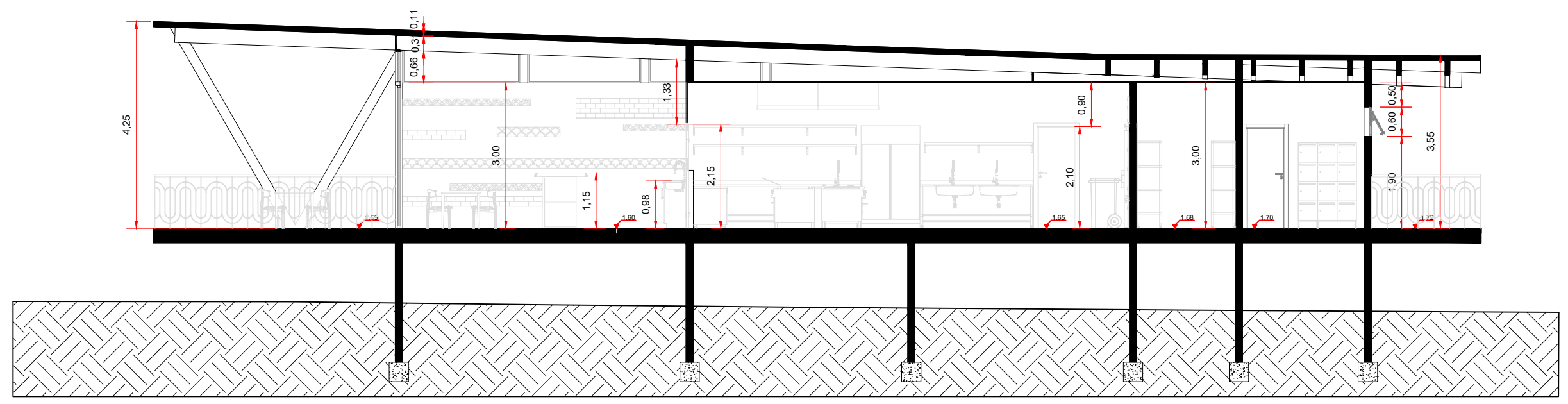
1 PLANTA TÉRREA
Esc. 1:100



2 PLANTA DE COBERTURA
Esc. 1:100



CORTE AA
Esc. 1:100



CORTE BB
Esc. 1:100

CONTEÚDO		FOLHA		01		PROJETO TFG	
PLANTA TÉRREO, COBERTURA E CORTES		16/06/2024		02		CURSO ARQUITETURA E URBANISMO FAAC - UNESP	
ESCALAS 1:100		DATA		Nº DE PRANCHAS		AUTOR ANA BEATRIZ NABAS DOS SANTOS	
ASSUNTO PROJETO CENTRO DE APOIO E CAFETERIA						ORIENTADOR Prof. Dr. Vladimir Benincasa	



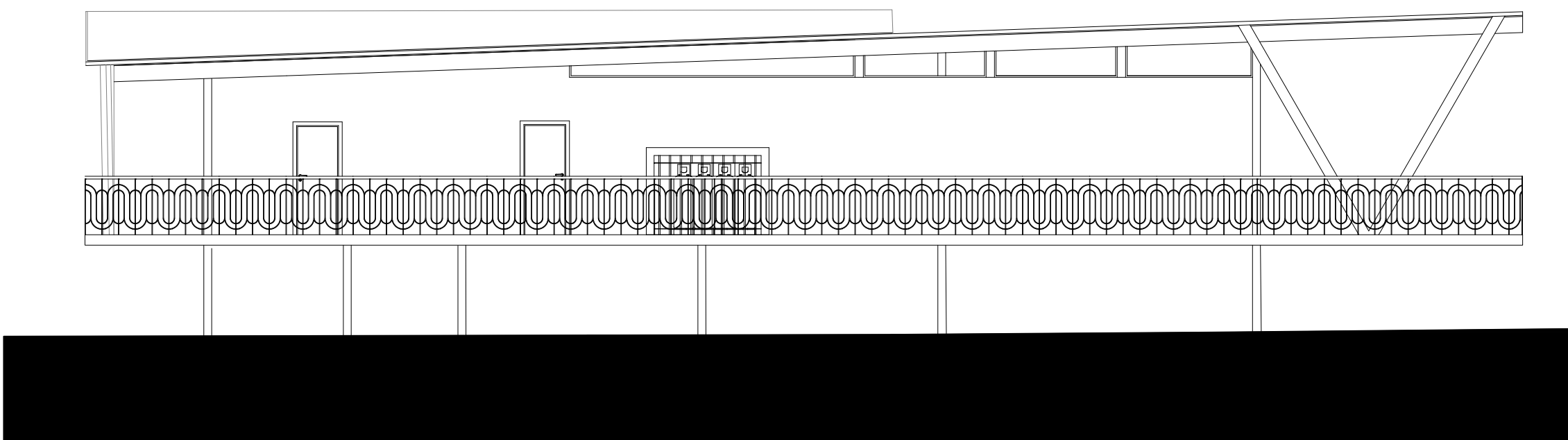
ELEVÇÃO 1

Esc. 1:100



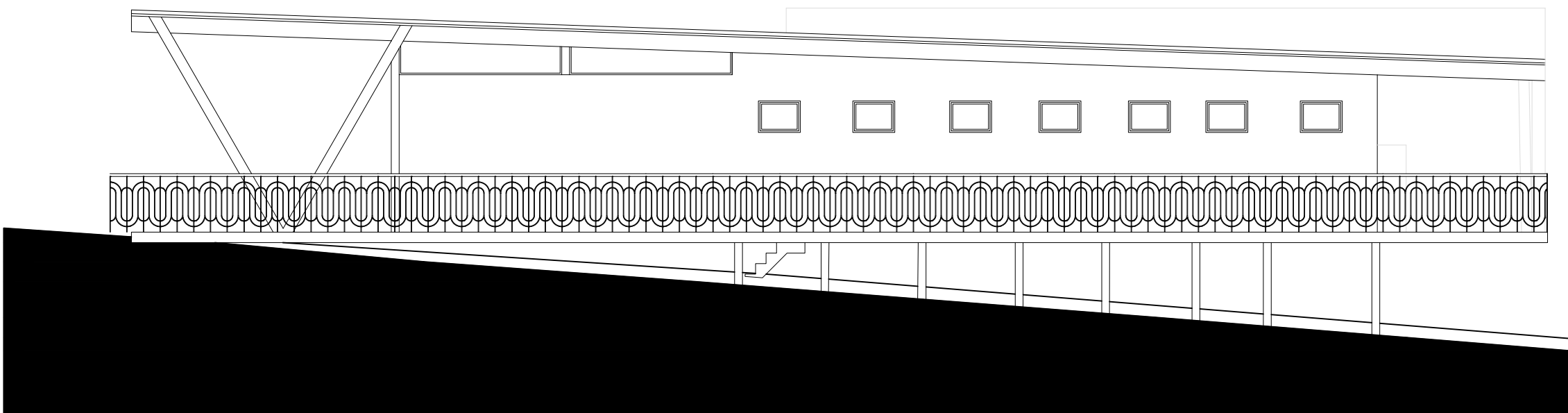
ELEVÇÃO 2

Esc. 1:100



ELEVÇÃO 3

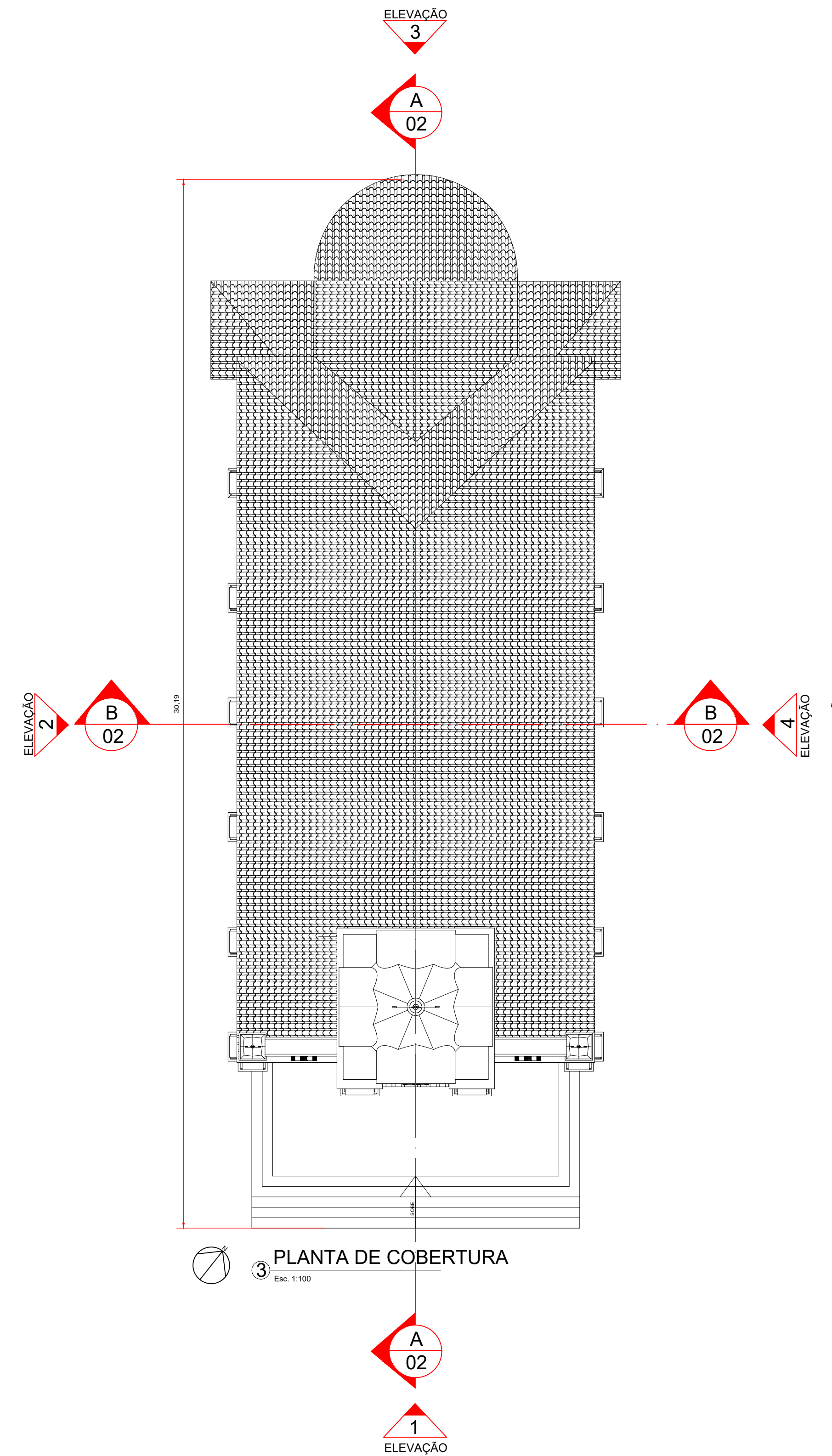
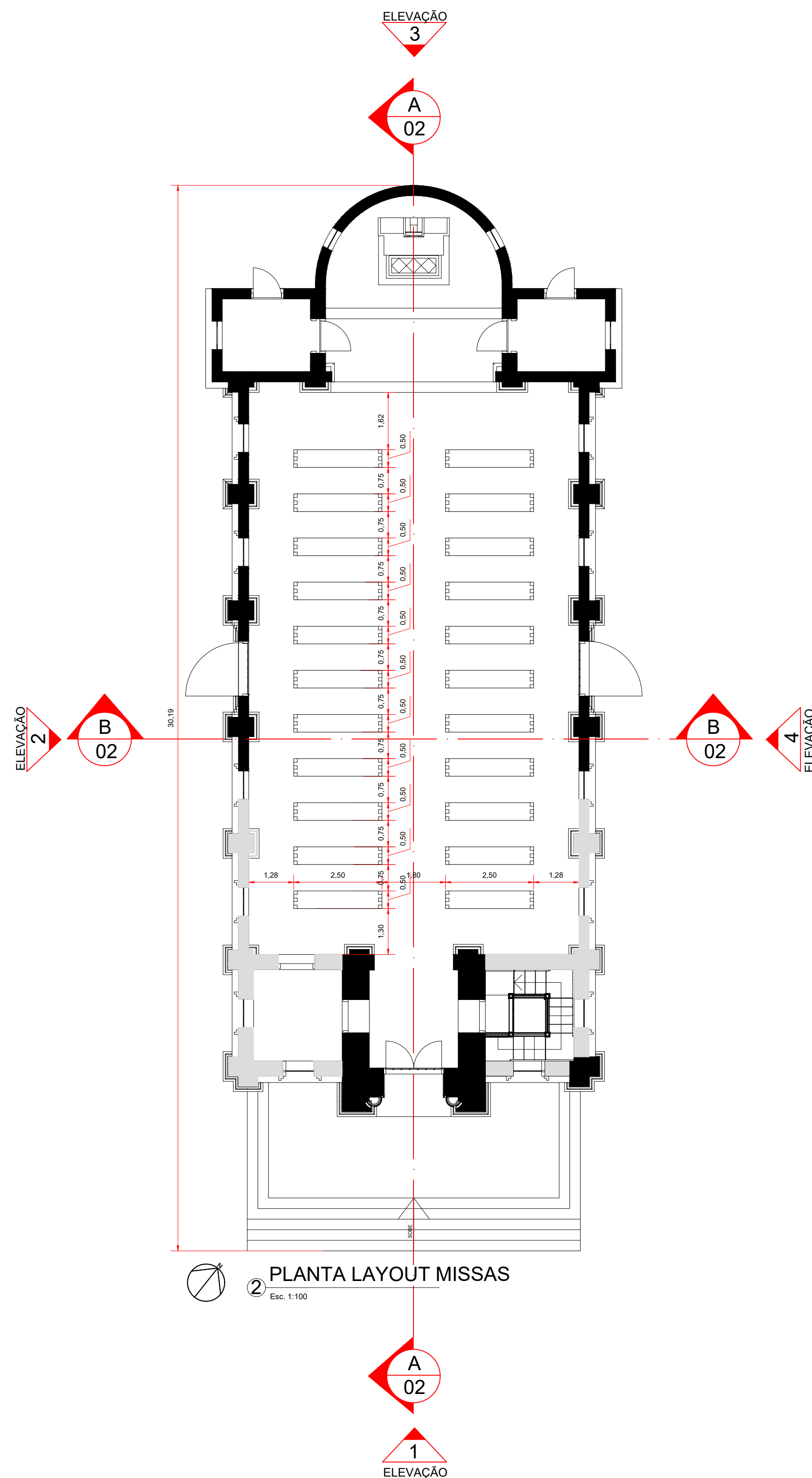
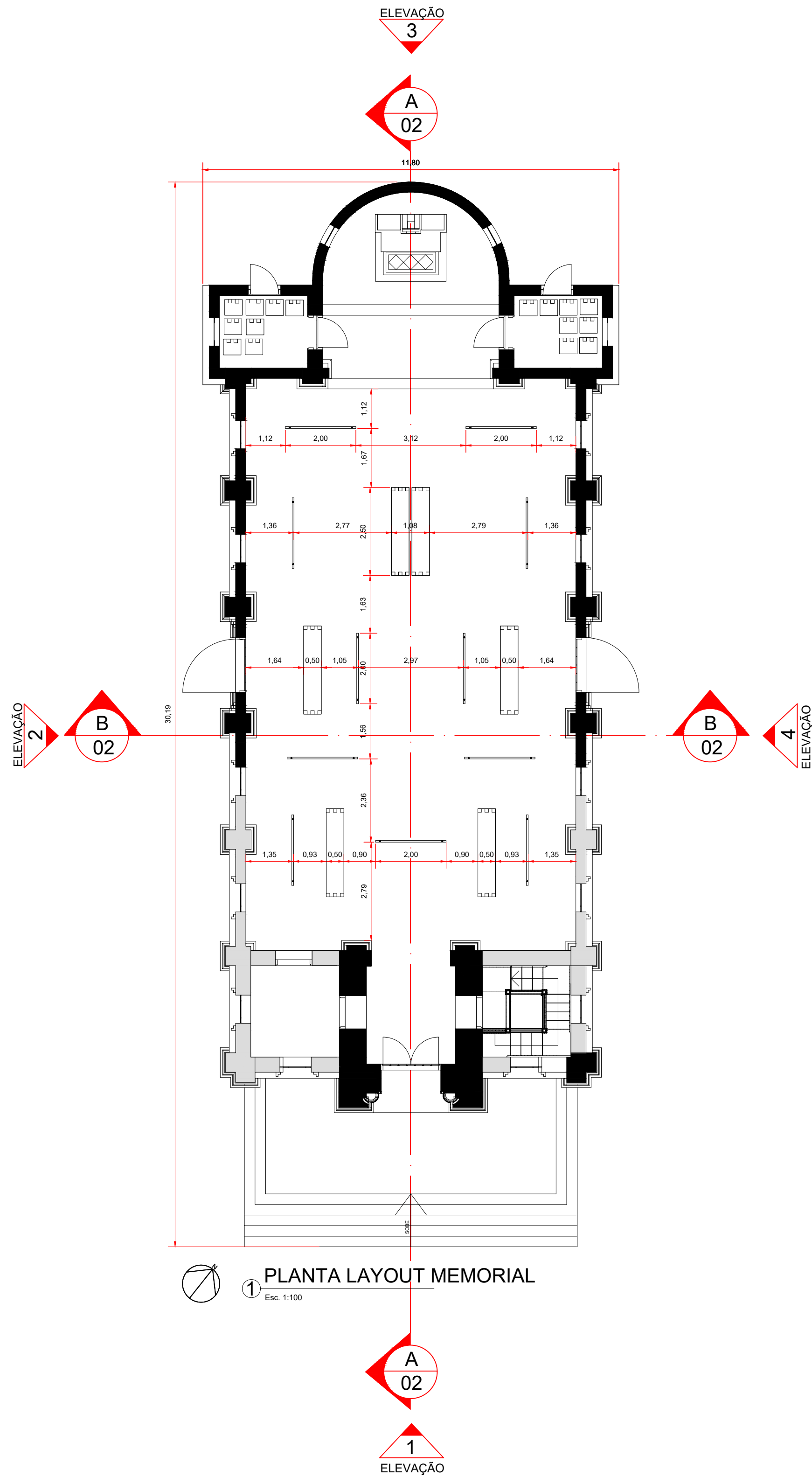
Esc. 1:100



ELEVÇÃO 4

Esc. 1:100

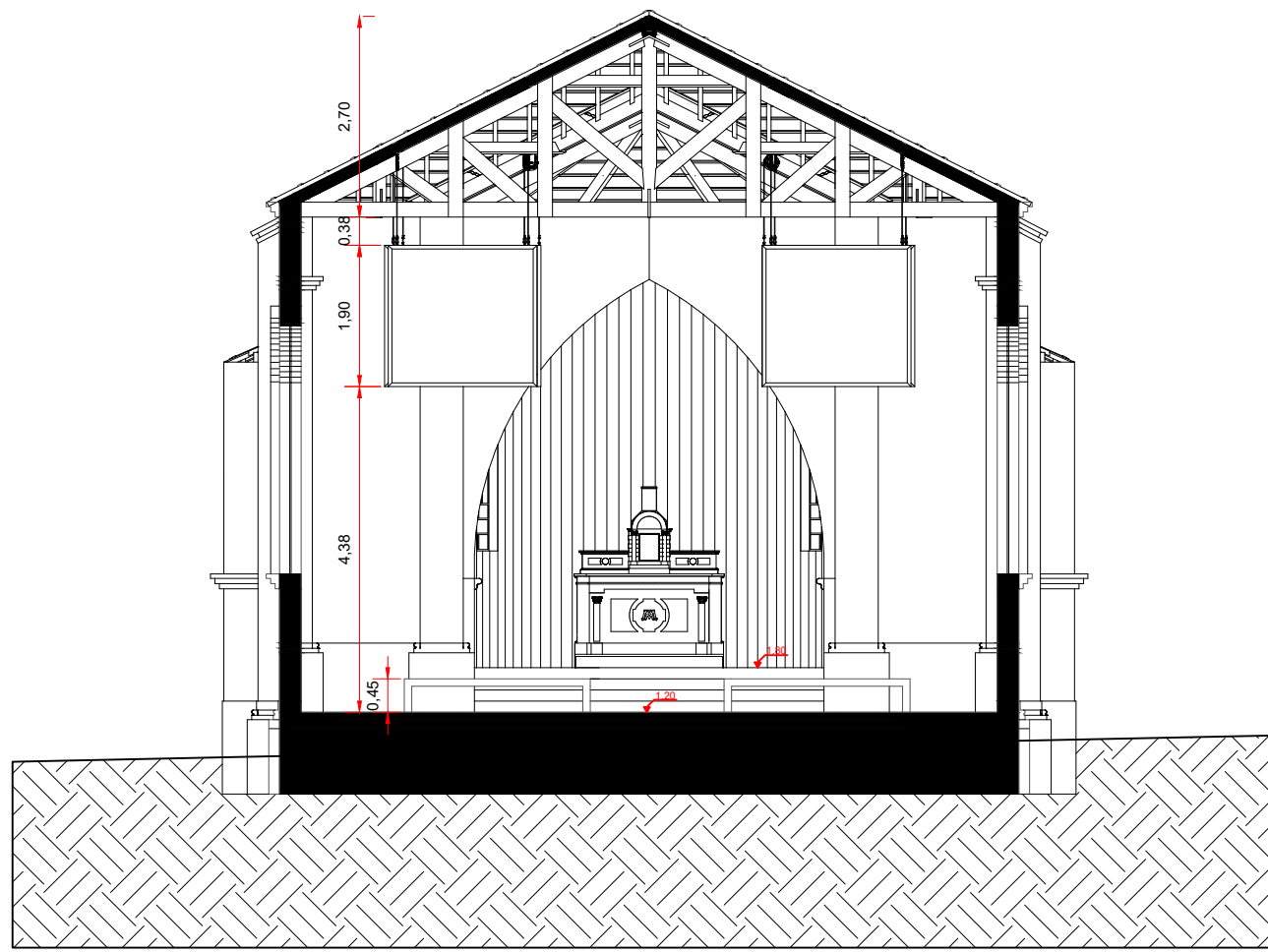
CONTEÚDO		FOLHA		02	PROJETO TFG CURSO ARQUITETURA E URBANISMO FAAC - UNESP
ELEVAÇÕES					
ESCALAS	DATA	Nº DE PRANCHAS	02		
1:100	16/06/2024			AUTOR	ANA BEATRIZ NABAS DOS SANTOS
ASSUNTO	ORIENTADOR				Prof. Dr. Vladimir Benincasa
PROJETO CENTRO DE APOIO E CAFETERIA					



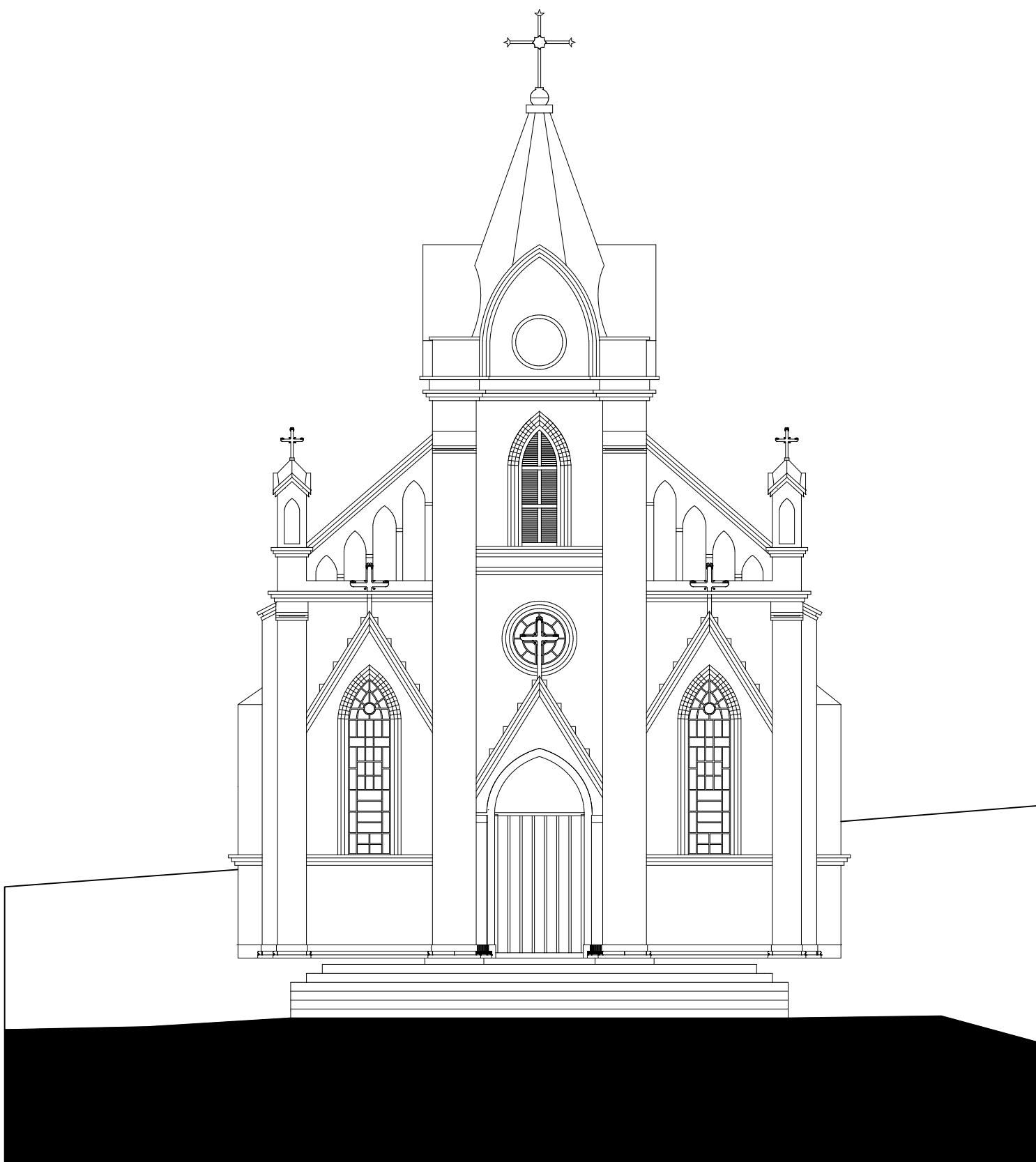
CONTEÚDO		FOLHA		01		PROJETO TFG CURSO ARQUITETURA E URBANISMO FAC - UNESP	
PLANTAS TÉRREO, COBERTURA							
ESCALAS	1:100	DATA	16/06/2024	Nº DE PRANCHAS	03	AUTOR	ANA BEATRIZ NABAS DOS SANTOS
ASSUNTO	PROJETO DE MEMORIAL NA CAPELA SÃO JOÃO				ORIENTADOR Prof. Dr. Vladimir Benincasa		



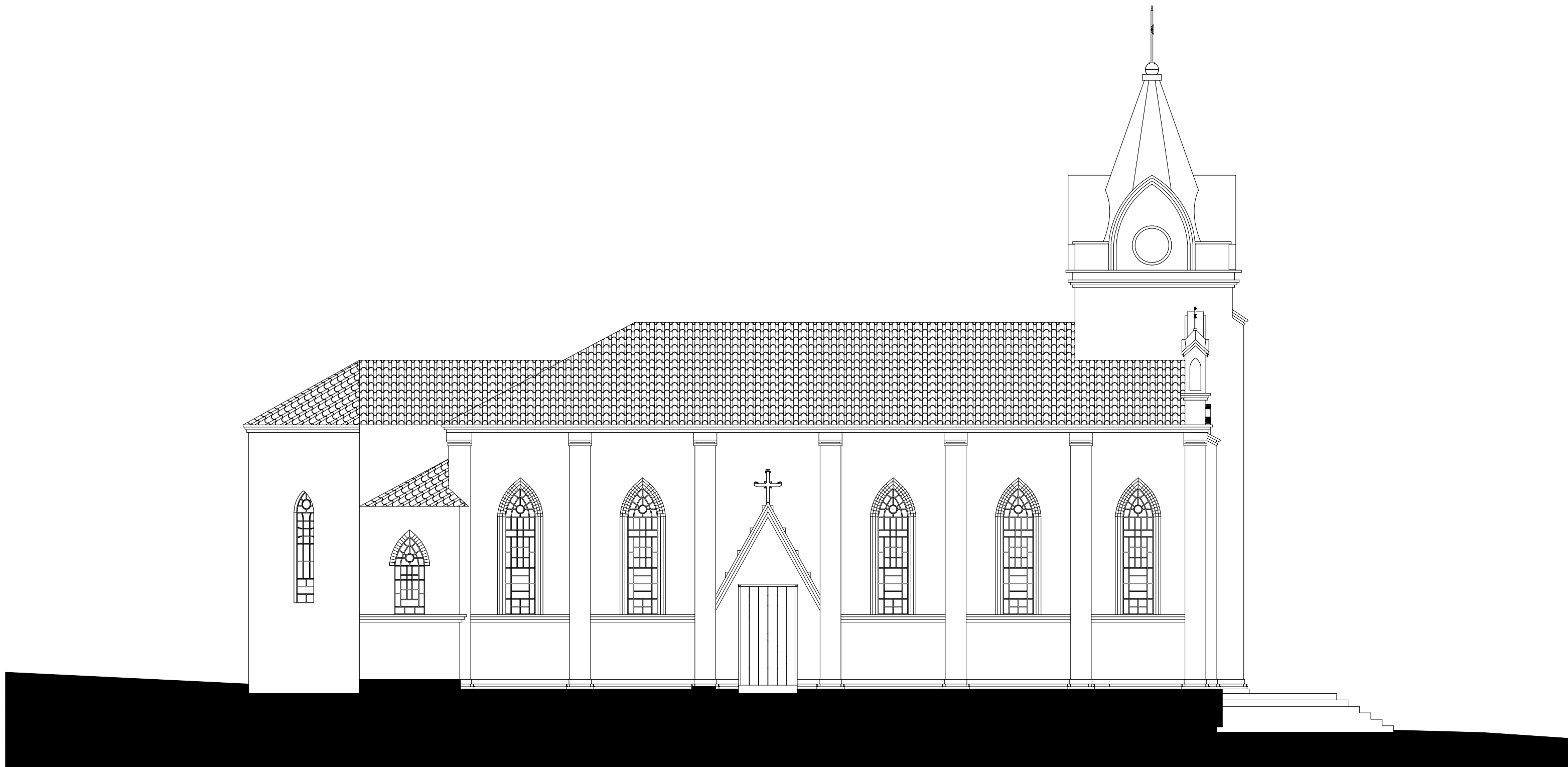
CORTE AA
Esc. 1:100



CORTE BB
Esc. 1:100



ELEVAÇÃO 1
Esc. 1:100



ELEVAÇÃO 2
Esc. 1:100

CONTEÚDO		FOLHA		PROJETO TFG CURSO ARQUITETURA E URBANISMO FAAC - UNESP	
CORTES E ELEVAÇÕES		02			
ESCALAS	DATA	Nº DE PRANCHAS	AUTOR		
1:100	16/06/2024	03	ANA BEATRIZ NABAS DOS SANTOS		
ASSUNTO	PROJETO DE MEMORIAL NA CAPELA SÃO JOÃO			ORIENTADOR	
				Prof. Dr. Vladimir Benincasa	



ELEVAÇÃO 2

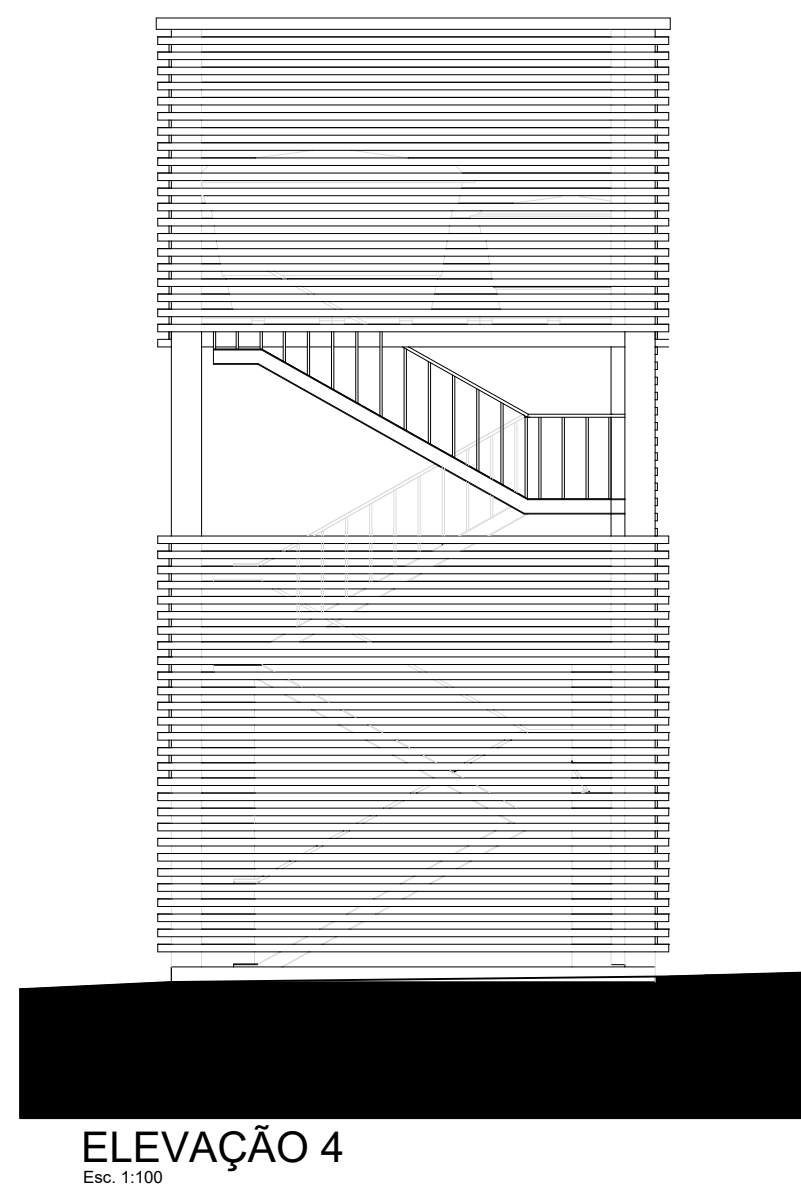
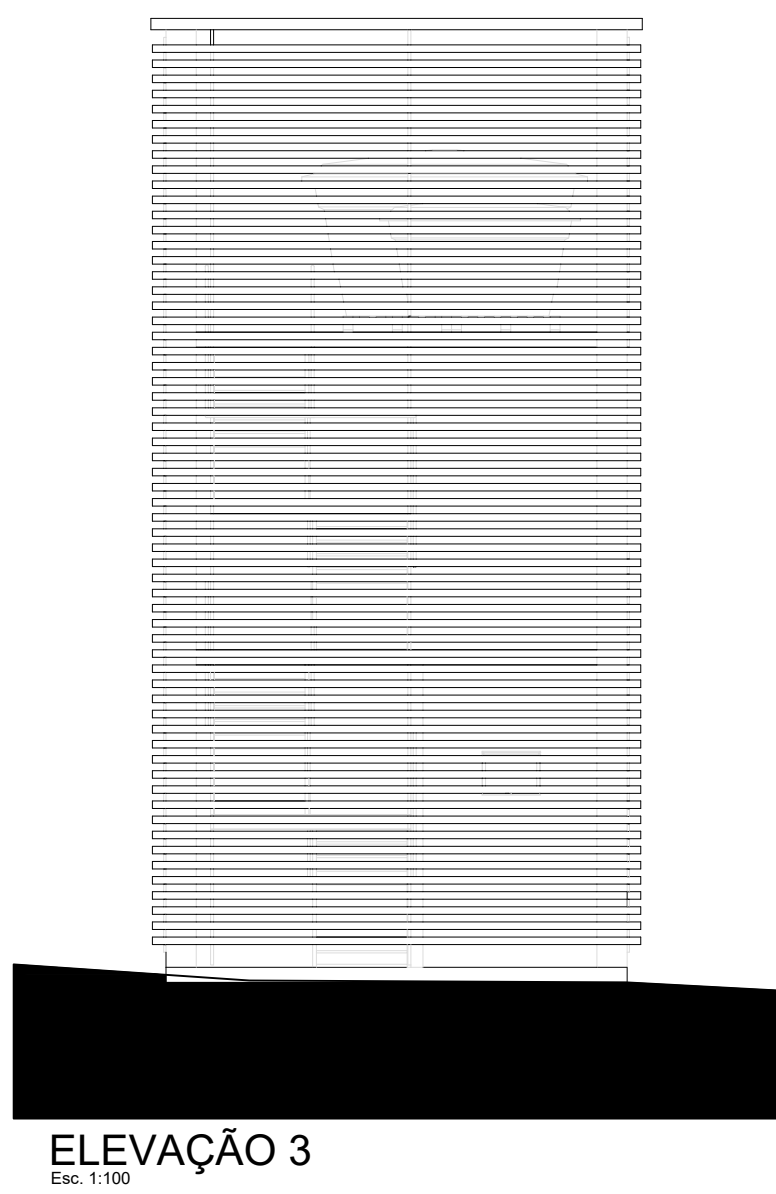
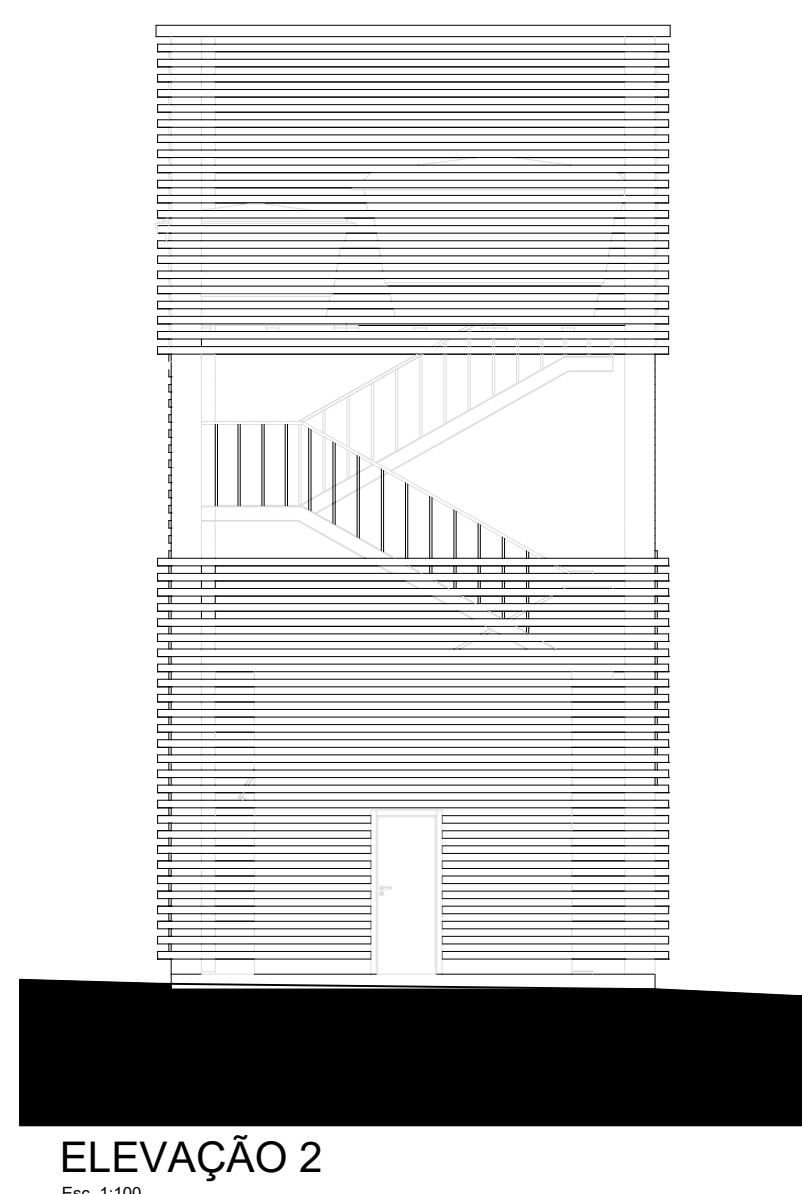
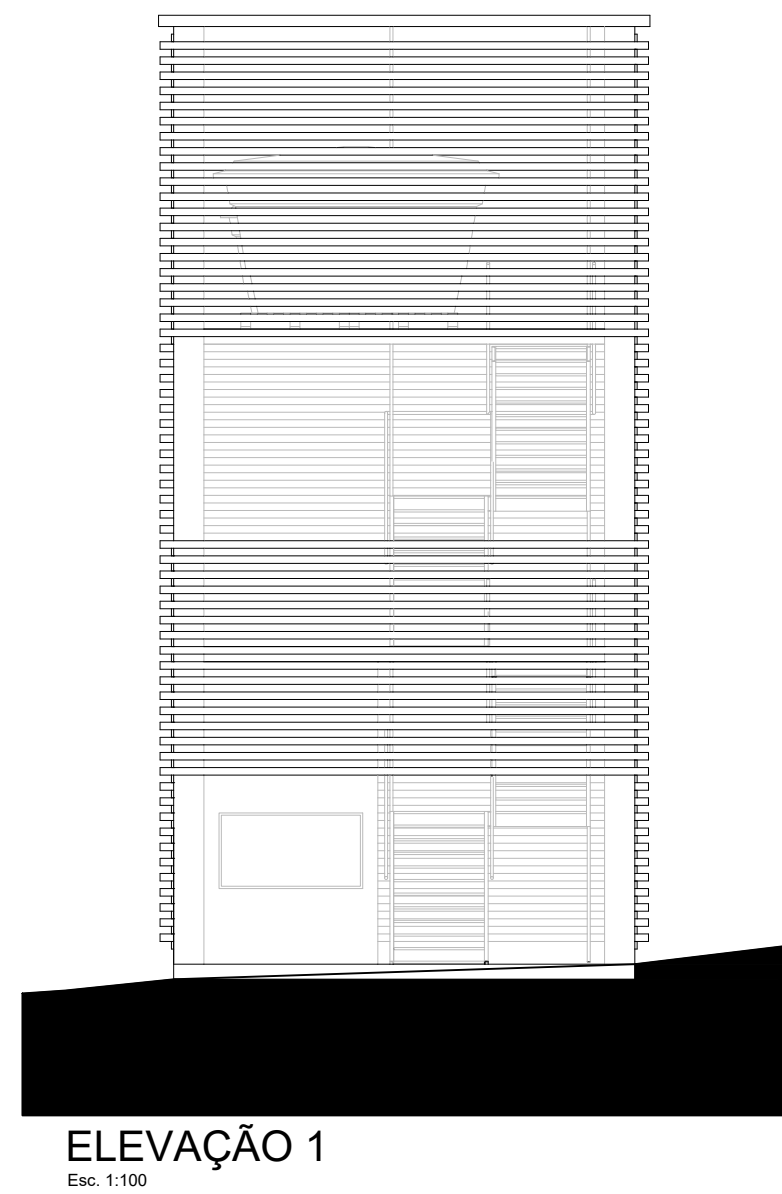
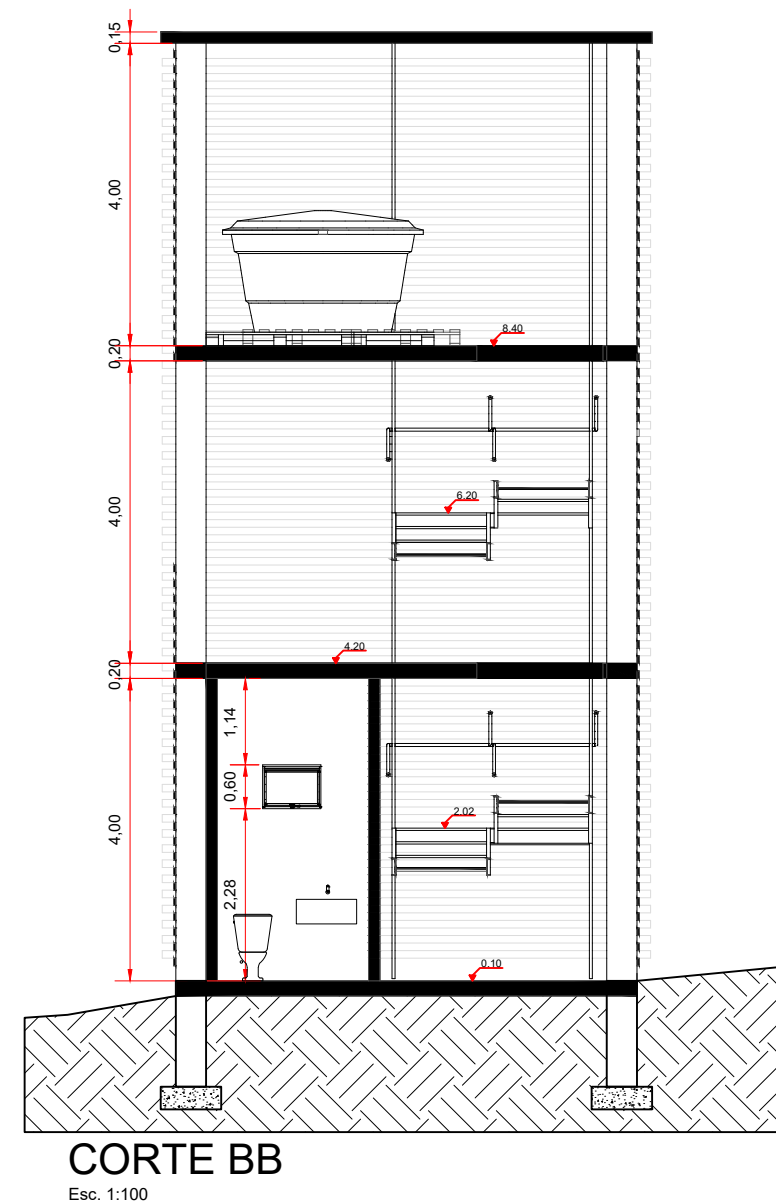
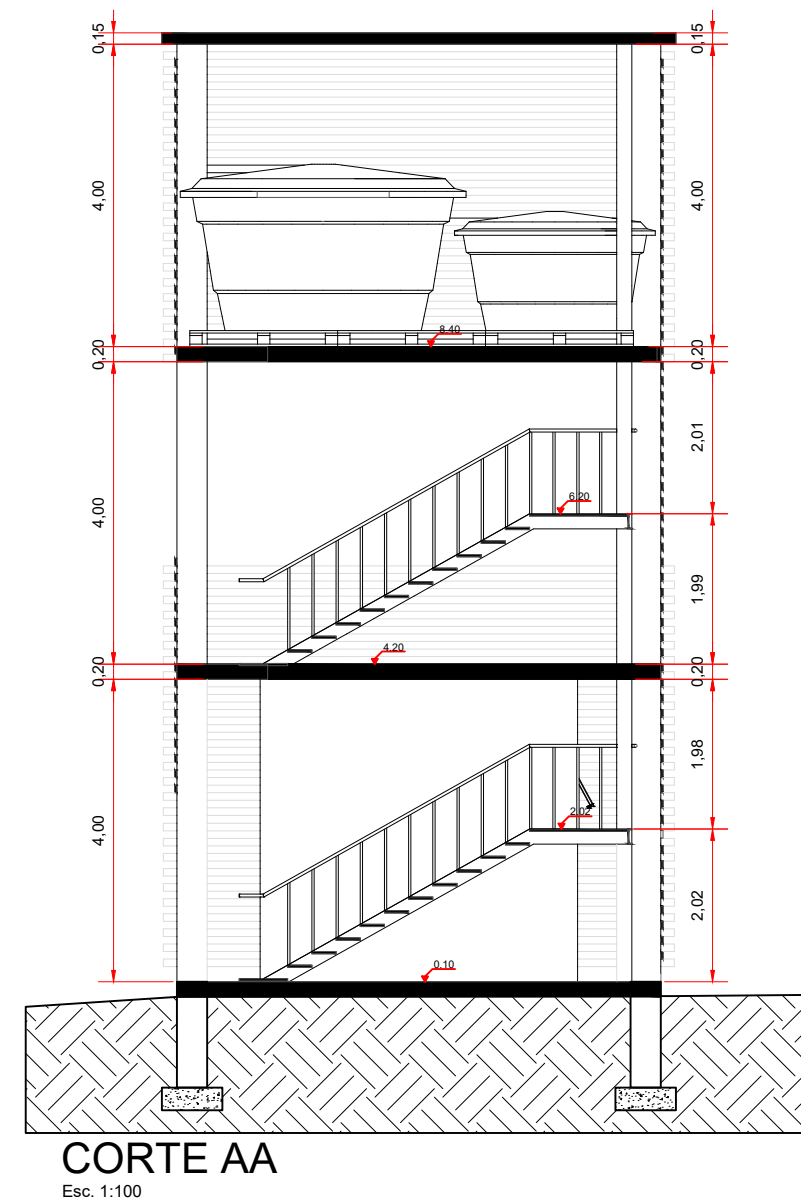
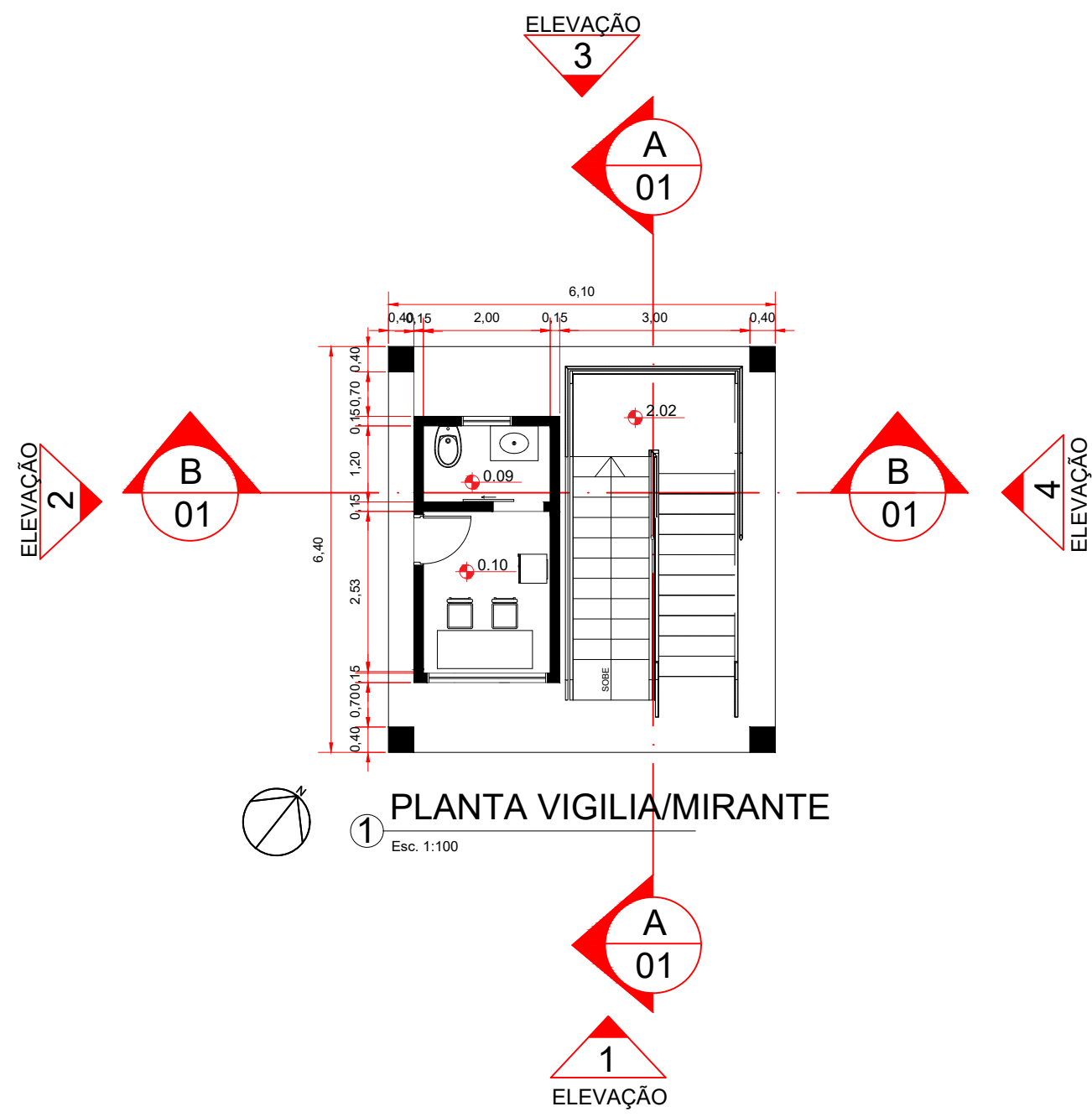
Esc. 1:100



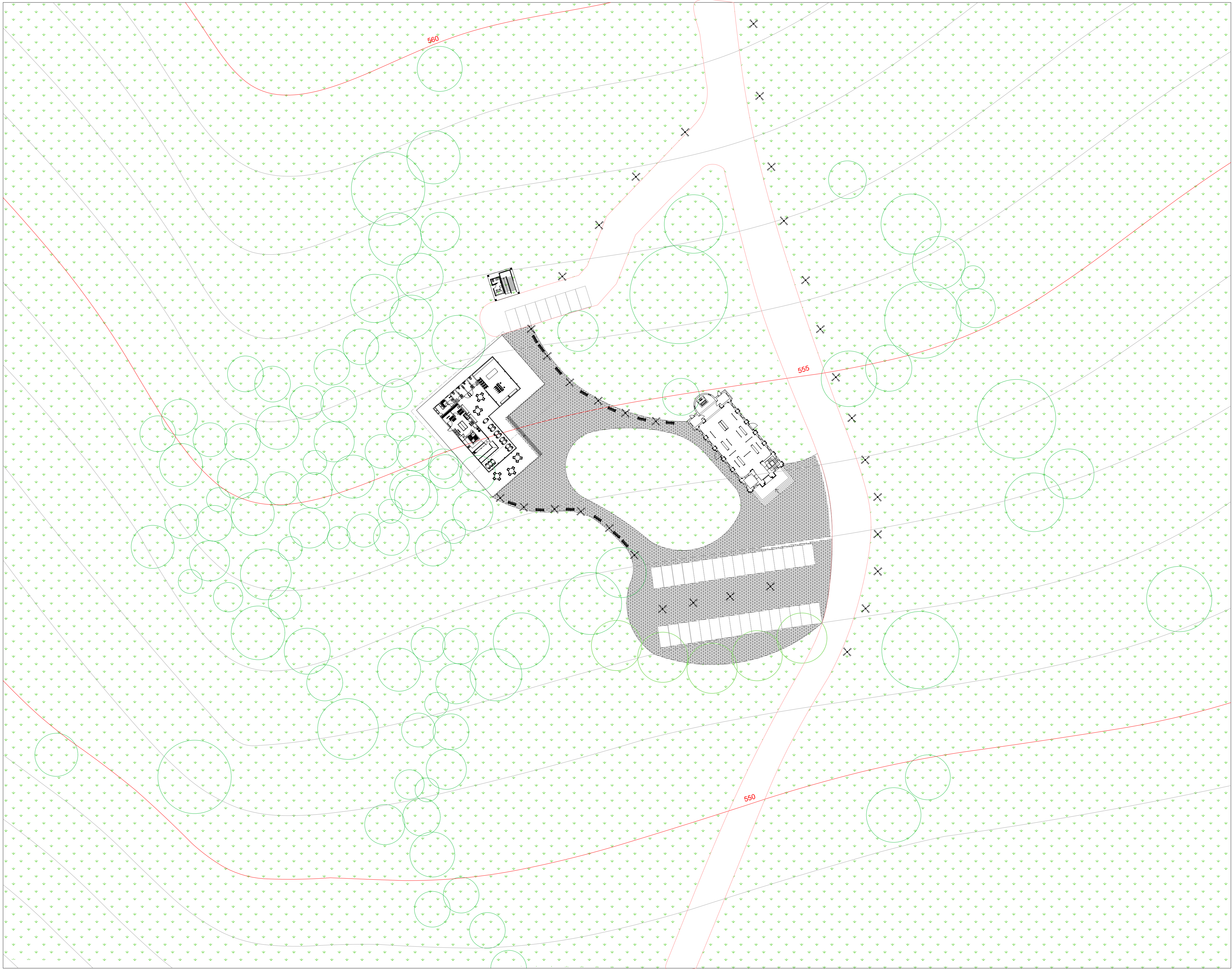
ELEVAÇÃO 3

Esc. 1:100

CONTEÚDO		FOLHA		PROJETO TFG CURSO ARQUITETURA E URBANISMO FAAC - UNESP
ELEVAÇÕES		03		
ESCALAS	DATA	Nº DE PRANCHAS	AUTOR	CURSO ARQUITETURA E URBANISMO FAAC - UNESP
1:100	16/06/2024	03	ANA BEATRIZ NABAS DOS SANTOS	
ASSUNTO			ORIENTADOR	
PROJETO DE MEMORIAL NA CAPELA SÃO JOÃO			Prof. Dr. Vladimir Benincasa	



CONTEÚDO		FOLHA		01		PROJETO TFG CURSO ARQUITETURA E URBANISMO FAAC - UNESP		
PLANTA, CORTES E ELEVÇÕES								
ESCALAS	DATA	Nº DE PRANCHAS	01	AUTOR	ANA BEATRIZ NABAS DOS SANTOS			
1:100	16/06/2024							
ASSUNTO	PROJETO DE VIGILIA/MIRANTE/CAIXA D'ÁGUA			ORIENTADOR		Prof. Dr. Vladimir Benincasa		



CONTEÚDO		FOLHA		PROJETO TFG CURSO ARQUITETURA E URBANISMO FAAC - UNESP
IMPLANTAÇÃO		01		
ESCALAS	DATA	Nº DE PRANCHAS	01	AUTOR
1:500	16/06/2024			ANA BEATRIZ NABAS DOS SANTOS
ASSUNTO				ORIENTADOR
PROJETO DE VIGILIA/MIRANTE/CAIXA D'ÁGUA				Prof. Dr. Vladimir Benincasa

ANEXOS



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE GÁLIA
PRAÇA CUSTÓDIO DE ARAÚJO RIBEIRO, Nº 755 – TEL.: (074)3374-0020
CEP 17.450-000 - CAIXA POSTAL 08 - GÁLIA - SP
CNPJ: 44.518.389/0001-07
SITE: www.galia.sp.gov.br e-mail: prefeitura@galia.sp.gov.br

DECRETO Nº 1.696/2.020, DE 23 DE OUTUBRO DE 2.020.

RENATO INÁCIO GONÇALVES, Prefeito do Município de Gália, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 64, inciso V da Lei Orgânica do Município, de 16 de novembro de 2.005.

DECRETA:

Art. 1º: Por sua relevância histórica e características arquitetônicas, fica tombada como Patrimônio Cultural do Município de Gália, a Igreja de São João localizada na Fazenda São João do Tibiriçá, também conhecida como “Companhia Inglesa”.

Art. 2º: O grau de abrangência do tombamento fica fixado no edifício da igreja, com todas suas características arquitetônicas internas e externas, de volumetria e cobertura, inserida numa área envoltória de proteção representada por um polígono irregular de 1.859,19m2, cujo croqui faz parte integrante deste ato.

Parágrafo único – O imóvel que engloba a Igreja São João está registrado no CRI da Comarca de Garça, matrículas 17.380 e 17.381, denominado Fazenda São João do Tibiriçá.

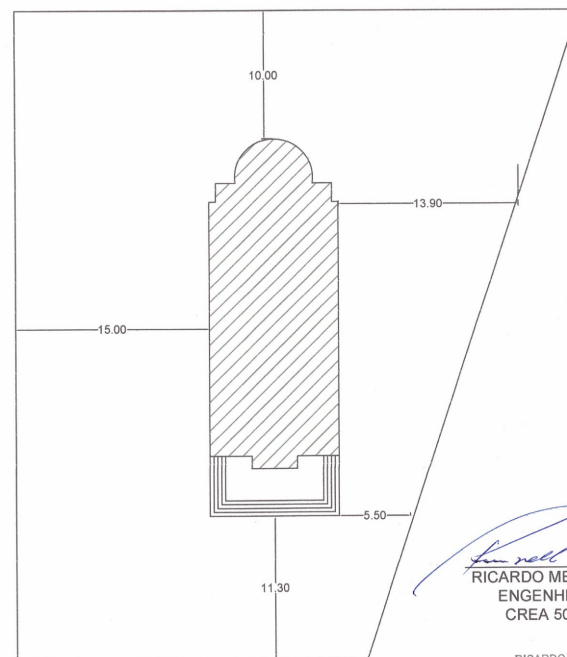
Art. 3º: Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE GÁLIA, 23 DE OUTUBRO DE 2020.

Renato Inácio Gonçalves
Prefeito Municipal

PARECER TÉCNICO SOBRE O TOMBAMENTO DA IGREJA SÃO JOÃO DE TIBIRIÇA (COMPANHIA INGLESA)

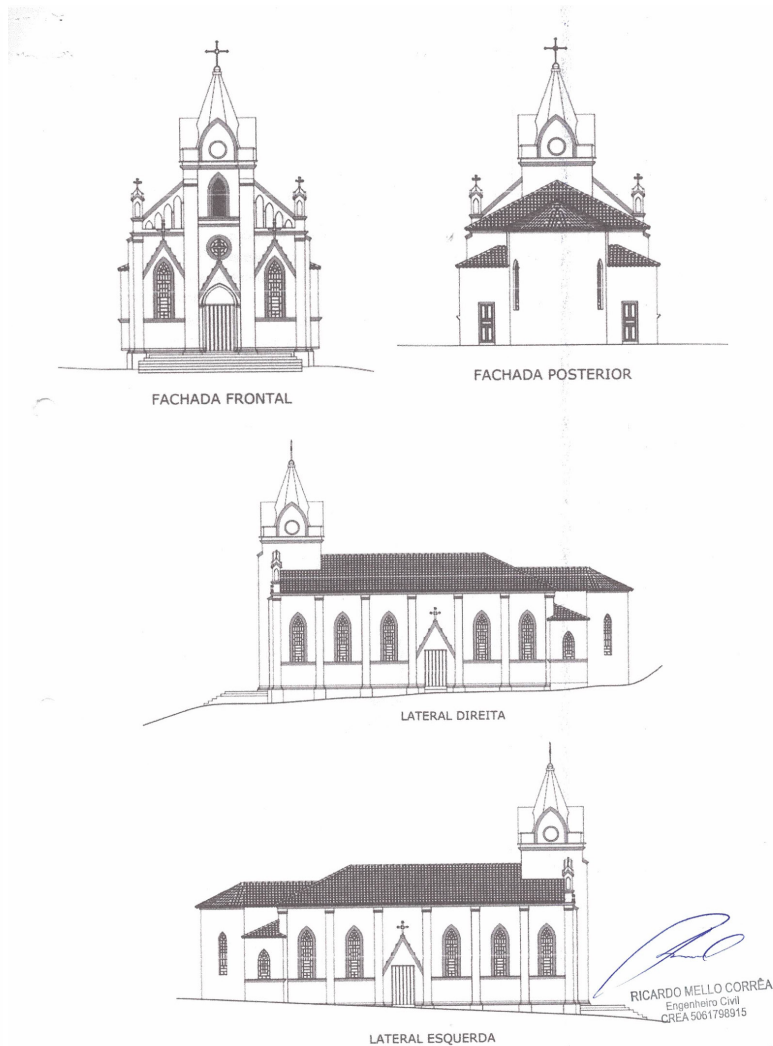
- Fachada frontal com 15,00 metros de distancia da igreja
- Lateral esquerda com 15,00 metros de distancia da igreja
- Fachada posterior com 10,00 metros da igreja
- Lateral direita frontal com 5,50 metros e com Lateral direita posterior 13,90 metros



Área total do terreno: 1.859,19 m²
Área total edificada: 234,32 m²

RICARDO MELLO CORRÊA
Engenheiro Civil
CREA 5061798915

RICARDO MELLO CORRÊA
Engenheiro Civil
CREA 5061798915



DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

Publicado em: 03/09/2020 | Edição: 170 | Seção: 3 | Página: 233

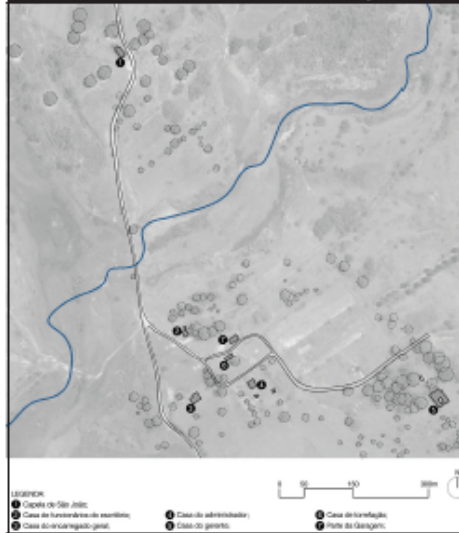
Órgão: Prefeituras/Estado de São Paulo/Prefeitura Municipal de Gália

TOMBAMENTO PROVISÓRIO Nº 1/2020

O Secretário Municipal de Cultura e Turismo do Município de Gália/SP, no uso de suas atribuições legais e em cumprimento ao artigo 4º, § 6º da lei Municipal 2.533/2020, N O T I F I C A aos proprietários dos imóveis objetos das Matrículas Imobiliárias 17.380 e 17.381, ambas do CRI de Garça, imóvel este denominado FAZENDA SÃO JOÃO DO TIBIRIÇÁ, que constam como proprietários as pessoas de ESTHER ENGELBERG, portadora do RG de nº 1.813.933-SSP-SP e do CPF de nº 046.749.168-28, advogada, casada no regime da comunhão de bens antes da vigência da lei 6.515/77 com JOSEF ENGELBERG, portador do RG de nº 1.154.438-SSP/SP e do CPF de nº 006.072.748-91, arquiteto, ambos brasileiros e residentes e domiciliados em São Paulo Capital; CLÓVIS BEZNOS, portador do RG de nº 2.332.535-SSP/SP e do CPF de nº 002.467.788-49, casado no regime da comunhão parcial de bens na vigência da Lei 6.515/77 com VERA LUCIA BEZNOS, portadora do RG de nº 2.993.046-SSP/SP e do CPF de nº 023.488.108-91, amos brasileiros, advogados e residentes e domiciliados em São Paulo/SP; e, NELSON BEZNOS, portador do RG de nº 2.006.375-SSP/SP e do CPF de nº 107.121.608-25, brasileiro, separado judicialmente, economista e com domicílio na cidade de São Paulo/SP, para que tomem conhecimento de que o Município de Gália/SP, levará a TOMBAMENTO O PRÉDIO E ADJACÊNCIAS da IGREJA existente na propriedade denominada Fazenda São João do Tibiriçá, localizada dentro do limite e jurisdição do Município de Gália, onde está edificada uma Igreja conhecida como "Igreja dos Ingleses" e que se encontra em mal estado de conservação, porém, pela sua história e beleza, despertou na população a vontade de preservar referida construção, cujo Processo de Tombamento nº 01/2020 e documentos que o integram, está localizado junto a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo localizada no Paço Municipal, está disponível para consulta, para que possa ser impugnado, formalmente, no prazo de 15 dias, que, decorrido, sem manifestação, será tido como aceito pelos proprietários. A ausência de manifestação não representará obstrução ao pleno andamento desse procedimento de tombamento.

Gália, 26 de agosto de 2020.

EDENILSON JOSÉ NOGUEIRA
Secretário Municipal de Cultura e Turismo

1. IDENTIFICAÇÃO			
1.1. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)			
Região Sudeste , Estado de São Paulo, Município de Gália-SP.			
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)			
Ciclo cafeeiro no estado de São Paulo			
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)			
Fazenda São João do Tibiriçá, “Fazenda dos Ingleses”, Antiga Companhia Agrícola Rio Tibiriçá.			
2. CROQUI DE IMPLANTAÇÃO		3. SELEÇÃO DE IMAGENS	
		    	
4. EDIFICAÇÕES NA PROPRIEDADE (LISTAR POR FUNÇÃO, A PARTIR DA EDIFICAÇÃO PRINCIPAL/SEDE)			
ID	4.1. Denominação	4.2. Época de construção	4.3. Características gerais (técnica, materiais, estado geral de conservação)
1.	Capela de São João	Meados de 1930	Em estilo neogótico inglês em alvenaria de tijolo aparente, a Capela de São João possui nave única arrematada por uma ábside onde se localiza o altar-mor, ladeado pela sacristia e o santíssimo; na entrada, possui batistério e coro. Tem em sua fachada a presença dos arcos em ogiva, uma pequena rosácea e vitrais coloridos nas aberturas laterais e é coroada por uma única torre sineira com cobertura em agulha.

2.	Casa de funcionários do escritório	1932	Externamente a residência apresenta um pequeno alpendre lateral com cobertura independente, cercado por um guarda corpo de madeira. A planta em “L” é coberta por um telhado em telhas cerâmicas francesas; as janelas em guilhotina envidraçadas possuem folhas venezianas na parte externa. O programa arquitetônico conta com sala, cozinha e dormitórios; separado do corpo principal da residência, aos fundos, um anexo com lavadeira, banheiro e um forno a lenha. A casa era servida por água e esgoto encanados, aquecimento de água através de serpentinas no fogão a lenha e possuía piso assoalhado nos dormitórios e forro em todos os cômodos, exceto na cozinha.
3.	Casa do encarregado geral	Entre os últimos anos de 1930 e o início da década de 1940, de acordo com a datação nas fachadas	Externamente as residências possuem bom acabamento, construídas sobre porões em embasamento de pedra e alvenaria em tijolos; apresentam telhados com diversas águas e em diferentes planos, cobertas por telhas francesas. As janelas são guilhotinas envidraçadas na parte interna com folhas venezianas em madeira na parte externa; apresentam também esquadrias metálicas envidraçadas. É comum o alpendre frontal com cobertura independente, assim como a incorporação da garagem ao corpo da residência. O estilo das habitações “está vinculada à arquitetura dos bangalôs térreos já difundidos no Brasil, principalmente, pelos ingleses das ferrovias, e popularizados pela Companhia City, também inglesa” (BENINCASA, 2007, p. 548).
4.	Casa do administrador		
5.	Casa do gerente	Início de 1930	Apresenta planta em “U”, cobertura por vários planos em telha francesa com a presença da chaminé na fachada frontal. Difere das demais residências pela dimensão e por ser a única embasada em porão utilizável. Erguida em alvenaria de tijolos, possui amplo alpendre contínuo em toda face da fachada principal e as tradicionais “bay windows” inglesas. O alpendre é revestido com ladrilho hidráulico em mosaico, forrado por madeira trabalhada em refinada carpintaria e acessado por uma pequena escadaria, resultante da elevação da residência devido o porão utilizável.

6.	Casa de torrefação	Início de 1930	De um modo geral, essas edificações possuíam uma arquitetura mais prática e sem o uso de ornamentos; as plantas eram retangulares e longilíneas, com telhados em duas águas que às vezes contava com um lanternim para ventilação, cobertos ou por telhas cerâmicas do tipo francesa ou telhas metálicas. Erguidas sobre embasamento em pedra e paredes em alvenaria de tijolos, alguns edifícios contavam ainda com paredes em madeira, como é o caso das tulhas e alambique.					
7.	Parte da Garagem							
4.4. Realizar levantamentos de algum imóvel?			X	Sim		Não	Quais?	Capela de São João
4.5. Realizar outros levantamentos?			X	Sim		Não	Quais?	M301, M302, M302 e M206
5. INFORMAÇÕES SOBRE A ATIVIDADE ECONÔMICA								
5.1. Original		Cultivo do café para exportação						
5.2. Atual		Atualmente na fazenda é desenvolvido a atividade pecuária						
6. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES								
A expansão da economia cafeeira no interior paulista acarretou no surgimento de grandes fazendas especializadas no cultivo do grão. Esse comércio foi responsável pela vinda de três ingleses de Liverpool ao Brasil, que fundaram por volta da década de 1930, na denominada Alta Paulista, hoje pertencente ao município de Gália, a grande Companhia Agrícola Rio Tibiriçá. A Companhia contava com um complexo arquitetônico que incluía tanto as edificações responsáveis pelo cultivo do café quanto aos equipamentos voltados para a convivência dos moradores. A Companhia teve suas atividades encerradas em 1956, com suas terras desmembradas e seus edifícios desmontados, da qual restou apenas a Capela e alguns poucos casarões.								
7. LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO EXISTENTE								
7.1. Planta (relacionar nomes)		7.2. Escala	7.3. Localização e base disponível				7.4. Data	
1.	Plantas	Gráfica	BENINCASA, Vladimir. Fazendas Paulistas : arquitetura rural no ciclo cafeeiro. Vol. II. 2007. 667f. Tese (Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.				2007	
8. OUTROS LEVANTAMENTOS/ BASES DE DADOS								
8.1. Tipo		8.2. Quant.	8.3. Autoria, localização e base disponível				8.4. Data	
Fotografias		30	Adenir Filho - Acervo do autor				11/09/2019	
Registro do Imóvel		1	Oficial de Registro de Imóveis e Anexos da Comarca de Garça - SP				10/09/2019	

9. FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS	
BENINCASA, Vladimir. Fazendas Paulistas : arquitetura rural no ciclo cafeeiro. Vol. II. 2007. 667f. Tese (Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.	
CARVALHO, Hamilton. Companhia Inglesa - Memórias da Fazenda São João (1944/1954). Piramba-MTB, 2016. Disponível em: < https://pirambamtb.com/2016/06/05/companhia-inglesa-memorias-da-fazenda-sao-joao-19441954-por-hamilton-carvalho/>. Acesso em: 03 abr. 2019.	
GOMES, Alessandro. Sete seções, uma saudade... a história da Companhia Agrícola Rio Tibiriçá – a Londrina que não deu certo. 1997. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de Bauru, Bauru, 1997.	
GOMES, Alessandro; LOURENÇÃO, Alexandre. Companhia Inglesa: História, cultura e muitas saudades. Jornal Comarca de Garça , Garça, 2 ago. 1997. p. 6 e 7.	
PONTES, Maria Zélia Sellani; BARNEZI, Rosemary Gattás. Doces lembranças de outrora : povoamento do Vale das Antas, 1845-1950: Gália e Fernão Dias. Bauru-SP: Joarte, 2001.	
UZAI, Marcelo Nivaldo. O fascínio do sonho inglês nos trópicos : Memórias sobre a Companhia Agrícola Rio Tibiriçá - Gália-SP (1930-1960). 1996. 76f. Monografia (bacharelado) – FFC/ UNESP, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 1996.	
ZIBORDI, Marcos. Companhia Inglesa: Portas da história. Jornal da Cidade , Bauru, 6 set. 1998. p. 19.	
10. PREENCHIMENTO	
10.1. Responsável	10.2. Data
Adenir Gomes da Silva Filho	08/12/2019

1. IDENTIFICAÇÃO					
1.1. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)					
Região Sudeste , Estado de São Paulo, Município de Gália-SP.					
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)					
Ciclo cafeeiro no estado de São Paulo					
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)					
Capela de São João ou “Igreja dos Ingleses”.					
2. LOCALIZAÇÃO DO UNIVERSO / OBJETO DE ANÁLISE					
2.1. UF	2.2. Município		2.3. Localidade		
SP	Gália		Fazenda São João do Tibiriçá		
2.4. Endereço Completo (logradouro, nº, complemento)			2.5. Código Postal		
Estrada Municipal Rural Gal – 167 Estrada da Cia Inglesa			17450-000		
2.6. Coordenadas Geográficas		3. PROPRIEDADE			
Latitude	49°36’01.05”O		Pública	3.1. Identificação do Proprietário	
Longitude	22°20’32.53”S	X	Privada	Esther Engelberg, Josef Engelberg, Clovis Beznos, Vera Lúcia Beznos, Mylton Beznos e Nelson Beznos	
Altitude [m]	578		Mista	3.2. Contatos	
Erro Horizontal [m]			Outra		
4. NATUREZA DO BEM		5. CONTEXTO		6. PROTEÇÃO EXISTENTE	7. PROTEÇÃO PROPOSTA
	Bem arqueológico	X	Rural		Patrimônio mundial
	Bempaleontológico		Urbano		Federal/ individual
	Patrimônio natural		Entorno preservado		Federal/ conjunto
X	Bem imóvel		Entorno alterado		Estadual/ individual
	Bem móvel		Forma conjunto		Estadual/ conjunto
	Bem integrado		Bem isolado		Estadual/ conjunto
4.1. Classificação				Municipal/ individual	X Municipal/ individual
Arquitetura Religiosa				Entorno de bem protegido	Entorno de bem protegido
8. ESTADO DE PRESERVAÇÃO		9. ESTADO DE CONSERVAÇÃO		X Nenhuma	Nenhuma
X	Íntegro		Bom	6.1. Legislação incidente	7.1 Legislação incidente
	Pouco alterado	X	Precário	Nenhuma	Lei orgânica futura
	Muito alterado		Em arruinamento		
	Descaracterizado		Arruinado		

10. IMAGENS	
	
	
11. DADOS COMPLEMENTARES	
11.1. Informações Históricas (síntese)	
A Companhia Agrícola Rio Tibiriçá foi fundada em 1928, na Zona Rural de Gália no período da última expansão cafeeira da década de 1930.	
Segundo Gomes (1997) até meados da década de 1930 a Companhia não possuía um edifício para as atividades religiosas, que começou a ser idealizado após a chegada do italiano Humberto Celi à Companhia, conforme conta o construtor José Maria Filho:	
"Foram poucas horas de conversa e decidiu-se pela construção da igreja", disse o construtor. Primeiramente foi escolhido o lugar mais alto na sede da fazenda, a São João do Tibiriçá. Logo depois, iniciaram-se os trabalhos, comandados pelo chefe geral de construção José Zarchelo e os pedreiros da própria companhia. Em pouco mais de trinta dias a igreja estava pronta (GOMES, 1997, p.45).	
De acordo com Pontes e Barnezi (2001) a inauguração da Capela da Companhia Agrícola Rio Tibiriçá ocorrera em 1935, pelo Cardeal de São Paulo, que rezou a missa.	
A Capela era local de casamentos, batizados, missas e festas de São João até a década de 1990, quando a fazenda que já sofria as consequências da crise cafeeira, cessa suas atividades e cai no esquecimento.	
11.2. Outras informações (especializadas, temáticas...)	
A festa de São João (padroeiro da Capela) era, segundo antigos moradores da Fazenda São João do Tibiriçá, a festividade mais comemorada; realizavam também encenações da paixão de Cristo.	

11.3. Referências Bibliográficas	
BENINCASA, Vladimir. Fazendas Paulistas : arquitetura rural no ciclo cafeeiro. Vol. II. 2007. 667f. Tese (Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.	
CARVALHO, Hamilton. Companhia Inglesa - Memórias da Fazenda São João (1944/1954). Piramba-MTB, 2016. Disponível em: < https://pirambamtb.com/2016/06/05/companhia-inglesa-memorias-da-fazenda-sao-joao-19441954-por-hamilton-carvalho/ >. Acesso em: 03 abr. 2019.	
GOMES, Alessandro. Sete seções, uma saudade... a história da Companhia Agrícola Rio Tibiriçá – a Londrina que não deu certo. 1997. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de Bauru, Bauru, 1997.	
GOMES, Alessandro; LOURENÇÃO, Alexandre. Companhia Inglesa: História, cultura e muitas saudades. Jornal Comarca de Garça , Garça, 2 ago. 1997. p. 6 e 7.	
PONTES, Maria Zélia Sellani; BARNEZI, Rosemary Gattás. Doces lembranças de outrora : povoamento do Vale das Antas, 1845-1950: Gália e Fernão Dias. Bauru-SP: Joarte, 2001.	
UZAI, Marcelo Nivaldo. O fascínio do sonho inglês nos trópicos : Memórias sobre a Companhia Agrícola Rio Tibiriçá - Gália-SP (1930-1960). 1996. 76f. Monografia (bacharelado) – FFC/ UNESP, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 1996.	
ZIBORDI, Marcos. Companhia Inglesa: Portas da história. Jornal da Cidade , Bauru, 6 set. 1998. p. 19.	
12. PREENCHIMENTO	
12.1. Responsável	12.2. Data
Adenir Gomes da Silva Filho	08/12/2019

1. IDENTIFICAÇÃO									
1.1. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)									
Região Sudeste, Estado de São Paulo, Município de Gália-SP.									
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)									
Ciclo cafeeiro no estado de São Paulo									
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)									
Capela de São João ou “Igreja dos Ingleses”.									
2. PLANTA / CROQUI DE IMPLANTAÇÃO NO TERRENO				3. IMAGENS / CROQUIS DAS FACHADAS					
									
									
4. TIPOLOGIA		5.ÉPOCA/ DATA DA CONSTRUÇÃO		6.TOPOGRAFIA DO TERRENO		7. PAVIMENTOS			
X	Religiosa	Meados de 1930		Plano		Acima da rua (nº)		01	
	Civil	8.USO ORIGINAL		Em aclave		Abaixo da rua (nº)		00	
	Oficial	Templo cristão secundário		X	Em declive	Sótão		Sim	X Não
	Militar				Inclinado	Porão		Sim	X Não
	Industrial	9.USO ATUAL		Acidentado		Outros		Sim	X Não
	Ferroviária	Sem uso		10. MEDIDAS GERAIS DA EDIFICAÇÃO [M]					
	Outra			Altura fachada frontal		16,6	Altura da cumeeira		10,0
11. OBSERVAÇÕES				Altura fachada posterior		8,0	Altura total		16,6
A Capela era local de casamentos, batizados, missas e festas de São João até a década de 1990, quando a fazenda cessa suas atividades e cai no esquecimento.				Largura		10,5	Pé direito térreo		6,8
				Profundidade		26,3	Pé direito tipo		6,8

12. FOTOS E ILUSTRAÇÕES DE DETALHES IMPORTANTES						
						
13. BREVE DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA						
Em estilo neogótico inglês em alvenaria de tijolo aparente, a Capela de São João possui nave única arrematada por uma ábside onde se localiza o altar-mor, ladeado pela sacristia e o santíssimo; na entrada, possui batistério e coro. Tem em sua fachada a presença dos arcos em ogiva, uma pequena rosácea e vitrais coloridos nas aberturas laterais; a fachada é ainda coroada por uma única torre sineira com cobertura em agulha.						
A Capela possui um trabalho no assentamento dos tijolos da alvenaria aparente, apresentando arcos ogivais em baixo relevo, frisos e contornos de aberturas. Outros elementos marcantes, característicos da arquitetura gótica são os contrafortes e pináculos. Externamente, o estado de conservação da Capela é precário, apresentando grandes fissuras em pelo menos uma parte de cada uma de suas fachadas, vitrais depredados e infiltrações localizadas em determinados pontos. O estado de preservação é íntegro ou quase inalterado, pois o edifício mantém praticamente as mesmas características de quando foi concebido.						
13.1. Paredes externas (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)						
As paredes externas são construídas em tijolos de barro vermelho com dimensões aproximadas de 27x13x6cm, assentados com argamassa de cimento na técnica de “ajuste inglês”; paredes autoportantes, conta com alguns contrafortes que ressaltam em sua volumetria. Outros elementos como frisos, contornos e adornos não realizados em alvenaria. Conforme mencionado anteriormente, determinados locais em algumas alvenarias da fachada possuem fissuras verticais, resultantes, possivelmente da grande carga de compressão apoiada.						
13.2. Cobertura (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)						
A cobertura da Capela, na sua torre, é realizada através de uma agulha em alvenaria; a Nave possui uma cobertura em três águas, com a cumeeira mais alta, encontra com águas furtadas a cumeeira da cobertura da abside do altar, também em duas águas, curvando-se para cobrir a meia circunferência que possui a abside. O santíssimo e a sacristia possuem coberturas independentes em duas águas congruentes. As telhas que cobrem a Capela são do tipo capa e canal em barro, sustentadas por ripas, caibros e treliças em madeira. Atualmente o estado de conservação do telhado é precário, várias telhas caíram ou estão ausentes e a estrutura em madeira é alvo de decompositores celulósicos.						

13.3. Aberturas e elementos integrados (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)			
As aberturas em arcos ogivais possuem singelos vitrais coloridos, com caixilharia metálica que continha os coloridos vidros; hoje são as peças mais depredadas do conjunto. O estado de conservação desses vitrais está em arruinamento, vários deles não possuem mais os vidros ou estão quebrados em sua maioria.			
13.4. Palavras-chave			
Capela de São João; Igreja dos Ingleses; Igreja da Cia Inglesa; Capela da Fazenda São João do Tibiriçá.			
14. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (ETNOLÓGICAS, ARQUEOLÓGICAS E OUTRAS)			
Conforme descrito na ficha M301, a festa de São João (padroeiro da Capela) era, segundo antigos moradores da Fazenda São João do Tibiriçá, a festividade mais comemorada; realizavam também encenações da paixão de Cristo.			
15. LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO EXISTENTE			
15.1. Planta (relacionar nomes)	15.2. Escala	15.3. Localização e base disponível	15.4. Data
Planta Baixa Nave	1:125	Acervo do autor	08/12/2019
Planta Baixa Coro	1:125	Acervo do autor	08/12/2019
Planta Cobertura	1:125	Acervo do autor	08/12/2019
Elevações (4)	1:100	Acervo do autor	08/12/2019
Cortes (3)	1:100	Acervo do autor	08/12/2019
Perspectivas (2)	S/E	Acervo do autor	08/12/2019
Axonometrica	S/E	Acervo do autor	08/12/2019
16. OUTROS LEVANTAMENTOS/ BASES DE DADOS			
16.1. Tipo	16.2. Quant.	16.3. Autoria, localização e base disponível	16.4. Data
Modelo Eletrônico	1	Acervo do autor - Arquivo SKP.	08/12/2019
Fotografias	120	Acervo do autor	11/09/2019
Registro do Imóvel	1	Oficial de Registro de Imóveis e Anexos da Comarca de Garça - SP - Acervo do autor	10/09/2019
Localização da Capela	1	Prefeitura Municipal de Gália - Acervo do autor	10/09/2019
17. FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS			
BENINCASA, Vladimir. Fazendas Paulistas : arquitetura rural no ciclo cafeeiro. Vol. II. 2007. 667f. Tese (Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.			
CARVALHO, Hamilton. Companhia Inglesa - Memórias da Fazenda São João (1944/1954). Piramba-MTB, 2016. Disponível em: < https://pirambamtb.com/2016/06/05/companhia-inglesa-memorias-da-fazenda-sao-joao-19441954-por-hamilton-carvalho/>. Acesso em: 03 abr. 2019.			

GOMES, Alessandro. Sete seções, uma saudade... a história da Companhia Agrícola Rio Tibiriçá – a Londrina que não deu certo. 1997. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de Bauru, Bauru, 1997.	
GOMES, Alessandro; LOURENÇÃO, Alexandre. Companhia Inglesa: História, cultura e muitas saudades. Jornal Comarca de Garça , Garça, 2 ago. 1997. p. 6 e 7.	
PONTES, Maria Zélia Sellani; BARNEZI, Rosemary Gattás. Doces lembranças de outrora : povoamento do Vale das Antas, 1845-1950: Gália e Fernão Dias. Bauru-SP: Joarte, 2001.	
UZAI, Marcelo Nivaldo. O fascínio do sonho inglês nos trópicos : Memórias sobre a Companhia Agrícola Rio Tibiriçá - Gália-SP (1930-1960). 1996. 76f. Monografia (bacharelado) – FFC/ UNESP, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 1996.	
ZIBORDI, Marcos. Companhia Inglesa: Portas da história. Jornal da Cidade , Bauru, 6 set. 1998. p. 19.	
18. PREENCHIMENTO	
18.1. Responsável	18.2. Data
Adenir Gomes da Silva Filho	08/12/2019

1. IDENTIFICAÇÃO			
1.1. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)			
Região Sudeste, Estado de São Paulo, Município de Gália-SP.			
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)			
Ciclo cafeeiro no estado de São Paulo			
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)			
Capela de São João ou “Igreja dos Ingleses”.			
2. CÔMODOS		3. PLANTA / CROQUI DE PLANTA BAIXA	
	2.1. Uso original	2.2. Uso atual	3.1. Pavimento
01	Nave	Sem uso	
02	Coro	Sem uso	
03	Batistério	Sem uso	
04	Altar	Sem uso	
05	Sacristia	Sem uso	
06	Santíssimo	Sem uso	
4. DIVISÓRIAS			
4.1. Tipo/ material	4.2. Cômodos	4.3. Acabamentos (descrever)	
Alvenaria em tijolos de barro	Nave	Divisórias internas em alvenaria revestida por argamassa e pintadas com tinta acrílica em tons de branco e azul. Em algumas paredes, parte do revestimento está ausente.	
	Batistério		
	Coro		
	Escadaria de acesso ao coro		
	Sacristia		
	Santíssimo		
5. PISOS			
5.1. Tipo/ material	5.2. Cômodos	5.3. Acabamentos (descrever)	
Contrapiso em tijolos	Térreo	Contrapiso em tijolos de barro, revestidos por uma fina camada de argamassa de cimento e finalizado com tinta grafite.	

Grelha em madeira	Coro	Estrutura do piso do coro composto por uma grelha em madeira revestida por assoalho em madeira, em péssimas condições de conservação por ter muitas peças ausentes.
6. FORROS		
6.1. Tipo/ material	6.2. Cômodos	6.3. Acabamentos (descrever)
Forro de pinus paulista	Altar, Coro, Escadaria de acesso ao coro, batistério, sacristia e santíssimo	Estrutura do forro em caibros de madeira, forro de pinus paulista pintado com tinta esmalte cinza. Os forros possuem um elaborado trabalho de carpintaria. Atualmente a conservação do forro está comprometida em alguns locais, apresentando infiltrações ou peças ausentes; estão ruindo ou inexistentes na sacristia e no santíssimo.
7. OBSERVAÇÕES (MODIFICAÇÕES, MARCAS, ETC...)		
A Capela aparentemente teve, no passado, repintura das paredes internas.		
8. BENS MÓVEIS E INTEGRADOS DE INTERESSE (MOBILIÁRIO, QUADROS, PEÇAS DE ARTE, ESCADAS, GUARDA-CORPOS, PINTURAS MURAIS, ETC...)		
No interior, destaca-se o altar em mármore, em bom estado de conservação; a escadaria do coro, com estrutura de madeira e revestida por forros de pinus paulista, em péssimo estado de conservação e os bancos originais em madeira, em sua maioria depredados.		
9. SELEÇÃO DE IMAGENS DO INTERIOR E DETALHES		

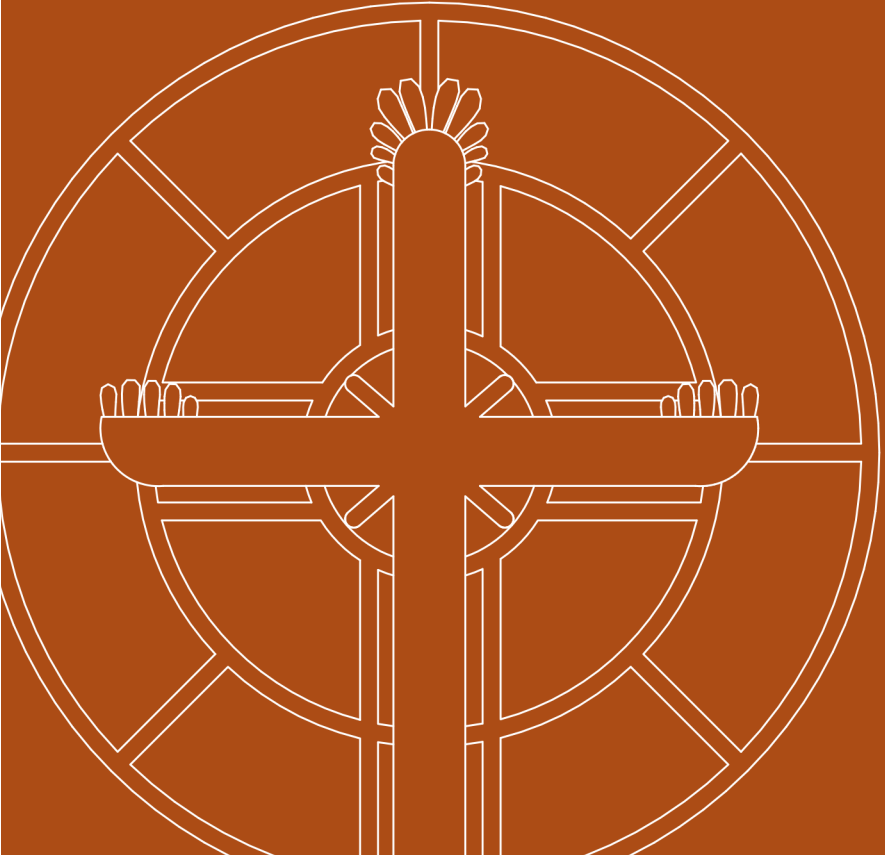
10. PREENCHIMENTO		
10.1. Responsável		10.2. Data
Adenir Gomes da Silva Filho		08/12/2019

1. IDENTIFICAÇÃO											
1.1. Recorte Territorial (Identificação da região estudada)											
Região Sudeste, Estado de São Paulo, Município de Gália-SP.											
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)											
Ciclo cafeeiro no estado de São Paulo											
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)											
Capela de São João ou "Igreja dos Ingleses".											
2. IMAGENS			4. DANOS ESTRUTURAIS		5. DEGRADAÇÃO DO MATERIAL			6. UMIDADE			
			4.1. Fissura	4.2. Existência de deformações	5.1. Revestimento	5.2. Estrutura da parede	5.3. Elementos da estrutura	5.4. Perda %	6.1. Infiltração ascendente	6.2. Infiltração localizada	6.3. Presença de vegetação
3. ESPAÇO AVALIADO											
3.1. Exterior	Fachada Principal		X			X				X	
	Fachada Lateral Direita		X	X		X			X		
	Fachada Lateral Esquerda		X			X			X	X	
	Fachada Posterior		X						X	X	
	Torres									X	
3.2. Interior	Nave	Paredes			X			<5%		X	
		Piso									
		Estrutura Piso									
		Forro									
	Capela Mor	Paredes	X		X			<1%			
		Piso			X			<5%			
		Estrutura Piso									
		Forro		X				10%		X	
	Coro	Paredes	X								
		Piso		X	X		X	20%			
		Estrutura Piso		X							
		Forro		X							

3.3. Cobertura	Cúpula / Abóbada															
	Estrutura do Forro		X	X				25%								
	Estrutura do Telhado			X												
	Entelhamento		X	X	X			10%		X						
7. OBSERVAÇÕES																
7.1. Exterior		Externamente, os problemas de conservação estão relacionados a fissuras, vitrais quebrados, infiltrações localizadas em áreas que houve a perda do telhamento.														
7.2. Interior		No interior os problemas de conservações estão relacionados à infiltração localizada; perda de parte do revestimento das paredes; forros com infiltração, ruindo ou ausentes. O santíssimo e a sacristia são os locais mais deteriorados, onde forro e estrutura do forro estão ruindo, a estrutura da cobertura com grandes deformações e entelhamento ausente em algumas partes. O coro e a escadaria do coro, em madeira, apresentam grandes deformações e peças ausentes.														
7.3. Cobertura		A estrutura da cobertura sofre por ataque de cupins, já perdeu a estabilidade estrutural e, deformadas, necessitam de escoramento nas treliças.														
7.4. Fundação		Não ouve uma análise de sondagem na fundação, no entanto, as grandes fissuras em algumas paredes demonstram que o edifício apresenta o recalque de parte da fundação em certas partes.														
8. AVALIAÇÃO OUTROS ELEMENTOS																
8.1. Elementos Artísticos e Integrados		Degradação	Perda de partes	8.2. Elementos Arquitetônicos		Degradação	Perda de partes	8.3. Instalações Prediais		Degradação	Perda de partes	Adequadas	Regular	Inadequadas		
Altar Mor		X	X	Escadas		X	X	Elétrica		X	X			X		
Retábulos				Esquadrias		X	X	Hidráulica						X		
Pinturas parietais				Guarda-Corpos		X		Sanitária						X		
Púlpitos				Grades				Incêndio						X		
Pintura de Forro				8.4. Sistema de Segurança									A	R	I	
Azulejaria				Presença de vigias												X
Sinos				Existência de sistema de alarme e/ou monitoramento												X
Outro:				Existência de sistema de proteção contra incêndio												X
9. OBSERVAÇÕES																
A Capela possui poucos elementos artísticos em seu interior. Internamente, não possui pinturas parietais, retábulos ou púlpito. Destaca-se os singelos vitrais coloridos, que estão quase todos quebrados ou faltando os vidros. Outro elemento único é um pequeno altar em mármore que teve parte dilapidado.																

10. OUTROS LEVANTAMENTOS E FONTES DE INFORMAÇÃO			
10.1. Identificação	10.2. Quant.	10.3. Localização e base disponível (digital, papel, etc...)	10.4. Data
Plantas Baixas	3	Acervo do autor	08/12/2019
Elevações	4	Acervo do autor	08/12/2019
Cortes	3	Acervo do autor	08/12/2019
Perspectivas	2	Acervo do autor	08/12/2019
Axonometrica	1	Acervo do autor	08/12/2019
Registro do Imóvel	1	Oficial de Registro de Imóveis e Anexos da Comarca de Garça - SP - Acervo do autor	10/09/2019
Localização da Capela	1	Prefeitura Municipal de Gália - Acervo do autor	10/09/2019
11. PREENCHIMENTO			
11.1. Responsável			11.2. Data
Adenir Gomes da Silva Filho			08/12/2019





CAPELA SÃO JOÃO

Salvaguarda e ressignificação das ruínas em um projeto de turismo rural.